

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

Paola Micotti

**A GUERRA DO PARAGUAI TEM ROSTO DE MULHER? - IMPRENSA, GÊNERO
E GUERRA**

**UBERLÂNDIA
2022**

Paola Micotti

**A GUERRA DO PARAGUAI TEM ROSTO DE MULHER? - IMPRENSA, GÊNERO
E GUERRA**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Cernic Ramos.

UBERLÂNDIA

2022

PAOLA MICOTTI

**A GUERRA DO PARAGUAI TEM ROSTO DE MULHER? - IMPRENSA, GÊNERO
E GUERRA**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Cernic Ramos.

Uberlândia, 24 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Cernic Ramos

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Pirola

Profa. Dra. Rosângela de Jesus Silva

AGRADECIMENTOS

Apesar deste trabalho ser de minha autoria, ele não existiria sem o auxílio e apoio de outros. Gostaria, assim, de agradecer algumas das pessoas que marcaram minha trajetória, dentro e fora da academia.

Agradeço, em primeiro lugar, as mulheres que compõem minha família e tornaram essa pesquisa possível. Agradeço a minha avó, Maria Cecília, por ler meus textos e, em meus momentos de dúvida sobre como escrever, ter me recomendado a leitura das obras de Machado de Assis.

À minha outra avó, Carmem Silvia, por ter cuidado de mim desde meus primeiros dias de vida até minha juventude, e sempre ter me impulsionado a seguir com fé e cabeça erguida.

À Ariane, minha mãe, exemplo de luta, força e amor, por nunca me deixar desistir e me ajudar a projetar um futuro melhor.

E, não poderia deixar de lado, minha irmã Kyra e minha prima Luisa. Uma nova geração de mulheres que trouxe renovação e esperança.

Deixo também meus agradecimentos aos meus companheiros de estudos e cotidianos nesses cinco anos de graduação. Um quarteto, no mínimo, simpático: eu, Fábio, Lara e Juliana. Compartilhamos sentimentos, ideias e confusões e, sem eles, não seria possível viver em Uberlândia ou produzir uma monografia.

Agradeço ao meu leitor privilegiado, Fabrício, que com respeito e amor teceu críticas aos meus textos e, ao mesmo tempo, me fez enxergar a historiadora curiosa e determinada que há em mim.

Meus obrigados também à Laura, *my partner in crime and life*, por, mesmo com 400 km de distância, demonstrar carinho e apoio cotidianamente.

E no que diz respeito a minha experiência enquanto graduanda na Universidade Federal de Uberlândia não poderia deixar de agradecer a todos os professores que fizeram parte da minha formação. Agradeço ao professor Deivy Carneiro por tecer críticas e elogios nos momentos certos e, constantemente, instigar o pensamento crítico.

Agradeço, em especial, minha orientadora, Ana Flávia. Obrigado por iluminar e me ajudar a traçar os caminhos da pesquisa com constante atenção, disposição e afeto. Agradeço também a banca avaliadora, Rosangela e Ricardo, pela leitura e pelos comentários tão frutíferos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar como a imprensa brasileira contemporânea ao conflito entre Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) e Paraguai, entre 1864 e 1870, comentou e noticiou a participação das mulheres paraguaias na guerra. Entendendo a imprensa enquanto um locus privilegiado de debates e disputas sociais, especialmente durante conflitos bélicos, tornando-se uma espécie de *front* de guerra nas discussões envolvendo identidade nacional, alteridade e construção do “Outro” inimigo, procuramos identificar e analisar de que modos as paraguaias foram forjadas nos escritos de jornalistas, militares e políticos do império brasileiro. A partir da análise de jornais brasileiros foi possível entender algumas das visões formuladas sobre estes sujeitos, bem como se aproximar, a partir de uma leitura das entrelinhas, dos trabalhos e ações cotidianas das mulheres paraguaias durante as diferentes fases do conflito.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; Guerra do Tríplice Aliança; mulheres paraguaias; nação; gênero.

ABSTRACT

This paper's main objective is to analyze how the Brazilian press contemporary to the conflict between the Triple Alliance (Brazil, Argentina and Uruguay) and Paraguay, between 1864 and 1870, commented on and reported the participation of Paraguayan women in the war. Understanding the press as a privileged locus of debates and social disputes, especially during war conflicts, becoming a kind of war front in discussions involving national identity, otherness and construction of the enemy "Other", we sought to identify and analyze in what ways Paraguayan women were forged in the writings of journalists, military personnel and politicians of the Brazilian empire. From the analysis of Brazilian newspapers, it was possible to understand some of the visions formulated about these subjects, as well as to approach, from a reading between the lines, the daily work and actions of Paraguayan women during the different phases of the conflict.

Keywords: Paraguayan War; War of the Triple Alliance; paraguayan women; nacion; gender;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 CAPÍTULO I: A IMPRENSA COMO FONTE PARA UMA HISTÓRIA DA GUERRA DO PARAGUAI	8
2 CAPÍTULO II: AMOR À PÁTRIA	27
2.1 A pátria, seus filhos e seus inimigos	29
3 CAPÍTULO III: AS MULHERES E O COTIDIANO DA GUERRA	41
3.1 A guerra e suas fronteiras de gênero.....	43
3.2 Batalhões de mulheres, tirania e escravidão	58
4 CAPÍTULO IV: VIOLÊNCIAS NO FRONT, NA IMPRENSA E NA HISTÓRIA 75	
4.1 Residentas e destinadas	75
4.2 O “espírito” de Mme. Lynch.....	90
4.3 Outros sujeitos e silêncios	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERENCIAS	120

INTRODUÇÃO

“Quero escrever a história dessa guerra. História das mulheres.¹”

Tradicionalmente, histórias de guerras foram e são, na maior parte das vezes, contadas e escritas por homens que, por sua vez, elegem outros homens como seus protagonistas. Diários, memórias, obras de arte, exposições e datas comemorativas feitas por, para ou sobre líderes masculinos, destacando suas versões dos episódios de guerra. Nessas narrativas, as mulheres são apenas pontualmente lembradas e tornam-se relevantes somente quando interagem com homens: uma enfermeira que cura o soldado, a mãe do soldado que chora pela ida de seu primogênito à guerra e a esposa que espera sua volta com o peito apertado. Mulheres que se encaixam nesses padrões existiram, mas não correspondem à heterogeneidade e aos diferentes rostos femininos que participaram de diversas maneiras de guerras e outros eventos bélicos.

Marcadas pelo esquecimento e silenciamento, as histórias protagonizadas por mulheres em meio às guerras representam um desafio para historiadores e historiadoras interessados no tema que poucas evidências parecem ter deixado. Fontes que versam sobre mulheres são, em geral, exíguas e tornam-se ainda mais raras durante conflitos bélicos. Assim, direcionando nosso olhar para a Guerra do Paraguai (1864-1870), também chamada de Guerra da Tríplice Aliança, Guerra Guasú ou ainda Grande Guerra, procuramos, por meio da imprensa brasileira contemporânea ao conflito, vestígios das experiências e histórias vivenciadas pelas mulheres, especialmente, as paraguaias. Mas, antes de apresentarmos um pouco do corpus documental analisado e a metodologia utilizada, vale citar algumas das obras que inspiraram e trouxeram novas questões sobre o tema para esta pesquisa.

Muitos dos estímulos para essa monografia tiveram origem na leitura de duas obras: *A guerra não tem rosto de mulher* (1985), de Svetlana Aleksievitch, e *¿La nación tiene cara de mujer? - Mujeres y nación en el imaginario letrado del Uruguay del siglo XIX* (1995), de María Inés de Torres². O primeiro livro citado é fruto de um grande número de entrevistas

¹ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.13.

² TORRES, María Inés de. *¿La Nación tiene cara de mujer? Mujeres y nación en el imaginario letrado del Uruguay del siglo XIX*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

realizadas pela escritora ucraniana com mulheres soviéticas que tiveram suas vidas diretamente afetadas pela Segunda Guerra Mundial. Entendendo que a guerra foi, durante muito tempo, contada somente pela “voz masculina”, Aleksievitch procurou, por meio da história oral, dar ouvidos às histórias e memórias femininas que ficaram por anos silenciadas³. Como a escritora argumenta, havia um grande “mundo invisível” que, por sua vez, era feminino e formado por vozes e faces heterogêneas. Ainda que as soviéticas tivessem agido como médicas, transportadoras, sapadoras, tenentes, entre outras funções militares, tipicamente tidas como “masculinas” durante conflitos, suas histórias, sentimentos e experiências foram consideradas subalternas. Essa foi, como Aleksievitch comenta, sua primeira surpresa com as entrevistas: as mulheres agiram *diretamente no front*. Foram, realmente, militares e não atuaram somente nos papéis geralmente atribuídos às mulheres.

Ao conversar e reviver com as antigas combatentes suas memórias sobre a Segunda Guerra, a jornalista consegue nos mostrar, por exemplo, como a guerra não era um espaço feminino. Muitas não tinham uniforme próprio e utilizavam peças masculinas, que não eram compatíveis com seus corpos. Também não tinham roupas íntimas, e muitas tiveram seu lado “biológico” afetado: nunca mais menstruaram e seus cabelos, ainda que fossem jovens, ficaram brancos. Não somente para as mulheres, mas para todos, como a jornalista ressalta, a guerra é desumana. Mas, entendendo os silenciamentos que as relações e papéis de gênero empreendem, a guerra vivida pelas mulheres necessitava de uma atenção especial. Com o fim da guerra e a vitória do Exército Vermelho sobre o nazista, as mulheres voltaram para suas terras, muitas vezes, devastadas. Ainda que vitoriosas, eram mulheres e, com o seu retorno com as tropas, foram chamadas, muitas vezes, de prostitutas e obrigadas a esquecer o passado da guerra. Suas histórias, assim, cheias de sentimentos e elementos sobre o cotidiano feminino naquele contexto tenebroso de guerra, ficaram, por décadas, silenciadas. Assim, é inegável como a obra de Aleksievitch deu luz a todo um universo que foi deixado de lado, e nos trouxe uma nova “lente” para entender as guerras, em especial, a guerra do Paraguai.

Já o livro *¿ La nación tiene cara de mujer? - Mujeres y nación en el imaginario letrado del Uruguay del siglo XIX*, com caráter mais teórico e acadêmico do que nossa primeira inspiração, é resultado da investigação feita por María Inés de Torres sobre a cultura

³ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher...Op. Cit.*, p.12.

letrada uruguaia no século XIX e o processo de construção da identidade nacional do país⁴. Embasada na teoria sobre a formulação da “comunidade imaginada”, formulada por Benedict Anderson, Torres propõe que o gênero também seja uma categoria analítica para entender a construção do Estado-Nação⁵. Entendendo que a construção do “Eu” e do “Outro” envolvem disputas políticas, sociais e culturais, a pesquisadora relaciona este processo de alteridade com as construções, também históricas, do gênero e da família patriarcal. Assim, para entender como o discurso nacional foi constituído, Torres ressalta que é preciso também compreender o discurso amoroso. Combustível do discurso nacional, a retórica amorosa relaciona os espaços público e privado, e o plano real com o alegórico⁶. A retórica nacionalista, segundo a pesquisadora, se utilizou do discurso amoroso para criar a noção de nação-família, de união entre todos principalmente contra inimigos externos. Há, como Torres comenta, em momentos de conflitos bélicos, a necessidade de formular um inimigo comum, e proteger a “honra” da pátria, bem como das mulheres reais. A nação se configura assim como uma “grande família” abstrata, marcado pelas ideologias patriarcais e nacionalistas⁷. Proposições que nos parecem interessantes, uma vez que evidenciam uma equação curiosa (e provocativa): se, por um lado, a mulher - a família - foram elementos fundamentais para a construção de uma retórica nacionalista e belicista, por outro, ela também representa o sujeito que rapidamente desaparece das memórias e dos eventos históricos contados sobre a guerra.

Desse modo, as leituras produzidas por estas mulheres envolvendo guerra, gênero e nação nos fizeram refletir e produzir questões voltadas para a guerra do Paraguai. Ainda que com um grande arcabouço teórico de pesquisas e investigações sobre o conflito, poucas foram aquelas que lançaram luz sobre a história das mulheres e de suas ações durante a guerra, especialmente para o caso das brasileiras. Como inferiu Margareth Rago, somente recentemente as mulheres têm sido inseridas na historiografia brasileira. Foram, durante muito tempo, figuras marginalizadas e não merecedoras de grandes atenções por parte dos

⁴ TORRES, María Inés de. *¿La Nación tiene cara de mujer? Mujeres y nación en el imaginario letrado del Uruguay del siglo XIX*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

⁵ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1993.

⁶ Como a autora ressalta, não se trata de uma ideia de amor que seja atemporal. Mas trata-se de uma concepção que surge na França no século XVIII e nasce da ideia de amor cortês, no qual o homem passa por diversas dificuldades para conquistar a mulher. As semelhanças entre discurso amoroso e discurso nacional também foram analisadas pela pesquisadora Doris Sommer a partir da cultura letrada e os romances fundadores da América Latina. Ver: SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte, UFMG, 2004.

⁷ TORRES, María Inés de. *Op Cit...*, p.43-44.

pesquisadores⁸. Pensando nesses silêncios ainda existentes na historiografia, questionamos se a imprensa brasileira teria comentado sobre as ações protagonizadas por mulheres durante o confronto. Os periódicos comportavam-se como um tipo de *front*, formulando a identidade nacional e, em paralelo, forjando o inimigo em comum. Dessa maneira, os jornais são documentos relevantes para encontrar vestígios sobre o passado da guerra, bem como para a análise do processo de alteridade e das relações de gênero presente naquele contexto. Analisando, assim, os jornais pensando na construção do “Outro” e nas disputas políticas que permeiam, nos chamou a atenção como as mulheres paraguaias tornaram-se pauta para jornalistas, militares e intelectuais que versavam sobre a guerra. Na leitura crítica da imprensa brasileira que narrou sobre esses sujeitos foi possível reconhecer as versões, revestidas pelo véu da nação e do gênero, produzidas sobre as mulheres paraguaias e suas ações. E, também, entender como falar sobre elas representavam construir sentidos políticos e sociais sobre a guerra, bem como sobre os papéis sociais relacionados ao sexo.

Procurando, assim, entender se e como os jornais brasileiros noticiaram e comentaram a participação das mulheres na Guerra do Paraguai, utilizamos o acervo virtual da Biblioteca Nacional Digital Brasil, com a plataforma Hemeroteca Digital Brasileira⁹, buscando notícias entre os anos de 1864 a 1870, ou seja, o período contemporâneo da duração do conflito. Nosso “referente constante”¹⁰, como dito anteriormente, foram as mulheres, em especial, as paraguaias. Para que esse corpus documental fosse levantado, mobilizado e analisado foi necessária a leitura do grande arcabouço teórico sobre o conflito. Com essa pesquisa teórica partimos para a Hemeroteca empreendendo palavras-chave como “mulheres paraguayas”, “paraguayas”, “tropas paraguayas”, entre outras. Esses termos, mais gerais do que específicos, nos permitiram um primeiro encontro com as menções feitas por brasileiros sobre as paraguaias. Analisar esse material promoveu um reconhecimento de outros termos ou de determinados momentos ou ações protagonizados pelas mulheres paraguaias. Assim, passamos a cruzar nossas primeiras impressões com a leitura da bibliografia sobre o tema e a utilizar novas palavras-chave ou relacionando mais de uma palavra como “bailes mulheres paraguayas”, “batalhões de mulheres”, “amazonas”, “destinadas”, “residentas”, entre outros.

⁸RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes(org.). *Cultura Histórica em Debate* São Paulo: UNESP, 1995.

⁹ Para saber mais, ver site da Hemeroteca Digital Brasileira: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> . Acesso em 7 de março de 2021.

¹⁰ ZICMAN, Renée B. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, v.4, p.89-102, 1985, p.95.

As referências às paraguaias nos interessaram pela complexidade que esses sujeitos representavam ao serem notadas pela imprensa brasileira (masculina), pois mobilizavam, a um só tempo, gênero, nacionalidade e raça em no contexto especial de disputa bélica. Foram, no total, 19 veículos de imprensa que mobilizaram, com diferentes frequências e modos, as figuras femininas. Dentre os jornais que falaram sobre as mulheres na guerra destacam-se, por exemplo, o *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro*, ambos da Corte, e também de outras províncias como *O Despertador*, de Santa Catarina. Na pesquisa, buscamos compreender como notícias sobre as mulheres circulavam entre os jornais e pelo Império. Para entender esse corpus documental, analisamos em quais jornais e em quais momentos da guerra as mulheres paraguaias foram mencionadas, cruzando nossas questões com a bibliografia e construindo uma análise quantitativa e qualitativa. Na tabela abaixo estão indicados os jornais manuseados e número de referências a mulheres encontradas em cada um deles:

Tabela 1: Relação entre quantidade de edições para cada jornal

Nome do periódico	Nº de edições
Pedro II	3
Noticiador de Minas	4
Publicador Maranhense	5
Correio Mercantil	6
Diário de S. Paulo	6
O Mercantil	6
Regeneração	7
Diário de Belém	8
Dezenove de Dezembro	8
O Ypiranga	9
Jornal da Victoria	10
Semana Illustrada	10
O Publicador	11
Jornal do Pará	11

O Cearense	12
Correio Paulistano	20
O Despertador	25
Jornal do Commercio	25
Diário do Rio de Janeiro	26
Total	212

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Procuramos, assim, compreender em quais jornais e regiões o tema das paraguaias e suas ações circularam. Notícias sobre estes sujeitos circularam com maior ênfase em periódicos da Corte, mas também encontramos uma certa frequência em diferentes províncias como São Paulo, Ceará, Pará e Santa Catarina. Jornais como *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio*, muitas vezes, tinham suas notícias e suas reportagens repercutidas e replicadas em outros periódicos. Nestes jornais era grande o número de correspondentes de outros países como Argentina ou Uruguai que versavam sobre a guerra e, nas entrelinhas, sobre as mulheres. A segunda tabela conta com o número de edições com referências a mulheres em cada jornal, ao longo de cada ano. A quantidade de edições analisadas, como visto abaixo, é crescente quando analisamos o período de 1867 a 1869. Cruzando a análise dos jornais com a bibliografia, acreditamos que uma das razões do aumento das menções às mulheres seja devido a maior participação destes sujeitos nos bastidores e no front de guerra. Como argumentou, por exemplo, Barbara Potthast, o número de mulheres atuando no campo, nas cidades e nos acampamentos se amplia a partir de meados de 1866¹¹. Encontramos um maior número de edições no ano de 1869, penúltimo do conflito, no qual as forças aliadas já tinham praticamente vencido a guerra, mas seguiam em busca do líder paraguaio e sua família que estavam em fuga. Com o Paraguai praticamente vencido, a imprensa brasileira noticiava os passos finais da guerra e mobilizava as imagens femininas para construir suas versões e balanços sobre o conflito que caminhava para o fim.

¹¹ POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas: varias roles y memorias femeninas de la Guerra de La Triple Alianza, *Revista Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.10 n.1, p.89-104, 2006.

Tabela 2: Relação entre a quantidade de edições por ano

Ano	Nº de edições
1865	18
1866	12
1867	29
1868	46
1869	94
1870	13
Total	212

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Tabela 3: Relação entre a quantidade de edições por província

Província	Nº de edições
Minas Gerais	4
Maranhão	5
Paraná	8
Espírito Santo	10
Paraíba	11
Ceará	15
Pará	19
São Paulo	35
Santa Catarina	38
Corte (Rio de	67

Janeiro)	
Total	212

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

Entendendo a imprensa como um campo de disputas, os comentários e narrativas feitos sobre as paraguaias não, em momento algum, são frutos da neutralidade ou imparcialidade¹². Nos inquietou, assim, notar que os jornais brasileiros comentaram sobre o “outro” do “Outro”: as mulheres paraguaias. Ainda que fosse possível uma aproximação da realidade das paraguaias a partir da leitura das fontes, cruzando nossa análise com a bibliografia, analisamos os jornais, as edições e as reportagens não como espelhos da realidade, mas como versões e construções com objetivos e intenções políticas. Como inferiu Renée Barata Zicman:

“Por outro lado devemos lembrar que na imprensa a apresentação de notícias não é mera repetição de ocorrências e registros mas antes uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações não são dadas ao azar mas ao contrário denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio “filtro”.¹³”

Dessa maneira, procuramos ler com olhar crítico essas fontes a partir do que estava contido e descrito nelas, bem como investigar os silêncios e as escolhas dos escritores, jornalistas e literatos que publicavam na imprensa. Nossos objetivos com a análise desses jornais foram, então, de entender de que maneiras esses sujeitos foram mencionados e como narrar sobre as mulheres paraguaias também criavam e moldavam os sentidos políticos e sociais da guerra. E, a partir de uma leitura crítica e a contrapelo dessas fontes, buscamos também compreender quais foram os trabalhos e ações protagonizados pelas paraguaias. Passamos, assim, a analisar não só as notícias, os pontos de vistas que jornalistas brasileiros construíaam do confronto e desses sujeitos, mas os vestígios das ações das mulheres na guerra.

Para atingir esses objetivos, essa monografia se encontra dividida em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “A imprensa como fonte para uma história da guerra do Paraguai”, foi dedicado a apresentar a teia de pesquisas e análises, principalmente no que diz respeito a historiografia brasileira, já realizadas sobre o tema. Procuramos apresentar ao leitor as

¹² DE LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.

¹³ ZICMAN, Renée B. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas...*Op. Cit.*, p.90.

diferentes questões, abordagens e fontes utilizadas pelos historiadores para compreender o conflito entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Mas, ainda que haja um grande arcabouço teórico sobre a temática, foi possível identificar que poucas pesquisas colocaram em posição de destaque e de protagonismo as histórias das mulheres que atuaram direta ou indiretamente durante o conflito. Dentre as “novas” fontes mobilizadas pelos historiadores para entender a guerra destaca-se a imprensa dos países envolvidos. Ressaltamos, assim, no capítulo de abertura da monografia, como as páginas dos jornais durante o confronto tornaram-se uma espécie de *front* e arma de guerra que construía sentidos e caminhos políticos, sociais e culturais.

Já no segundo capítulo, intitulado “Amor à Pátria”, buscamos colocar em evidência como os jornais brasileiros utilizaram da retórica da nação-família mobilizando, especialmente, o uso de alegorias femininas para forjar um inimigo nacional comum. Apresentamos, assim, narrativas visuais e textuais que circularam pelas páginas dos jornais brasileiros e que contaram com representações femininas. Essas imagens e representações foram, muitas vezes, baseadas nos papéis sociais relacionados ao sexo, tais como o casamento e a maternidade e, assim, conectavam o discurso amoroso com o discurso nacionalista. Por último, também apresentamos algumas das formas encontradas por mulheres brasileiras para demonstrar seu sentimento patriótico. Ressalta-se que as menções ao patriotismo das mulheres brasileiras publicadas na imprensa objetivavam atingir o público masculino, mas também destacavam as ações femininas na esfera pública.

O terceiro capítulo, “As mulheres e o cotidiano da guerra”, analisa como, numa leitura a contrapelo, podemos encontrar na imprensa brasileira os trabalhos e ações protagonizados pelas paraguaias na guerra, bem como nos permitiu uma aproximação do cotidiano destes sujeitos durante o conflito. Procuramos entender, amparados nas reflexões de Danièle Kergoat¹⁴, como se deu a divisão sexual do trabalho presente no Paraguai antes e durante a guerra, refletindo especialmente sobre a distribuição de instrumentos e armas. Também procuramos destacar os rumores envolvendo “batalhões de mulheres paraguaias” e entender a relação estabelecida pelos jornais brasileiros entre uma tirania/escravidão liderada por Solano López contra seu próprio povo.

¹⁴ KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do Trabalho e relações sociais do sexo. In: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise, DOARÉ, Hélène le. SENOTIER, Danièle. *Dicionário Crítico do Feminismo*, São Paulo, Editora Unesp, 2009.

Em nosso quarto capítulo, “Violências no *front*, na imprensa e na história”, nos dedicamos a compreender as violências que foram narradas e as que foram silenciadas pela imprensa brasileira. Analisamos, num primeiro momento, como os dois principais grupos sociais de mulheres paraguaias, gerados em consequência das supostas conspirações e julgamentos de possíveis traidores do governo paraguaio, as *residentas* e destinadas foram mencionados pelos jornais brasileiros. Entendemos que evidenciar as violências realizadas contra as paraguaias também representava omitir ou não destacar as possíveis truculências realizadas pelos soldados brasileiros contra o povo paraguaio. Destacamos também como Elisa Lynch, companheira do líder paraguaio, foi representada pelos jornais. Em muitos momentos, por ser uma mulher, estrangeira e envolvida na política, notamos que sua figura foi construída com ares misóginos e sexistas. Por último, buscamos contrapor nossas leituras dos jornais brasileiros com a análise da pintura de Pedro Americo Figueiredo e Melo, *Batalha de Campo Grande* (1871). A pintura faz referência à batalha ocorrida no dia 16 de agosto de 1869, na qual um grande número de crianças e mulheres combateram contra as forças aliadas. Entretanto, não é possível visualizar estes sujeitos na obra de Americo. Desse modo, procuramos, novamente, entender como os jornais brasileiros narraram sobre a presença de crianças no conflito e, especialmente, na Batalha de Campo Grande.

Esperamos, assim, que nossa pesquisa possa contribuir com os interessados no tema e que novas questões e investigações sobre história, imprensa e gênero possam surgir para expandir ainda mais o debate.

1 CAPÍTULO I: A IMPRENSA COMO FONTE PARA UMA HISTÓRIA DA GUERRA DO PARAGUAI

No dia 27 de setembro de 1865, o *Correio Mercantil*, um dos mais relevantes jornais do Império publicado na Corte, narrou em sua primeira página a história de Dona Mariana Amália do Rego Barreto, uma brasileira voluntária da pátria. O jornal noticiou a ação patriótica desta jovem que havia se apresentado como voluntária na semana anterior e, em meio a população aglomerada na praça da feira da cidade de Vitória, teria recitado uma “alocução excitando o patriotismo popular e convidando seus patrícios a seguir ao campo de batalha”¹. Na edição seguinte, mais detalhes são fornecidos ao leitor sobre D. Mariana: a moça contava com seus 18 anos e ao ver seus irmãos partindo para o confronto contra o Paraguai também procurou as autoridades para se apresentar como voluntária, fosse para “servir nos hospitais de sangue ou para tomar as armas e bater-se com os inimigos”. Também foi descrita como “senhora de costumes severos”, merecedora de “simpatias e respeitos de todos quantos a conhecem”². Um dos vestígios encontrados que apresentam a relevância que este caso de patriotismo feminino teve são os anúncios sobre a venda de retratos “fiéis” da voluntária da pátria publicados, por exemplo, no *Diário de Pernambuco*³.

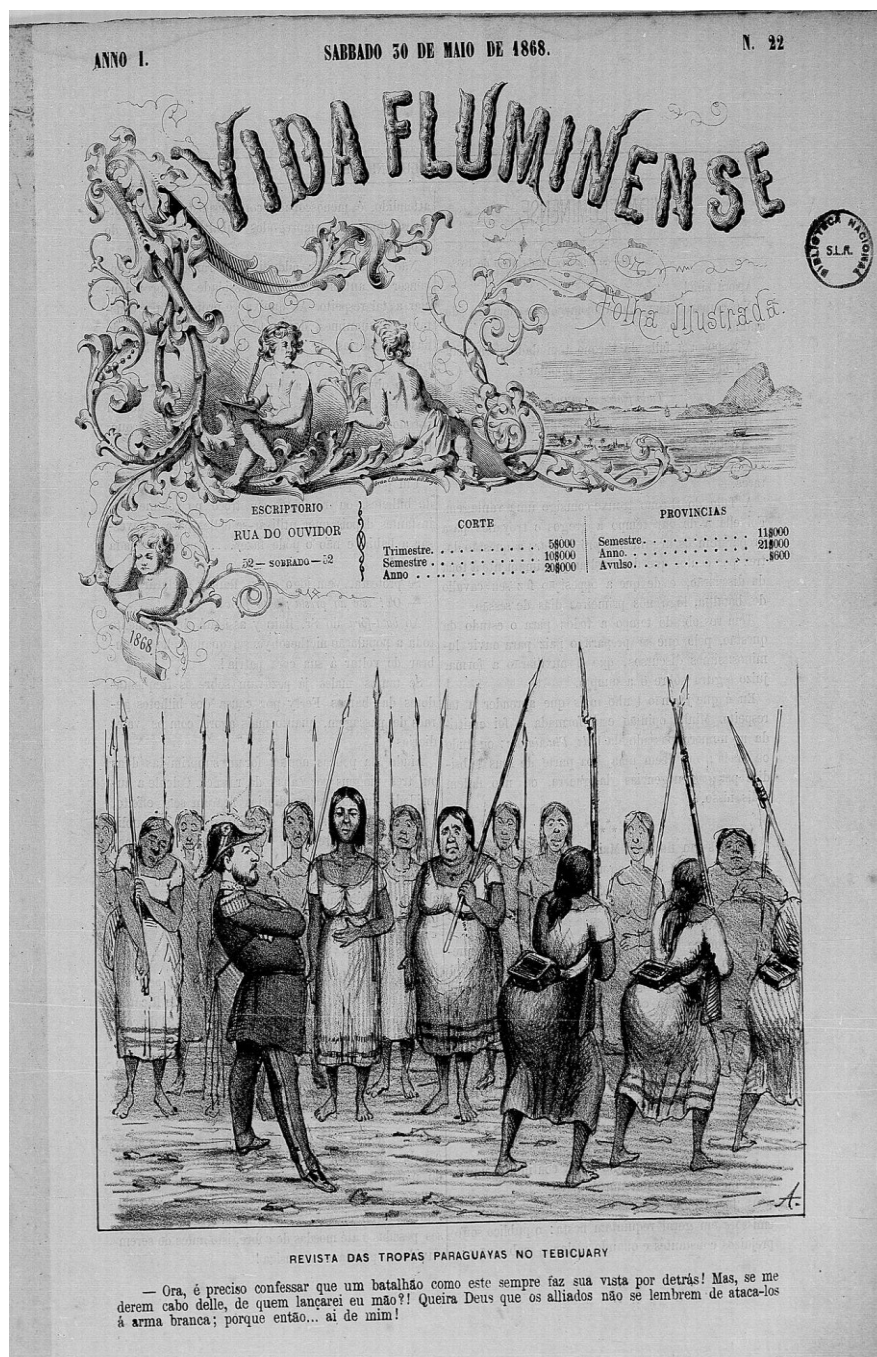
De modo semelhante à D. Mariana, outras mulheres se colocaram à disposição para servir a pátria, entre elas Jovita Alves Feitosa, Ana Néri e outras tantas que, por sua vez, não tiveram seus nomes gravados pelos memorialistas, bem como não foram notadas pelos pesquisadores do tema. Também não foram somente mulheres brasileiras narradas e lembradas pontualmente por jornalistas, caricaturistas e literatos que publicavam na imprensa brasileira durante o contexto da guerra. Um exemplo que podemos apresentar ao leitor é uma ilustração produzida por Angelo Agostini, artista italiano autor de caricaturas e imagens em diferentes jornais brasileiros. Trata-se de uma imagem publicada na capa da *Vida Fluminense* em 30 maio de 1868:

¹ “Correio Mercantil”, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 27 set. 1865, p.1.

² O jornal destaca a relação familiar entre a jovem voluntária e o Sr. Visconde da Boa Vista, o que nos indica um vestígio da importância política da família na qual ela estava inserida. Cf.: “Interior”, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1865, p.1.

³ A venda de retratos também aparece no *Correio Mercantil*, por exemplo. Cf.: “O fiel retrato da voluntária da pátria”, *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 out. 1865, p.3, “Retratos da distinta pernambucana”, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 3 nov. 1865, p.4.

Figura 1: “Revista das tropas paraguaias no Tebycury”, *A Vida Fluminense*, 30 mai., 1868.



É, no mínimo, intrigante observar esta ilustração e identificar que Agostini posicionou em local de destaque a possível existência de um batalhão composto somente por mulheres e de nacionalidade paraguaia. Dessa maneira, surgiram questionamentos sobre quais foram as motivações e o contexto histórico que levaram este artista, bem como outros

que atuavam na imprensa a registrarem as ações protagonizadas pelas mulheres paraguaias durante a guerra. Esta imagem é somente uma das fontes *brasileiras* que ressaltavam a existência de mulheres no *front* e, principalmente, elucidaram, mesmo que sem esta intenção, alguns dos papéis desempenhados pelas paraguaias ao longo do conflito. Evidências como estas de que mulheres participaram ativamente durante a guerra não são raras quando observamos periódicos e jornais ilustrados contemporâneos ao conflito. Todavia, para grande parte dos historiadores não houve expressiva mobilização das mulheres no confronto para que se investigasse como esses sujeitos foram noticiados e atuaram durante o conflito platino. Dessa forma, com objetivo de problematizar como as mulheres agiram e foram vistas, e também para compreender de que modos a historiografia brasileira tem analisado a guerra foi preciso começar pela leitura e análise de pesquisas que já se debruçaram sobre a temática. Historiadores, jornalistas, antropólogos e outros pesquisadores que se dedicaram a estudar e investigar a Guerra do Paraguai por diferentes percursos e modos distintos resultando em um grande arcabouço teórico a ser considerado.

Começemos por um clássico sobre o tema, *O Genocídio Americano: a guerra do Paraguai* publicado em 1979 por Júlio José Chiavenato. Em seu livro, o autor defende que o conflito guiado pelo Brasil em conjunto com Argentina e Uruguai foi marcado pelos interesses políticos do Império Britânico para impedir os avanços das políticas antiliberais do país paraguaio⁴. A abordagem do jornalista sobre o evento bélico desloca o foco de figuras como Duque de Caxias enquanto heróis nacionais e aponta para o grande número de mortes de paraguaios no conflito. Publicada durante a Ditadura Militar no Brasil, a obra de Chiavenato foi recebida por intelectuais, políticos e militantes como um símbolo de luta anti-sistêmica e contra o poder militar vigente⁵. O livro foi considerado pelo Conselho Federal de Cultura, em 1980, como uma “distorção da História”⁶, uma narrativa subversiva que apresentou ideias antinacionalistas e “impróprias para a juventude universitária”. Partilhando argumentos com Chiavenato, o historiador León Pomer, autor de *La Guerra del Paraguay*:

⁴ A obra de Chiavenato foi publicada em 1979, no contexto da Ditadura Militar, e é considerada pelos autores de abordagens mais recentes como uma leitura revisionista da Guerra do Paraguai. CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*, São Paulo: Brasiliense, 1979.

⁵ QUEIRÓZ, Silvânia de. *Revisando a revisão: Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai de J. J. Chiavenato*, Porto Alegre: Editora Clube dos autores, 2014, p.12.

⁶ *Idem.*, p.129.

gran negocio! também considerou, à época, o conflito como uma tentativa de controle político britânico para destruir a ameaça que o Paraguai poderia se tornar⁷.

As abordagens de Chiavenato e Pomer são classificadas por Francisco Doratioto e Ricardo Salles, historiadores que fazem parte de uma geração mais recente e que produziram novas leituras sobre a guerra, como revisionistas e exageradas. Doratioto argumenta que estes estudos acabavam retirando o caráter histórico da guerra, tornando-a somente um mero reflexo das decisões britânicas. Chiavenato e Pomer, escrevendo a partir de suas visões do presente no qual viviam, produziram, de certa forma, análises muito marcadas por suas ideologias. Doratioto argumenta que a tese defendida por Chiavenato e Pomer não se sustenta, por exemplo, se analisarmos as fontes que relacionam a influência britânica no conflito e a condição do Paraguai pré-guerra. Ao contrário do que defendiam os revisionistas, a Inglaterra tinha relações amistosas com o país guarani que, em determinado momento, chegou a importar tecnologia e treinamento dos ingleses para aprimoramento de seu exército⁸.

A obra *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai* escrita por Francisco Doratioto, por sua vez, conta com uma vasta quantidade de documentos e uma análise profunda sobre os aspectos geopolíticos, sociais e, em certos momentos, culturais da guerra⁹. Doratioto produziu um panorama detalhado sobre o conflito, enfatizando as relações diplomáticas entre os países, os posicionamentos e condições envolvendo as batalhas e as consequências políticas das escolhas feitas pelas diferentes lideranças. Assim como Doratioto, André Toral, Mário Maestri e Ricardo Salles também revisitaram a historiografia nacional antecedente sobre o tema e produziram novos estudos que renovaram a escrita sobre

⁷ Os autores defendem que o Paraguai era um país em ascensão econômica, com níveis altos de alfabetização e renda, tornando-se uma potência contra os interesses do imperialismo britânico. A obra de Pomer foi publicada em 1968. Ver: POMER, León. *La guerra del Paraguay: ¡gran negocio!*, Buenos Aires, Ed. Caldén, 1968.

⁸ O historiador indica que é equivocada a ideia de que o Paraguai era uma potência no período pré-guerra. Ao analisar os dados econômicos e sociais do país, Doratioto desmente os argumentos defendidos pelos revisionistas de que o país contava com educação avançada, igualdade social e grande industrialização. Grande parte da argumentação dos revisionistas se dá pela participação de Edward Thornton, representante britânico em Buenos Aires, para a articulação do Tratado de Tríplíce Aliança. O britânico, anteriormente, tentou acalmar os ânimos paraguaios e evitar que o conflito ocorresse. Mas, a participação de Thornton não é suficiente para comprovar a argumentação de intervenção britânica no conflito. Para saber mais, cf.: DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. Nuevos Mundos Nuevos*, Colóquios, 2009.

⁹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

o conflito¹⁰. Com as novas análises propostas, outros sujeitos tomaram o protagonismo nas linhas explicativas desses historiadores, entre eles estão: os voluntários, os escravizados, os jornalistas, os caricaturistas e os artistas.

Os documentos encontrados sobre a disputa bélica produziram nos pesquisadores a necessidade de realizar novos questionamentos que dessem conta de compreender a agência e as experiências vivenciadas por esses sujeitos durante o conflito. A grande quantidade de fontes iconográficas produzidas durante a guerra também chamou a atenção dos mais atentos para as disputas culturais que permearam o conflito platino. Toral, pioneiro nesta busca pela iconografia da guerra, realizou um amplo levantamento sobre diferentes fontes analisando documentos como jornais ilustrados, pinturas contemporâneas e posteriores ao conflito, bem como fotografias¹¹. As fontes utilizadas por Toral estavam em acervos dos quatro países envolvidos na guerra e eram documentos inéditos ou ainda não analisados até aquele momento. Uma das preocupações do pesquisador foi entender como as imagens foram usadas ou resultantes das disputas pela construção da identidade nacional dos países. Pensando a partir do conceito alemão *kultur*, discutido por Norbert Elias¹², Toral argumentou que os governos das nações envolvidas na guerra se preocuparam em formular as diferenças nacionais e a identidade de cada país¹³.

Em *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai* o pesquisador dedica um capítulo para discutir como nas páginas das folhas ilustradas dos países envolvidos na guerra foi possível identificar debates acerca da composição dos exércitos, das opiniões diversas sobre a condução da guerra e dos projetos identitários de cada nação¹⁴. Ao longo de sua duração, a guerra foi uma das principais pautas para jornalistas e caricaturistas que destinaram suas tintas para discutir sobre o andamento do conflito e as decisões políticas feitas pelos militares e líderes de cada uma das nações beligerantes. Na imprensa brasileira o autor destaca alguns periódicos como *O Cabrião* e a *Semana Ilustrada*, que utilizaram da

¹⁰ Ver: MAESTRI, Mário. *A Guerra no papel: História e historiografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*, Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990. TORAL, André Amaral de. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

¹¹ TORAL, André Amaral de. *Imagens em desordem... Op. Cit.*, p.23-24.

¹² Para saber mais sobre a discussão feita por Elias, ver: "Sociogênese da diferença entre "kultur" e "zivilisation" no emprego alemão" In: NORBERT, ELIAS. *O Processo Civilizador - Uma história dos costumes*, v.1 -2.ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

¹³ TORAL, André Amaral de. *Imagens em desordem...Op. Cit....*, p.150.

¹⁴ Para saber mais, Cf. TORAL, André Amaral de. "Guerra de imagens: a imprensa ilustrada entre 1864 e 1870" in *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p.57-76.

sátira e do humor para discutir os costumes, a política e o desenrolar da guerra. Conforme mudanças ocorriam no *front*, os jornais também foram modificando seus olhares e opiniões a respeito do conflito. A partir de 1866, por exemplo, a guerra que havia sido projetada como uma vitória rápida aos aliados parecia então nunca se resolver, transformando-se em alvo de críticas da opinião pública¹⁵. Toral argumenta que os periódicos mudavam de abordagem pois procuravam estar em sintonia com a opinião pública sobre a guerra moldando-se conforme as demandas. Assim, já em 1870, com a vitória dos aliados pela perseguição e assassinato de Solano López, os jornais ilustrados retomariam o triunfo das tropas aliadas e se distanciariam das críticas anteriores envolvendo o grande custo humano e econômico e a duração do conflito¹⁶.

Assim como os jornais brasileiros e argentinos, a imprensa paraguaia também se utilizava de imagens para fazer algumas de suas discussões políticas. Nos periódicos paraguaios era recorrente a presença de caricaturas que apresentavam o exército brasileiro com elementos racistas. Toral nos indica, por exemplo, um trecho do *Cabichuí*, jornal ilustrado que era impresso no quartel general paraguaio de Paso Pacu e circulava no exército do país, no qual o soldado brasileiro é definido como:

"La palabra guaraní *camba* se aplica a los negros, y más genérica y propriamente al esclavo. Hablar de un brasilero es, pues, hablar de un *camba* bajo el punto de vista de su color y de su condición de esclavo, y aun mas propriamente de un *camba* para representar la ruindad, la pequenez, la miseria, el amilanamiento de esa raza despreciable que hasta es una afrenta para la especie humana."¹⁷

A imagem do Império Brasileiro foi construída a partir da ideia de uma nação formada por negros escravizados e de “*diablos de macacos*”. As figuras da política também eram representadas como macacos, sendo o próprio Imperador Dom Pedro II chamado de *gran macaco*. As narrativas construídas nos jornais ilustrados paraguaios, como defendeu Toral, eram como uma “arma de combate”¹⁸. Em especial no caso paraguaio, as folhas impressas serviam como instrumento de pulverização das ideias e das ações do governo de López que buscavam evidenciar o sentimento patriótico e a necessidade de defesa nacional contra seus adversários. O pesquisador destaca que a produção dos jornais foi intimamente

¹⁵ *Idem.*, p.63.

¹⁶ TORAL, André Amaral de. *Op. Cit...*, p.61.

¹⁷ Tradução livre. Museo del Barro 1984, *Cabichuí*, n. 8, 1, *Apud.* TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 9, n. 24, Ago. 1995, p. 288.

¹⁸ TORAL, André. *Op. Cit...*, p.70.

relacionada com o governo de López, financeiramente e culturalmente¹⁹. Diferentemente dos jornalistas, literatos e artistas que atuavam na imprensa brasileira, os responsáveis pela produção, redação e ilustração dos jornais paraguaios eram soldados, participantes diretos no *front*. Toral afirma que a imprensa paraguaia se caracterizou pelo “jornalismo de trincheira”²⁰, no qual as publicações eram feitas e lidas pelos combatentes e chegando até mesmo aos combatentes do exército aliado. As informações presentes na imprensa paraguaia, como as legendas das imagens, eram feitas em guarani, espanhol e português²¹.

Conceitos que podem ser considerados abstratos, tais como liberdade, civilização ou barbárie, ganhavam sentidos práticos durante a guerra. Debates públicos sobre cidadania e o papel do Estado para a garantia da liberdade e individualidade circulavam pela imprensa brasileira. Dentre as disputas internas presentes nas páginas dos jornais e revistas estava o debate envolvendo o recrutamento dos (in)voluntários. O Império enfrentou dificuldade em encontrar voluntários para lutar contra a nação paraguaia e utilizou da força policial para conseguir homens e forjá-los como soldados²². O recrutamento forçado de homens pobres, libertos e ex-escravizados para compor o exército provocou a sátira por parte de artistas nas páginas dos jornais brasileiros.

Ao analisar os trabalhos feitos por Angelo Agostini, caricaturista que atuou em jornais como *O Cabrião* e o *Diabo Coxo*, o historiador Marcelo Balaban analisou os modos pelos quais o artista abordou o recrutamento forçado em suas caricaturas²³. Agostini, por meio da sátira e das caricaturas, criticou jornais importantes como o *Diário de S. Paulo* e o *Correio Paulistano*, que então defendiam o discurso oficial de patriotismo e da honra nacional. Estes dois últimos veículos de imprensa, assim como outros que veremos, construíram a imagem de uma nação paraguaia movida pela tirania. Porém, como alertou Agostini, não denunciavam a sociedade escravista e as ações anti-liberais feitas pelo império para o recrutamento. O artista, como argumentou Balaban, indicou, “de modo nada sutil”²⁴, como o Diário era um periódico escravista. Para o pesquisador, as imagens produzidas por

¹⁹ Como Toral analisou, os jornais paraguaios passavam por um processo de censura e vigilância feita pelo governo lopizta. Em paralelo, a imprensa também recebia financiamentos e propostas para publicações.

²⁰ *Idem.*, p.73.

²¹ TORAL, André Amaral de. *Op. Cit...*, p.69.

²² Segundo Ricardo Salles, a guerra não era um tema completamente popular. Não houve uma grande e espontânea vontade por parte das camadas populares que “sempre fora excluída e desprezada socialmente pelas autoridades e instituições do Império”. Ver: SALLES, Ricardo. *Op. Cit...*, p.158.

²³ BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*, Campinas, SP, Editora Unicamp, 2009.

²⁴ *Idem.*, p.143.

Agostini procuravam discutir não somente sobre a condução e os caminhos da guerra, mas atribuíam criticamente às dificuldades em vencer o conflito contra o Paraguai ao sistema escravista que se mantinha e suas conseqüentes desigualdades presentes na sociedade brasileira. A investigação feita por Balaban é parte componente do grupo de pesquisas que analisaram fontes ainda não consideradas por outros pesquisadores como a imprensa, principalmente a ilustrada, que conduziram os historiadores para caminhos inéditos de análises sobre a guerra e as discussões públicas tecidas no desenrolar do conflito.

A escravidão era uma questão presente nas discussões feitas nos periódicos brasileiros e um importante aspecto satirizado pela imprensa paraguaia com objetivo de ridicularizar o Império e seu corpo de defesa. Mesmo que aliado da Argentina, o Império também foi ironizado pelos jornais argentinos. Como investigou Maria Victoria Baratta, periódicos como *El Pueblo* apontavam para a desconfiança argentina em relação ao seu aliado, provocando debates que criticavam Bartolomeu Mitre e o tratado de união com o Império brasileiro. O país chamado de “irmão” pelo *El Pueblo* e pela *La America* era a República Paraguaia, enquanto o Império era construído como uma nação escravista, que conduzia uma guerra hipócrita. Segundo a professora, a hipocrisia ou “amarga ironia”²⁵ presentes nas narrativas feitas pelos periódicos residia no fato “de um império escravista levar adiante uma guerra por liberdade”²⁶.

Como analisou Baratta, a guerra não foi popular na opinião pública argentina. Com a divulgação do Tratado da Tríplice Aliança, que foi firmado em 1º de maio de 1865, pelo periódico argentino *La America* pouco tempo depois, os ânimos nacionais e as críticas ao Império afloraram. A união com o Império era incompatível com a identidade argentina, pois se tratava de uma nação que não havia passado por uma revolução, não era uma república, não tinha o espanhol como idioma, entre outras diferenças. Baratta defende que a escravidão era um tema importante nas críticas produzidas pelos argentinos sobre o Império brasileiro. O sistema escravista não era visto pelos argentinos somente como uma parte do sistema econômico, mas também era entendido pela opinião pública, forjada nos jornais, como parte dos costumes, dos hábitos e dos sentimentos dos brasileiros. A partir da ideia de “comunidade imaginada”, formulada por Benedict Anderson, Baratta também destaca como os periódicos

²⁵ Foi por meio do periódico *La America* que o Tratado da Tríplice Aliança se tornou público. Ver: BARATTA, María Victoria. ¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay (1864-1870), *Revista de História USP*, São Paulo, n. 172, p. 43-75, jan.-jun., 2015.

²⁶ *Idem.*, p.8.

foram palco e protagonistas das disputas envolvendo a identidade nacional argentina. Ao tecer críticas sobre a união com o Império, os jornais apresentavam as feridas internas e os antagonismos presentes na própria Argentina²⁷. Como outros pesquisadores investigaram é importante destacar aqui como a imprensa foi uma arma utilizada tanto pelo governo e apoiadores da guerra quanto por aqueles que eram opositores da união entre Argentina e Império, ambos amparados em um grande apelo para o sentimento nacional²⁸.

A construção da nação, da “comunidade imaginada”, como definiu Benedict Anderson, envolve a formulação de uma relação de fraternidade entre indivíduos que se unem e se integram, estabelecendo diferenças culturais e sociais que produzem limites entre as comunidades²⁹. Anderson nos indica que as raízes culturais para a elaboração da nação, um fenômeno da modernidade, estão presentes nos sistemas culturais do reino dinástico e da comunidade religiosa³⁰. Na consolidação do sentimento nacionalista, projetos identitários antagonistas provocam disputas internas pela definição e invenção dos aspectos sociais, culturais e religiosos que unificam a nação e os sujeitos que a compõem. A construção da identidade nacional se configuraria, assim, construindo o Nós, os sujeitos que fazem parte da Nação. A composição do “Nós”, pressupõe, por sua vez, o reconhecimento e formulação de diferenças com um “Outro”. Tal movimento é fundamental para entender as construções simbólicas feitas pela imprensa durante a guerra e que foram entendidas como instrumentos políticos fundamentais para forjar as identidades nacionais dos países envolvidos.

Tiago Gomes de Araújo também investigou o conflito a partir da chave da nação e do sentimento de identidade nacional³¹. O historiador realizou suas análises a partir de um corpo documental composto por obras de literatos contemporâneas e posteriores à guerra, lembranças da marinha, memórias produzidas por combatentes e cartas de indivíduos que foram testemunhas do evento bélico. Analisando crônicas machadianas publicadas no início do conflito, nas quais Machado de Assis utilizava o pseudônimo *Bruxo do Cosme Velho*, Araújo argumenta que o literato se preocupou em ressaltar a necessidade de uma união nacional contra um inimigo comum. Movido pela emergência da guerra e pela necessidade de

²⁷ *Ibidem.*, p.31-32.

²⁸ BARATTA, María Victoria. *La guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional*, 1ª ed, Ciudad Autónoma de Buenos Aires : SB, 2019.

²⁹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1993.

³⁰ Para saber mais, ver segundo capítulo da obra de Anderson, “As Raízes Culturais”. *Idem.*, p.26-62.

³¹ ARAÚJO, Tiago Gomes de. *A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Tese Doutorado, Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB), Brasília, 283 p. 2012.

voluntários para o *front*, Machado de Assis teria, segundo o autor, se preocupado em construir o Brasil como um país invadido pelo Paraguai. Em seus escritos, o literato teria tentado alertar sobre a urgência da união dos brasileiros pela defesa da nação. As crônicas machadianas de 1864 e 1865, publicadas na imprensa, como analisou Araújo, indicariam “altas doses de patriotismo”³².

Procurando reconstruir a opinião do literato sobre o conflito e sobre a nação brasileira, Araújo analisou também os contos “Troca de Datas” (1883), “Uma Noite” (1895), “Um Capitão de Voluntários” (1906) e o romance *Iaiá Garcia* (1878). O historiador nos apresenta a trajetória de mudanças nas concepções de Machado sobre a guerra. Nessas produções posteriores ao conflito, as motivações para os personagens irem ao *front* lutar contra os paraguaios são puramente pessoais e distantes do patriotismo. O escritor promoveu em seus escritos, como analisou Araújo, questionamentos sobre a identidade da Nação brasileira e de quem eram os componentes do país, indicando que o Brasil “não parecia ter adeptos fiéis, mas sim, amantes temporários”. Para além das produções de Machado de Assis, o historiador também investigou os escritos e as interpretações feitas por Visconde de Taunay e outros contemporâneos ao conflito. Araújo analisou ainda obras como *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai* e *Diário do Exército, campanha do Paraguai, 1869-1870*, produzidas por Taunay. Em *Retirada da Laguna*, romance histórico publicado em 1871, Taunay, segundo ele, mobilizou questões envolvendo patriotismo, honra e pertencimento à nação brasileira. Ao longo de sua obra, o comandante reúne recordações que envolvem a dificuldade do exército e o drama e a dor que permearam a guerra. De acordo com Araújo, há uma insistência por parte do autor em apresentar tais dificuldades e em pontuar os sofrimentos experienciados³³. Para além das disputas vivenciadas na luta contra os soldados paraguaios, Taunay também apresentou a mortalidade devido a doenças como a cólera, bem como a falta de alimentos que causou a fome das tropas e dos sujeitos que as acompanhavam. A guerra que fora permeada por árduos desbravamentos do território paraguaio e difíceis batalhas era também onde a honra do país estava em jogo, segundo Taunay.

A redação do *Diário do Exército* foi produzida por Taunay devido a uma demanda feita pelo Conde d’Eu, genro do Imperador D. Pedro II e comandante-em-chefe das forças

³² ARAUJO, Thiago Gomes de. *Op. Cit.*, p.47.

³³ *Idem*, p.69-72.

aliadas a partir de 1869, que requisitou ao militar que este registrasse o cotidiano do fim da guerra. O objetivo da escrita do Visconde de Taunay era, segundo Araújo, recordar e registrar as ações brasileiras durante o período entre abril de 1869 e março de 1870. Na obra, o militar destacou como a guerra contra a nação paraguaia foi uma disputa também com a natureza e as imprevisibilidades dos terrenos onde as andanças e os conflitos ocorreram. As belezas naturais e o meio ambiente que produziam frutos como “magníficos e umbrosos laranjais”³⁴ eram, em paralelo, o espaço de grandes dificuldades para os brasileiros. Há, assim, como analisou o historiador, uma grande ênfase de Taunay sobre como as condições climáticas, o meio ambiente e até mesmo a falta de preparo dos navios e das tripulações brasileiras para lidar com este cenário, elementos que não auxiliaram para que a vitória dos aliados fosse realizada com facilidade. Nesta mesma obra, Taunay teria ainda versado sobre a população paraguaia e sobre Solano López. Como argumentou Araújo, “as pretensas qualidades brasileiras foram exacerbadas nas experiências da guerra, nossas franquezas camufladas e escondidas pelas sugeridas imperfeições coletivas dos oponentes”³⁵.

Direcionando os aspectos negativos para a nação paraguaia, a brasilidade construída por Taunay era o polo oposto do conjunto que compunha o país inimigo. López era insistentemente caracterizado pelo militar brasileiro como tirano e um líder despótico responsável pelos danos e maus tratos contra a sociedade paraguaia. É muito importante destacar como Taunay registrou a intervenção feita pelo Império enquanto um ato de salvação da população paraguaia e como uma missão que levou a civilização ao país. O militar registraria em sua obra que a miséria no Paraguai era assustadora e as pessoas pareciam “esqueletos ambulantes que haviam chegado ao último estado de fraqueza e anemia”³⁶. Para além de alertar sobre o estado de pobreza da população e exaltar as ações imperiais, Taunay também mostrou espanto em relação aos paraguaios e as paraguaias que ainda apoiavam o governo de López. Sobre as mulheres paraguaias, o comandante-memorialista assustou-se com a grande quantidade destes sujeitos e suas experiências de dor, mas espantou-se especialmente com a maneira pela qual elas continuavam apoiadoras do governo paraguaio e das ações feitas por López. Taunay, ao referenciar o estado de miséria no qual as paraguaias encontravam-se, comentou que, mesmo com “dolorosas experiências”

³⁴ ARAUJO, Thiago Gomes de. *Op. Cit.*, p. 189-190.

³⁵ *Idem.*, p. 192-193.

³⁶ TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle, Visconde de. *Diário do Exército: Campanha do Paraguai 1860-1870*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002, p. 142, *Apud.*, ARAUJO, Thiago Gomes de. *Op. Cit.*..., p.194.

vivenciadas por estes sujeitos, elas se mantinham enquanto “entusiastas de todas as medidas sanguinárias do Ditador do Paraguai”.

Como articulou Araújo, as fontes memorialísticas analisadas procuraram indicar a guerra como algo que se impôs a todos e qualquer um sustentando uma tentativa de reforçar na população brasileira o sentimento de pertencimento à nação³⁷. A identidade brasileira na Guerra do Paraguai, como sugere o historiador, encontrou substrato “na encenação da existência social”³⁸, na qual os sujeitos e os papéis realizados por eles “se interpelam e se respondem livremente”³⁹ se encaixando em diferentes momentos. A identidade e a memória são conceitos construídos que se entrelaçam com intimidade e se apoiam na teia social do cotidiano desdobrando-se em comportamentos que envolvem patriotismo, bravura, coragem e heroísmo⁴⁰. Uma das principais conclusões do historiador é a multiplicidade de expressões e faces que compõem a identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai. Araújo apresentou como esse corpo de documentos produziu reflexos na instância social singular, bem como no tempo coletivo. Com diferentes formas e modos de apresentar a guerra, as memórias, as cartas, os diários e as reminiscências produzidas por participantes diretos e indiretos no conflito criaram narrativas que “num jogo de proximidade e distanciamento” opinaram e comentaram sobre o que significaria pertencer ao Brasil⁴¹.

Renovações presentes na historiografia brasileira sobre a temática da guerra foram possíveis por meio da utilização de novas fontes que, por sua vez, quando analisadas apresentaram a trajetória de diferentes sujeitos durante o conflito. Destacamos especialmente quantas novas abordagens surgiram nas pesquisas que procuraram ler a imprensa como palco, ou ainda como uma trincheira importante na Guerra do Paraguai. Todavia, mesmo com estas transformações, ainda é possível reconhecer que poucas pesquisas analisaram o tema por meio da lente do conceito de gênero. Até pouco tempo, as mulheres, brasileiras e paraguaias, foram posicionadas à margem e dos holofotes da escrita da história. Somente recentemente as pesquisas passaram a ter como objetivo a busca pelas histórias e ações protagonizadas por estes sujeitos. Dentre estas investigações, está, por exemplo, a análise pioneira feita por Alberto Moby Ribeiro da Silva. Em 1998, em sua tese intitulada *A Noite da Kygua Vera: A mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice*

³⁷ ARAUJO, Thiago Gomes de. *Op. Cit.*, p. 266.

³⁸ ARAUJO, Thiago Gomes de. *Op. Cit.*, p. 200.

³⁹ *Idem.*, p. 211.

⁴⁰ *Ibidem.*, p. 243.

⁴¹ *Ibidem.*, p.270.

Aliança (1867-1904), Silva questionou como as paraguaias atuavam, principalmente, a partir da ocupação aliada e na reconstrução política e social do Paraguai após conflito com o Império. Com a instalação do governo provisório e posteriormente de um governo liberal no Paraguai, o pesquisador questionou quais foram os mitos e as verdades sobre as paraguaias neste processo de regeneração do país⁴².

Segundo o pesquisador, com a queda de Solano López e a construção do governo provisório, os Aliados buscaram eliminar a cultura guarani que, na visão dos vencedores, representaria o atraso e a barbárie⁴³. Dessa maneira, as mulheres paraguaias foram as responsáveis, na leitura de Silva, pela tentativa de manter as tradições e a cultura de origem guarani em meio às reformas políticas e sociais de cunho liberal⁴⁴. É numa linha tênue e de luta entre a manutenção dos costumes guaranis e a introdução do liberalismo que as mulheres, grande parte da população paraguaia restante do pós-guerra, se encontravam. O pesquisador argumenta que sobre os ombros femininos foi lançada a tarefa de reconstruir o país paraguaio. Todavia, não se tratava de inseri-las no espaço público ou nas discussões políticas, mas de restringi-las ao espaço privado e doméstico. Segundo o pesquisador, era neste local, no ambiente voltado para o lar e a maternidade, que as mulheres encontraram a brecha para continuar alimentando a cultura guarani-paraguaia⁴⁵.

Outra pesquisa que priorizou o protagonismo feminino na guerra, desta vez de paraguaias e brasileiras, foi a investigação feita por Maria Teresa Garritano Dourado. Em sua dissertação de mestrado realizada em 2002, posteriormente publicada como livro, intitulada *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai*, a historiadora se debruçou sobre os silenciamentos e sobre a invisibilidade envolvendo as mulheres, suas ações durante o conflito e a escrita da história⁴⁶. Pensando nas diferentes mulheres que atuaram diretamente e indiretamente no conflito bélico, Dourado encontrou e analisou documentos que a aproximaram da vida das “senhoras respeitáveis”, bem como das “mulheres comuns”. O primeiro grupo era, em sua maioria, composto por esposas ou filhas

⁴² SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *A Noite das Kygua Vera: A mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra do Triplíce Aliança (1867-1904)*. 1998. 207 p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

⁴³ SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *A Noite das Kygua Vera: A mulher e a reconstrução da identidade nacional...Op. Cit...*, p.63.

⁴⁴ *Idem.*, p.36.

⁴⁵ *Ibidem*, p.130.

⁴⁶ DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai*. Dissertação de Mestrado em História pela UFMT, Dourados, 2002.

de militares que, por conta da influência e posição social, foram lembradas em memórias e diários de participantes da guerra como mulheres patriotas⁴⁷. Dentre estas senhoras temos, por exemplo, Ana Justina Ferreira Néri e D. Rosa Maria Paulina da Fonseca. Ana Néri foi viúva do oficial da marinha, e capitão-de-fragata Isidoro, Antônio Néri, e é comumente lembrada na memória nacional por seus serviços prestados durante a guerra como cuidadora nos hospitais⁴⁸. Já D. Rosa da Fonseca enviou seus sete filhos à guerra, sendo um deles Severiano da Fonseca, oficial de regimento, e outro filho, Manuel Deodoro, como a pesquisadora destaca, que futuramente se tornou Marechal Deodoro da Fonseca e proclamador da República⁴⁹.

Na “pura garimpagem” em arquivos, Dourado conseguiu esboçar alguns dos perfis das mulheres comuns que participaram durante o conflito. A historiadora encontrou, por exemplo, documentos relativos aos custos para socorro às famílias brasileiras que estavam presas no Paraguai e foram resgatadas pelo Exército Brasileiro⁵⁰. Segundo a autora, estes documentos indicam que os grupos resgatados eram, majoritariamente, representados pela mulher mais velha do núcleo familiar, de modo que as mulheres estavam, ao menos na documentação, em posição de destaque⁵¹. Por meio destas fontes, Dourado se aproximou, por exemplo, das vestimentas fornecidas pelo Consulado Brasileiro: chita, morim, algodão trançado e riscado, entre outros. Estes tecidos, como foi apurado pela pesquisadora, eram semelhantes aos utilizados pelos escravizados.

Outra fonte analisada por Dourado foram os requerimentos de pensão protagonizados pelas viúvas ou parentes próximas dos combatentes brasileiros que faleceram em combate. A partir da análise destes documentos a historiadora se propôs a traçar um perfil social dos envolvidos e se aproximar das suplicantes que pediam pelo benefício da pensão. Segundo a historiadora, se o Estado dava a possibilidade de indenização pela perda, “às mulheres cabia provar a sua relação de parentesco com o combatente para obter a indenização

⁴⁷ *Idem.*, p.13.

⁴⁸ Ana Néri, juntamente com seus três filhos, acompanhou o 40º Batalhão de Voluntários da Pátria. DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Op. Cit...*, p.77.

⁴⁹ Como Dourado apresentou, D. Rosa Maria foi apresentada em jornais importantes como a *Semana Ilustrada* enquanto uma mãe patriota que calou teu amor materno em prol do futuro da nação durante a guerra. *Idem.*, p.74.

⁵⁰ *Ibidem.*, p.52.

⁵¹ *Ibidem.*, p.57.

de meio soldo a que faziam jus"⁵². Analisando os requerimentos encontrados, totalizando quinze, Dourado identificou como a classe social influenciou nos processos e resultados dos pedidos feitos ao governo. A autora argumenta que as mulheres casadas com militares, políticos ou que de alguma forma tinham influência social foram referências como “Donas”. Estas mulheres recebiam esta espécie de titulação que indicava o status social de sua família que, por sua vez, auxiliavam estas viúvas a receberem com maior facilidade o benefício quando comparadas com as mulheres das camadas populares. Aquelas que não eram “Donas”, mas sim “Marias sem nome”, como comenta a historiadora, enfrentaram as dificuldades da guerra de sua posteridade, bem como foram vítimas das escolhas historiográficas que perpetuaram silêncios sobre suas histórias.

Já analisando especialmente as páginas da imprensa paraguaia em busca das mulheres do país guarani temos as investigações feitas pelo historiador Fernando Lóris Ortolan. O pesquisador se dedicou a analisar imagens femininas presentes nos periódicos paraguaios durante e após o conflito. Sobre o discurso patriótico que circulava nos jornais paraguaios, Ortolan argumenta que a imprensa buscou mobilizar não somente os homens, mas toda a sociedade paraguaia e, em especial, as mulheres. Dentre as representações encontradas, o pesquisador destaca, por exemplo, como as paraguaias foram construídas enquanto “guerreiras espartanas”⁵³ que teriam a função de patriotas exemplares para o restante da sociedade. Segundo o historiador, as demonstrações de patriotismo vindas das paraguaias, como doações de joias ou os pedidos para pegarem em armas e acompanharem os homens nos acampamentos e no *front*, apareciam na imprensa com certas doses de exagero objetivando servir de exemplo para toda a sociedade.

Outro objetivo na divulgação da mulher paraguaia enquanto defensora da nação e possível substituta dos homens no *front*, de acordo com a leitura de Ortolan, era “de impor medo ao exército inimigo, legitimando uma força substituta na Guerra”⁵⁴. Por meio das imagens e notícias que circulavam na imprensa do Paraguai, o autor argumenta que se tinha como objetivo formular uma memória heroica da mulher paraguaia e de seus atos. Como Ortolan comentou, elas passaram a ser consideradas *conciudadanas*, ou seja, o Estado passou

⁵²A pesquisadora analisou quinze requerimentos de pensão que estavam presentes no Arquivo Histórico do Exército (Divisão de História Militar). Estes documentos foram protagonizados por: nove esposas, quatro filhas e duas irmãs, *Ibidem.*, p.98-99.

⁵³ ORTOLAN, Fernando Lóris. Imagens do feminino na Guerra do Paraguai, *MÉTIS: história & cultura*, v.5, n.9, p.83-95, jan/jun, 2006, p.85.

⁵⁴ *Idem.*, p.89.

a observá-las com outros olhos, de maior legitimidade no cenário público, porém não ao mesmo nível dos direitos políticos masculinos. O autor discute então sobre esta criação da figura feminina paraguaia como aquela que para além de possível defensora e guerreira da nação, uma grande e forte mãe. Ortolan concluiu que estas representações acabaram por reforçar as relações patriarcais de modo que para as mulheres foi atribuído um maior número de trabalhos e, em contrapartida, não lhes foi ofertado nenhuma melhoria ou maiores direitos sociais e políticos⁵⁵.

Estas são algumas das investigações, sendo a maioria produzida recentemente, que optaram por investigar as histórias das mulheres e, assim, contaram com documentos inéditos ou que não haviam sido analisados intensamente, entre eles a imprensa. Os avanços proporcionados por essas pesquisas são de extrema relevância pois trouxeram novas questões e calcaram caminhos para que esta pesquisa, por exemplo, fosse possível. Ao mesmo tempo, também é necessário reconhecer que ainda assim poucos historiadores e historiadoras do Brasil se dedicaram a analisar como as mulheres atuaram, foram vistas e registradas durante o conflito.

Se por meio da imprensa paraguaia pesquisadores chegaram às narrativas e comentários sobre mulheres paraguaias e suas ações durante o conflito, a escolha para esta investigação foi de buscar por estes sujeitos na visão construída pelo “inimigo”, ou seja, a imprensa brasileira. Pensando no processo de alteridade, construção de si e do “Outro”, as páginas de jornais, revistas e folhas ilustradas que circulavam durante a guerra nos permitiram encontrar como as mulheres, brasileiras e especialmente as paraguaias, foram citadas, comentadas e narradas. Mesmo com os filtros que permeiam a imprensa brasileira, que muito interessaram a investigação, foi possível, por meio de uma leitura a contrapelo, nos aproximarmos de vestígios envolvendo estes sujeitos. Considerando que não encontramos pesquisas que procurassem intensamente pelas paraguaias por meio da imprensa brasileira, torna-se de grande relevância uma investigação que questione se houve uma mobilização dos jornais e revistas para discutir sobre suas experiências. Na tentativa desta leitura a contrapelo da imprensa, acreditamos que foi possível uma aproximação em torno das experiências destas mulheres, bem como das razões que provocaram os diferentes interesses brasileiros em versar sobre elas.

⁵⁵ *Ibidem.*, p.90-92.

Desse modo, nessa breve indicação das diferentes linhas de pesquisa que envolveram a guerra é notável a grande quantidade e qualidade de investigações realizadas sobre o tema. Entre os pesquisadores, mesmo com diferentes caminhos de análise, há uma concordância geral de que a guerra foi um importante momento para a formação política, cultural e social dos países envolvidos. A imprensa dos países envolvidos no conflito, foi, segundo essa historiografia, um *locus* privilegiado, semelhante ao *front* de guerra, das discussões feitas por caricaturistas, jornalistas, intelectuais e literatos que se propuseram a debater sobre a construção da identidade nacional e do sentimento patriótico. Na teia de debates presentes nas páginas dos periódicos, podemos analisar as disputas e os debates sobre as tentativas de definição de quem componentes da nação, bem como as tentativas de forjar quem era o inimigo nacional comum. Nas reflexões feitas por Eric Hobsbawm sobre as nações e o nacionalismo, o historiador comenta que é preciso compreender a “nação” enquanto uma entidade social historicamente construída, não uma relação natural ou imutável. A construção da nação, segundo Hobsbawm, é feita “pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendida sem ser analisada de baixo”⁵⁶. Compartilhando da perspectiva defendida pelo historiador, nos interessa compreender, a partir da visão dos de baixo, ou seja, das pessoas comuns, em especial, das mulheres paraguaias e brasileiras sobre a guerra. Hobsbawm comenta que é extremamente difícil encontrar evidências sobre as pessoas comuns, mas, a partir da metodologia levantada pelos historiadores sociais é possível investigar as ideias e as opiniões desses outros sujeitos.

Segundo Maria Helena Capelato, a imprensa “registra, comenta e participa da história”⁵⁷ e, aos olhos cuidadosos dos historiadores, deixa vestígios para uma possível reconstrução do passado. A imprensa é um campo fértil para os historiadores interrogarem o passado. Como visto na bibliografia citada anteriormente, os jornais e periódicos contemporâneos ao conflito permitem que os pesquisadores investiguem os processos de alteridade, de construção da identidade nacional e do “Outro”. Em nossa análise procuramos lançar luz para novos caminhos e novos sujeitos a partir de comentários e de narrativas presentes na imprensa brasileira sobre as brasileiras e as paraguaias. Buscamos direcionar nosso olhar para uma investigação sobre os sujeitos de baixo e ainda pouco discutidos na historiografia, as mulheres brasileiras e paraguaias, questionando como elas atuaram e se

⁵⁶ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1760: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 19-20.

⁵⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p.13.

posicionaram em relação à guerra. Pretendemos investigar e compreender como as ações realizadas por esses sujeitos foram interpretadas e divulgadas pelos periódicos brasileiros, entendendo como as páginas dos jornais mobilizaram categorias como gênero, nacionalidade e raça. Ao investigar as menções e as interpretações feitas sobre as mulheres podemos entender como elas eram reconhecidas pela opinião pública brasileira e investigar quais eram as expectativas sobre os trabalhos, os comportamentos e os papéis sociais que esses sujeitos poderiam ou deveriam desempenhar durante o conflito.

Palco de disputas políticas e sociais, as páginas de jornal continham em si diferentes projetos de nação e de sociedade para o Brasil que incluíam, entre outros, expectativas em relação ao papel da mulher naquele mundo. Como pensado por Tânia de Luca, a imprensa não pode ser vista somente como uma forma de comunicação ou de circulação de informações, mas é preciso entender e historicizar os jornais, as notícias, a materialidade da imprensa e também “as funções sociais desses impressos”⁵⁸. Tendo em vista tais discussões, tentaremos compreender de que maneiras as mulheres paraguaias foram inseridas nestas esferas do debate público por meio da imprensa brasileira e como isso pode ser relacionado a identidade nacional. As indicações, comentários e narrativas presentes nas páginas de jornais sobre estes sujeitos, nos instigaram a investigar como a categoria de gênero fez parte da construção do “Outro” forjada na imprensa. Procuramos entender as formulações em torno do “Outro”: as paraguaias. Vestígios do cotidiano, a imprensa nos possibilitou investigar tanto as maneiras pelas quais os papéis assumidos pelas mulheres na guerra foram interpretados por redatores, intelectuais e jornalistas, quanto às funções e os trabalhos realizados por estes sujeitos ao longo do conflito, uma vez que estes apareciam em artigos e reportagens sobre o confronto. Mesmo que formuladas por brasileiros que contavam com suas lentes de alteridade que também muito nos interessam, as fontes encontradas nos possibilitam refletir sobre as experiências comuns vivenciadas pelas mulheres durante a guerra nos “bastidores” e também no *front* de guerra.

⁵⁸ LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, pp.111- 153.

2 CAPÍTULO II: AMOR À PÁTRIA

“O primeiro batalhão de voluntários retrogradou até Alegrete onde chegou tão desanimadamente que metia pena, apareceram antes mulheres a quem Deus não fez para a guerra, do que homens; agora já voltam muito reduzidos, talvez com o Leiria e o Tristão José Pinto à frente da bela cavalaria de S. Gabriel que vão reunir-se em Canavarro.”¹

Maria Inês de Torres, ao analisar a cultura letrada uruguaia no século XIX e o processo de construção da identidade nacional daquele país, argumentou que a categoria de gênero está intimamente associada ao processo político e simbólico presente na formação da “comunidade imaginada”². As construções culturais que culminam no gênero envolvem, segundo ela, um conjunto de crenças, atribuições de papéis e trabalhos, e expectativas formuladas no social e no cultural. O gênero, juntamente com a imagem patriarcal, são produtos das relações sociais e de poder constituídos por meio da cultura e dos percursos históricos, não atributos biológicos, físicos ou naturais da humanidade. Como argumentaram Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, a pesquisa histórica que se propõe a investigar tais questões, por meio da lente do gênero, deve se atentar para afastar-se do fantasma da naturalização dos papéis sociais relacionadas ao sexo³. Partindo do conceito de “comunidade imaginada”, pensado por Benedict Anderson, Torres propõe que o discurso amoroso também faça parte das indagações sobre a construção do Estado-nação e do patriotismo⁴. Isso porque esse discurso, segundo ela, fundamentado na concepção de amor e a paixão que tem origem no século XVIII, e que se caracterizou como cortês, tornou-se um combustível para o discurso nacional⁵. Partindo desta ideia, a pesquisadora argumenta sobre como a retórica nacionalista se utilizou do discurso amoroso, de modo que o amor se entrelaçasse com a

¹ “Notícias da Guerra”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 15 ago.1865, p.2.

² TORRES, María Inés de. *¿La Nación tiene cara de mujer? Mujeres y nación en el imaginario letrado del Uruguay del siglo XIX*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

³ SOIHET, Rachel, PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero, *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, no 54, p. 281-300 - 2007, p.288.

⁴ TORRES, María Inés de. *Op. Cit...*, p.20.

⁵ Como a autora ressalta, não se trata de uma ideia de amor que seja atemporal. Mas trata-se de uma concepção que surge na França no século XVIII e nasce da ideia de amor cortês, no qual o homem passa por diversas dificuldades para conquistar a mulher. As semelhanças entre discurso amoroso e discurso nacional também foram analisadas pela pesquisadora Doris Sommer a partir da cultura letrada e os romances fundadores da América Latina. Ver: SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte, UFMG, 2004.

honra familiar que deveria ser preservada e defendida dos possíveis invasores externos. De forma abstrata, no campo simbólico e retórico, o amor à Pátria e o nacionalismo seriam sentimentos que se formulam como se fossem direcionados a uma pessoa concreta e real. Os espaços públicos e privado se misturariam, então, no campo simbólico, e a nação se constituiria como uma “grande família” abstrata, que se escreve pelas ideologias patriarcais e nacionalistas⁶. A família patriarcal e o gênero, portanto, seriam, segundo Torres, produções sociais e culturais que construiriam o coração do discurso nacionalista, permeando os espaços públicos e se convertendo em um sentimento que opera no âmbito privado, de cada indivíduo.

Nessa formulação da concepção de nação-família é preciso que as diferenças internas sejam superadas pela união e pela integração de todos. Ou seja, o amor à Pátria seria a força motriz para superar os antagonismos e as desigualdades entre os diversos sujeitos sociais que comporiam a Nação⁷. A literatura na América Latina do século XIX, por exemplo, como analisou Doris Sommer, teve um importante papel nesse movimento de construção da Nação e do papel do cidadão nesse processo. Segundo Sommer, a retórica nacionalista e amorosa, o erotismo e a política acabaram convergindo nas ficções fundacionais, promovendo, assim, uma idealizada conciliação entre os atores, experiências e projetos divergentes para a construção da nação⁸. Assim, para a constituição dos limites culturais e sociais da “comunidade imaginada” haveria a necessidade fundamental de formulação retórica de quem seriam os sujeitos componentes da nação, definindo quem seriam o “Nós” e, assim, o “Outro”. Torres indica que, para a construção da identidade nacional há, em paralelo, necessariamente a construção do “Outro”, daquele que não pertence, que não se encaixa e que se opõe ao “Nós”. E, segundo ela, nessa formulação, o gênero não pode ser desconsiderado⁹.

A distinção entre o espaço público e privado, segundo Michelle Perrot, foi também uma forma de racionalização e organização da sociedade no século XIX¹⁰. A valorização da família e a formulação dos espaços público e privado, como analisou a historiadora, ressaltou a diferenciação dos papéis sociais relacionados ao sexo construídos culturalmente. As

⁶ TORRES, María Inés de. *Op Cit...*, p.43-44.

⁷ Benedict Anderson define que a Nação como *comunidade* pois se faz independente das desigualdades e das explorações internas construindo um vínculo fraterno entre todos os componentes. Para além de comunidade, também é *limitada e soberana*. Ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1993, p.24-25.

⁸ SOMMER, Doris. Pelo amor e pela pátria. Romance, leitores e cidadãos na América Latina. In: Franco Moretti (org.). *A cultura do romance*. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

⁹ *Idem.*, p.16.

¹⁰ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru, EDUSC, 2005, p.459.

mulheres foram direcionadas para o espaço privado, sendo relacionadas à “função reprodutora materno e doméstica”, distanciadas, assim, das discussões públicas e políticas. O século XIX, como argumenta Perrot, foi marcado pelo discurso de que mulheres eram incompetentes para a esfera pública e, sobretudo, para a política, uma vez que apresentavam vocação natural à família¹¹.

Neste capítulo procuramos evidenciar o modo como a imprensa brasileira por meio da retórica da nação-família e, especialmente com o uso de alegorias femininas, procurou forjar o discurso de união nacional contra um inimigo comum. As próximas linhas apresentarão imagens e representações femininas baseadas nos papéis sociais relacionados ao sexo, como a maternidade e o matrimônio, utilizadas no discurso amoroso e patriótico brasileiro. Buscamos também expor algumas das demonstrações de patriotismo protagonizadas pelas mulheres brasileiras divulgadas nas páginas dos periódicos que objetivavam atingir o público masculino, mas também acabam por evidenciar a mulher na cena pública.

2.1 A pátria, seus filhos e seus inimigos

Quando uma nação é ameaçada ou invadida por outro país é como se “as fotos do álbum de família fossem rasgadas pelo “Outro””¹² e, em nosso caso, o Paraguai começou por misturar as fotografias brasileiras. O empenho retórico e simbólico envolvendo a nação-família em caso de conflitos bélicos volta-se para a necessidade de proteção da honra da pátria. Direcionando nosso olhar para a guerra platina, é possível notar como os discursos patrióticos na emergência da guerra utilizaram-se das construções sociais envolvendo gênero e a concepção de família patriarcal. As mulheres, parte concreta e material do discurso, assim como a pátria, o lado abstrato, estavam sendo violentadas e desonradas. Os estupros e as violações representavam, na imprensa nacional, uma violência concreta contra as mulheres brasileiras, bem como simbolizavam, no imaginário nacional, uma ofensa aos limites do Império. Não somente os limites geográficos ou fronteiriços, mas também as delimitações simbólicas e retóricas que compõem a “comunidade imaginada” chamada de “brasileira” ou “nacional”.

Nesse cenário, onde se desenhavam as primeiras movimentações do conflito, a emergência da guerra passou a ocupar as páginas dos periódicos brasileiros que inflavam os

¹¹ *Idem.*, p.460.

¹² TORRES, María Inés de. *¿La Nación tiene cara de mujer? Op. Cit...*, p.61.

sentimentos bélicos e buscavam formar uma opinião pública sobre os eventos em curso. Segundo o historiador Marcelo Santos Rodrigues, condição militar em níveis qualitativos e quantitativos anteriormente à guerra não era suficiente para garantir a vitória do Império¹³. Para ampliar o número de homens componentes da defesa nacional, o governo imperial criou por meio do Decreto nº 3.371 de 7 de janeiro de 1865, o chamado Corpo dos Voluntários da Pátria. O decreto foi composto por quinze artigos direcionados aos cidadãos - homens - entre dezoito e cinquenta anos para que destinassem suas forças aos serviços da guerra. Com o objetivo de construir um corpo de defesa contra o inimigo paraguaio, o decreto apelava para os sentimentos patrióticos da população brasileira mobilizando a alegoria materna e feminina da pátria juntamente com o suposto dever de proteger a dignidade nacional e a necessidade de membros masculinos em preservar a soberania e moral do Império. Assim como Vitor Izecksohn apontou, a mobilização para guerras nunca foi uma questão simples e, no caso do Império, novas medidas administrativas foram estabelecidas com o objetivo de garantir a existência de corpos de defesa. Dentre estas inovações administrativas temos o decreto nº 3.371, bem como o decreto nº 3.383 de 21 de janeiro de 1865. Este último decreto proporcionou a ida de mais de 14 mil homens da Guarda Nacional para o *front* e, como destacou Izecksohn, causou grande polêmica¹⁴.

No plano alegórico, os filhos da pátria brasileira estavam sendo convocados para proteger a nação da invasão paraguaia. O Imperador Dom Pedro II, de forma mais simbólica do que para efeitos práticos, se apresentou como “voluntário número um” para combater Solano López. A guerra se articulava como uma disputa entre os líderes dos quatro países envolvidos, figuras masculinas que se apresentavam como pais protetores de suas “mulheres”, suas pátrias que estavam necessitadas de proteção e cuidados paternos. Como analisou Lilia Moritz Schwarcz, Dom Pedro II foi formulado simbolicamente em diferentes modos: imperador tropical que se transforma em rei cidadão, exilado e, após sua morte, um mito que mistura história e memória. Dentre as imagens construídas sobre o monarca, a pesquisadora destacou a narrativa indígena do grupo Jê-Timbira sobre Aukê, um garoto com

¹³ RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in)voluntários da Pátria, a Guerra do Paraguai (A participação da Bahia no conflito)*. Dissertação de mestrado. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2001.

¹⁴ Como argumenta o historiador, de acordo com a Lei 602 de 19 de setembro de 1850 as tropas da Guarda Nacional deveriam auxiliar a linha de frente do Exército em caso de rebeliões ou invasões. Todavia a Lei referenciava somente ameaças internas e não mencionava conflitos em territórios de outro país. Para saber mais sobre o recrutamento, ver: IZECKSOHN, Vitor. Resistência ao recrutamento forçado para o Exército durante as guerras Civil e do Paraguai: Brasil e Estados Unidos nas décadas de 1860, *Estudos Históricos*, v.1, nº27, Rio de Janeiro, 2001.

a capacidade de se transformar em qualquer animal. Após tentativas de assassinato partidas de seu tio, Aukê retorna novamente da morte em forma de um homem branco: “Aukê é agora o imperador d. Pedro II, pai dos brancos”. Esta história é um dos exemplos feitos sobre o monarca que, no plano simbólico, em meio a governos republicanos e ao sistema escravista, convergiu sua imagem de Imperador nas diferentes etnias¹⁵.

Periódicos de grande expressão defendiam a necessidade da guerra para a manutenção da honra do Império e dos brasileiros que estavam sendo ameaçados pelo Paraguai. Pelas palavras do *Jornal do Commercio*, um dos mais importante da Corte e que repercutia em todo o Império, somente a guerra poderia salvar a soberania nacional da desonra. “Guerra! Mas uma causa justa e santa”, como resposta ao “pranto das virgens desonradas e o desespero das mulheres que viram seus maridos caírem sob o peso do assassino”¹⁶. Assim como no jornal carioca, outros veículos da imprensa atribuíram aos paraguaios descrições como “tigres”¹⁷, animais selvagens, ferozes e bárbaros. Os jornais e revistas ressaltavam as “hordas paraguaias”¹⁸ e o estado de barbaridade dos inimigos que desonraram as mulheres brasileiras, deixando-as seminuas e também sendo levadas como prisioneiras, indicando a necessidade de intervenção do povo brasileiro. As notícias envolvendo as violações relacionam-se ao discurso amoroso e patriótico, no qual o corpo feminino se misturava com a própria comunidade imaginada. A violação de mulheres paraguaias por parte dos brasileiros também circulou nos jornais paraguaios. O periódico paraguaio *El Centinella* alertava, por exemplo, os leitores sobre a guerra contra o Império brasileiro orquestrada por Dom Pedro II e “seus negros”, que traziam consigo as “correntes e chicotes para utilizá-las em nossas esposas e em nossas filhas”¹⁹. Temos, assim, uma retórica similar entre os dois países que denunciavam a urgência de se proteger o elemento feminino em seu sentido real, as mulheres, e em seu sentido imaginário e alegórico, a Pátria.

¹⁵ SCHWACZ, Lilia Moritz, *Barbas do Imperador: d. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p.13-14.

¹⁶ Cf. “Voluntários da pátria”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1865, p.1.

¹⁷ Cf. “Notícias do Theatro da guerra”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 27 ago. 1865, p.2, “Notícias do Theatro da guerra”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 29 ago. 1865, p.2, “Diário do Rio de Janeiro”, *Diário do Rio de Janeiro*, 19 abr. 1865, p.1, “Paraná”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 mai. 1865, p.1, entre outras edições.

¹⁸ O termo “hordas paraguaias” era recorrentemente utilizado para designar os paraguaios desde o início da guerra até o fim com a morte de López.

¹⁹ Cf. “Carta del Centinella a sua esposa”, *El Centinella*, Assunção, 25 abr. 1867, p.3.

Sobre o conflito que se iniciava e a publicação do decreto de 7 de janeiro, a *Semana Illustrada* comentou que “a novidade permanente”²⁰ ocupava o espírito público praticamente não dando brechas para outros assuntos na imprensa do Império²¹. O Dr. Semana, neste cenário, viu oportunidade para versar sobre o “entusiasmo geral” da população brasileira²². Ou melhor, encontrou espaço para tecer suas críticas sobre a falta de ação dos homens e mulheres em seguirem em suas missões de defesa da nação. O narrador-personagem da *Semana* afirmou que “o entusiasmo é a brasa viva que está no fundo de todos os espíritos, mas a indiferença é a cinza que a cobre” e, assim, passou a dissertar sobre o processo necessário para o Império de acender a chama do patriotismo. O estado dos brasileiros foi descrito como de indiferença, “indiferença suicida que faz a fraqueza e assassina a pátria”²³, de modo que “a cinza ainda encobre a brasa”. Esta ausência de “ideal e sentimento verdadeiramente dominantes”, nas palavras do Dr. Semana, resultava na falta de um culto sincero à pátria. Na visão descrita na *Semana*, a pátria “nada mais é do que a amplificação da família” nos apresentando novamente a mobilização pelo discurso da nação-família. O comportamento das esposas dos possíveis soldados também foi criticado pelo jornal. Se, pela visão do jornal, o sentimento de patriotismo deveria provocar nas mulheres a função de acolhimento aos seus maridos e apoio às suas partidas para o *front*, a realidade era oposta ao ideal nacionalista defendido pelo periódico. As esposas, de acordo com Dr. Semana, estariam chamando seus maridos de ingratos e afirmavam que foram abandonadas e traídas, pois “tantos outros” poderiam ocupar o lugar do companheiro.

Ao mesmo tempo que notícias envolvendo as dificuldades em encontrar membros para defender a pátria circulavam, também eram divulgados os chamados “exemplos patrióticos” seguidos por homens e mulheres. Um possível exemplo é uma publicação a pedido presente no *Jornal do Commercio*, na qual comentários foram produzidos envolvendo ações patrióticas na cidade de Saquarema relacionadas ao decreto 3.371. Os voluntários do município que se ofereceram para o alistamento, de acordo com a notícia, eram “jovens entre 21 e 40 anos” que foram recepcionados por discursos de figuras como o presidente da câmara

²⁰ Grifo do jornal.

²¹ “Novidades da semana”, *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1865, p.2.

²² Doutor Semana era o narrador personagem da *Semana Illustrada*, e tinha o humor e sátira como uma importante forma de formular críticas. Outro personagem que fazia parte do jornal era o Moleque, menino escravo do Dr. Semana. A *Semana* era comandada por Henrique Fleiuss, artista alemão, e circulou entre 1860 e 1876. Para saber mais, ver: SOUZA, Karen Fernandes Rodrigues de. *As cores do traço. Paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Illustrada (1869-1876)*. Dissertação de mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

²³ “Novidades da semana”, *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1865, p.3.

e outros agentes políticos²⁴. Segundo a publicação, os voluntários também receberam homenagens vindas de mulheres como a poesia recitada pela jovem D. Sebastiana Antonia Ribeiro de Souza e um hino composto por outra jovem chamada D. Felismina Candida da Silva Montezuma, apresentadas em conjunto com mais quatro outras meninas ao corpo de voluntários de Saquarema. A publicação segue com a composição, intitulada “Hino dos voluntários saquaremenses”, produzida pela jovem, se inicia com versos sobre o possível espaço a (não) ser ocupado por mulheres:

“Se as mulheres não é dado
Em armas também pegar,
sirvam nossos corações,
para nossa pátria amar.
Avante, avante
Oh, voluntários,
Abatei todos
Os Paraguaiois
Tenhamos também coragem
de nosso amor sufocar
mandando o que é caro
para os campos batalha
(...)
Sejamos resignadas,
Deixemo-nos de carpir
Fazendo nossos parentes
Em continente partir
Avante, avante, etc.
As mães mandem os seus filhos,
as esposas os seus maridos
As irmãs os seus irmãos

²⁴ Cf. “Saquarema”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 10 abr. 1865, p. 2.

As amantes seus queridos”²⁵

Como comentamos, a imprensa não foi e nem é somente um grande amontoado de informações posicionadas ao azar e sem reflexões. Pelo contrário, os temas, a disposição das notícias, os conteúdos e outros aspectos compõem as configurações materiais e principalmente os ideais e os projetos sociais e culturais para o Brasil. No caso do hino produzido pela jovem brasileira, notamos algumas das expectativas sobre as ações femininas durante a guerra e o papel que deveria ser empenhado pelas mulheres. Primeiramente, já nos primeiros versos, é comunicada a impossibilidade de mulheres atuarem no *front* com armas pela defesa da nação. A notícia, reforçando os papéis sociais ligados ao sexo, afirma que as mulheres não podem seguir como combatentes de guerra, e recomenda que as brasileiras dirijam o patriotismo que sentissem aos homens, aqueles que iriam seguir ao front. Ou seja, que a empolgação patriótica feminina fosse usada para direcionar o apoio aos maridos, filhos, irmãos, os homens que seguirem até o conflito platino. Para além disto, também é possível reconhecer que a jovem narrada tinha entendimento sobre as fronteiras de gênero e os limites estabelecidos entre os trabalhos protagonizados por homens e aqueles realizados pelas mulheres. Ela também encontrou brechas para adentrar no espaço público e realizar seu discurso relacionando patriotismo e seu local ocupado na família patriarcal do Império.

Em outra edição temos uma publicação a pedido intitulada “nobre exemplo” na qual somos apresentados ao depoimento de José Gomes Ribeiro de Avellar, barão da Paraíba, sobre a ida de seu filho à guerra²⁶. Neste depoimento, o pai aprova o ato do filho em partir para o *front* de guerra e o orienta para que se reunisse “vossos esforços aos de vossos irmãos em defesa da pátria vilmente ultrajada”²⁷. Avellar continua aconselhando que o filho tivesse coragem, pois a “causa é santa, é justa” e afirma:

“Ide, e não vos esqueçais que, se o coração do pai extremoso abate-se ao separar-se de seus filhos, também se engrandece ao ver eles correrem em defesa da pátria, também orgulha sobre que seus filhos sabem amar sobretudo a honra e dignidade nacional.”²⁸

A publicação versou não somente sobre a relação familiar concreta, entre pai e filho que se distanciaram, mas também mobiliza a ampla família brasileira idealizada, desta vez revestida pelo imaginário e o sentimento de patriotismo, composta pela pátria e seus filhos. O

²⁵ *Idem.*

²⁶ “Nobre exemplo”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1865, p.1.

²⁷ *Idem.*

²⁸ *Idem.*

discurso patriótico, como o presente neste depoimento e também no hino de D. Felismina, buscou, por meio de alegorias, a união da nação como uma grande família patriarcal pela defesa da honra e soberania nacional. Com a emergência da guerra, a história de amor familiar, em seu plano concreto, como a de Avellar e de outros, bem como em seu nível abstrato, presente no discurso nacionalista, estava ameaçada. E pela necessidade da defesa da honra e dignidade nacional teve de ser separada por conta das ameaças promovidas pelo “Outro”²⁹. Em outras edições também encontramos retóricas semelhantes, como o depoimento de Sr. Joaquim Dias Ferraz que relaciona seu amor de pai e o amor à pátria ao assistir seu filho partir como voluntário³⁰.

Na Corte, em publicação da *Semana Ilustrada*, temos outro exemplo de figura materna e de devoção à pátria. Ocupando a última página inteira temos a imagem de Dona Bárbara que, pela legenda que acompanha a arte, sabemos ser a mãe do jovem também ali presente. A “espartana mineira” foi registrada entregando ao seu filho, posicionado de frente para a figura feminina e de joelhos, um escudo com o escrito “contra os inimigos da pátria”. Para além do escudo, os outros elementos militares da imagem estão posicionados ao lado esquerdo, sendo estes uma espada e um elmo com referências à antiguidade clássica grega. E outra importante referência, desta vez presente nos cantos superiores, envolve o Hino da Independência. Esta referência é importante quando nos direcionamos ao próprio hino que também utiliza de alegorias como pátria, maternidade e irmandade de uma mesma nação.

²⁹ TORRES, Maria Inês de. *Op. Cit...*, p. 61.

³⁰ “Província de S. Paulo”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1865.

Figura 2: “D. Barbara, spartana de Minas Gerais”, *Semana Illustrada*, 5 fev., 1865.



Como investigou o pesquisador Nathan Gomes em sua recente pesquisa, mesmo com a ampliação dos estudos envolvendo imprensa e a iconografia da guerra, as ilustrações que contavam com mulheres envolvidas no conflito bélico como protagonistas seguem pouco questionadas por historiadores e historiadores da arte³¹. O autor destaca, por exemplo, outras ilustrações protagonizadas por mulheres publicadas na *Semana Illustrada* como de Catalina índia, indígena argentina seguiu com os aliados vestida de homem, e a voluntária da pátria Joana Francisca Leal de Souza que teve sua imagem construída a partir de uma mescla de

³¹ GOMES, Nathan. A fascinação do patriotismo: cultura visual, relações de gênero e cidadania no Brasil (1864-1873), *Revista de História da Arte e da Cultura*, Campinas, V.2, n.1, jan-jun. 2021, p.66-94.

elementos visuais masculinos como o sobretudo e outros femininos como a saia posta por cima das calças³².

Não foram somente os jornais da Corte que apresentaram o discurso nação-família e as relações e papéis relacionados ao sexo em suas notícias e debates. Uma notícia publicada no *Cearense*, e repercutida também em outros jornais como *Correio Paulistano* de São Paulo e na corte por meio do *Diário do Rio de Janeiro* e do *Correio Mercantil*, nos permite compreender melhor a dimensão do amor e da separação evidenciadas durante guerras citada anteriormente³³. A notícia intitulada “Cenas da vida militar” discutiu sobre um embarque do corpo de guarnição da província cearense e se inicia com a história de um núcleo familiar composto por um soldado, sua esposa e a filha do casal “de poucos meses de idade”. O soldado embarcava rumo à guerra do sul e sua esposa, que de acordo com o jornal, “estava pronta para acompanhá-lo” juntamente com a filha do casal. Mas, no momento da embarcação, a criança não foi autorizada a seguir com seus pais. A esposa teve então, de acordo com a notícia, de escolher entre permanecer com sua filha ou seguir junto ao marido para o sul. E, pelas palavras do jornal, “o amor de mulher triunfou do amor de mãe”, expondo a escolha desta mulher por seguir para a guerra com seu marido e deixar a filha “com uma conhecida” que estava lá presente. A notícia segue comentando que “um soldado abraçava a mulher e um filho, todos os três choravam”, e no momento da despedida disse a sua esposa, refletindo sobre sua ausência e possíveis dificuldades, que “se honrada, saia pela rua a pedir esmola para a mulher de um soldado que marchou para a guerra”. Além destas famílias somos apresentados ao restante do cenário descrito como uma “multidão de povo” com outro grupo composto por uma mulher idosa, outra mais jovem e três ou quatro crianças. De acordo com o jornal, elas gritavam soluçando “meu filho! meu marido! meu pai!”. Sobre esse acontecimento, o *Cearense* comentou que nos abraços de despedida “pareciam querer transmitir quanta saudade e quanta dor há no coração da mãe, da mulher e dos filhos na hora da separação”.

Como analisou Maria Regina Santo de Souza, nos primeiros momentos do conflito bélico contra o Paraguai, o *Cearense* foi o jornal da província que mais discutiu sobre a emergência de proteção da pátria e tentou construir a imagem do sujeito cearense como um

³² *Idem.*, p.75-76.

³³ Cf. "Notícias das províncias", *Correio Paulistano*, São Paulo, 12 mai. 1865, p.1, “Notícias diversas”, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1865, p.1.

grande patriota disposto a seguir e defender a nação³⁴. Chamando os homens da província para se voluntariar nos serviços de guerra, o periódico divulgava proclamações oficiais que apelavam para sentimentos patrióticos. Nestes discursos “a honra e a dignidade nacional” estavam fragilizadas “pela desafronta de tantas ofensas recebidas”³⁵ posicionando os homens da província como obrigados a seguirem aos seus “postos de honra”. A pesquisadora reconhece, não somente neste periódico, mas também em outros veículos da imprensa cearense, o amplo apelo com a alegoria “mãe-pátria” no discurso de mobilização com o uso, por exemplo, do termo “mátria” que unia os dois símbolos femininos³⁶.

Em outra edição do *Cearense* temos mais uma história de separação familiar envolta de ares patrióticos. Desta vez, a notícia foi protagonizada por “duas mulheres pretas já idosas” que acompanhavam a despedida de 30 voluntários guiados pelo alferes Paulo Correa de Matos³⁷. As mulheres apresentadas são Maximiana Maria do Espírito Santo e Josepha Maria do Espírito Santo. A primeira, Maximiana, é descrita com aproximadamente 45 anos, mãe do voluntário Eugenio Bispo André e a segunda, Josepha, tia e que serviu como mãe de leite do mesmo anteriormente. No momento da partida, de acordo com a notícia, Maximiana teria se aproximado do filho e o orientado a defender sua pátria e que “uma mulher deixa seus pais para seguir ao marido, e um brasileiro deixa tudo para defender sua pátria”³⁸. Temos aqui a naturalização de alguns papéis como se as relações patriarcais associadas às matrimoniais, bem como a ida para o front em caso de conflito armado fossem os caminhos já previamente traçados e esperados.

Em sua pesquisa sobre a formação dos “Voluntários da Pátria”, especialmente na província baiana, Rodrigues também jogou luz sobre os papéis interpretados pelas mulheres durante o conflito³⁹. O historiador discute, por exemplo, sobre uma crônica produzida por Machado de Assis publicada, no dia 7 de fevereiro de 1865 na *Semana Illustrada*, como

³⁴ Como a pesquisadora ressalta *O Cearense* tinha seus posicionamentos políticos entrelaçados com os do Partido Conservador. Todavia, durante o primeiro momento do conflito contra o Paraguai, o periódico utilizou-se fortemente do discurso patriótico e em prol da união nacional pela defesa da pátria. Com a continuação da guerra, as divergências políticas retomaram sua tonalidade contra o governo a partir de críticas sobre a condução e longa duração do conflito. Cf.: SOUZA, Maria Regina Santos de. Defendendo a pátria para defender as idéias: narrativas e criação de sentidos na imprensa cearense durante a guerra do Paraguai (1865-1870), *Projeto História*, São Paulo, n.36, p. 365-376, jun. 2008, p.367.

³⁵ “Proclamação”, *O Cearense*, Fortaleza, 26 jul. 1865, p.1.

³⁶ *Idem.*, p.370.

³⁷ “Noticiário”, *O Cearense*, Fortaleza, 8 jun. 1865, p.3.

³⁸ *Idem.*

³⁹ Para saber mais, ver: RODRIGUES, Marcelo Santos. *Op. Cit...*, p.57-70.

forma de comentário à notícia do *Jornal do Commercio* sobre D. Bárbara, a esparta de Minas Gerais:

“Não nascestes para a Guerra, isto é, para a guerra da pólvora e da espingarda. Nascestes para outra guerra, em que a mais inábil e a menos valente vale por dois Aquiles. De qualquer modo, ajudais os homens. Uma com o mae espartana, arma o filho e manda para a batalha; outras bordam um a bandeira e entregam aos soldados; outras costuram as fardas dos valentes; outras dilaceram as próprias saias para encher cartuchos, outras preparam os fios para os hospitais, outras juncam de flores o caminho dos bravos Deixarão os soldados que lhes arranquem aquela bandeira? Entregarão as fardas que os vestem ? Não tendes uma espada, tendes um a agulha; não com andais um regimento, formais coragens, não fazeis um assalto, fazeis um a oração; não distribuir medalhas, espalhais flores.”⁴⁰

Para Rodrigues, o literato procurou explicitar quais funções as mulheres brasileiras deveriam ocupar naquele contexto de guerra e se posicionou contrário à possibilidade de que estes sujeitos tomassem armas para a defesa da pátria. Segundo o historiador, algumas mulheres seguiram os percursos escritos por Machado de Assis como, por exemplo, D. Rosa da Trindade Silva e D. Emília do Sacramento que ofertaram cem camisas as forças brasileiras ou do caso de um grupo de senhoras que doaram fios e ataduras para o Exército⁴¹. Procurando por possíveis referências para a escrita do literato nos debates presentes na imprensa, encontramos uma edição do *Diário do Rio de Janeiro*, datada de dia 4 de fevereiro de 1865, que noticiou sobre o cenário caótico envolvendo a invasão paraguaia no Mato Grosso. Na descrição sobre a disputa entre brasileiros e paraguaios no forte de Coimbra, durante a troca de fogo, “as mulheres de alguns dos oficiais começaram a fazer cartuchos, servindo-se de suas próprias saias, por falta de papel”⁴². A escolha de palavras para compor a crônica não parece ter sido feita ao acaso, pois este exemplo de ação feminina elencada se assemelha muito à notícia do *Diário*. Neste sentido, outro caminho de análise possível seria de que o literato não escreveu tal crônica a partir de seus valores e sua perspectiva pessoal sobre a divisão dos trabalhos durante o conflito e o espaço que a mulher deveria ocupar. Mas, talvez, sua crônica aglomera os casos de mulheres que foram anunciadas pela imprensa e acaba por narrar as experiências que possivelmente ocorreram, não sobre suas expectativas.

Nos lugares concretos como o *front*, bem como no imaginário e no discurso patriótico que circulava na imprensa as mulheres estavam presentes e encontrando formas para serem

⁴⁰ Machado de Assis Crônicas, em Obras Completas (Rio de Janeiro/ São Paulo/ Porto Alegre. W.M. Jackson. 1957 p 11K.

⁴¹ RODRIGUES, Marcelo Santos. *Op. Cit...*, p. 56-58.

⁴² “Notícias do Matto Grosso”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 fev. 1865, p.1.

notadas no espaço público. Todavia, como ressalta Gomes, grande parte das mulheres representadas eram senhoras tidas como honráveis, parte da elite branca que relacionavam a respeitabilidade e o nacionalismo para encontrarem posição de opinar, mesmo que nas entrelinhas, na esfera pública. Ainda assim, mesmo que de forma restrita, é preciso também reconhecer as brechas encontradas pelas mulheres para participarem do debate e da cena pública. Esse movimento resultou no que Gomes chamou de "cidadania conservadora", aquela que de permitia uma leve inserção da mulher respeitável, das "ilustres cidadãs" na opinião pública e debates na sociedade, mas que se mantinha com as hierarquias, social e principalmente racial, do período anterior à guerra⁴³. Dessa maneira, quando analisadas as discussões e ilustrações publicadas na imprensa torna-se notório a importância que as histórias vivenciadas pelas mulheres, ainda que revestidas pela lente do patriotismo e pelos tons alegóricos, tiveram para os projetos políticos e identitários em disputa no Império. Entretanto, se mantém ainda a necessidade de novas pesquisas que questionem se as mulheres brasileiras reais, principalmente das camadas populares como pobres e escravizadas, tiveram suas trajetórias próximas ou totalmente avessas aos exemplos publicados na imprensa e pinceladas nas telas de artistas.

⁴³ GOMES, Nathan. *Op. Cit...*, p. 93-94.

3 CAPÍTULO III: AS MULHERES E O COTIDIANO DA GUERRA

Como buscamos expor no capítulo anterior, parte relevante das discussões públicas realizadas na imprensa brasileira durante a guerra envolvia a construção do sentimento de patriotismo com o uso do discurso da nação-família, no qual as mulheres, em especial, tinham sua grande importância. Nas notícias e reportagens sobre o andamento do conflito contra o Paraguai, versões sobre o país inimigo eram formuladas e divulgadas. Pensando, assim, no processo de alteridade e construção do “Outro”, que representava o oponente no conflito, legitimando, assim o confronto, a imprensa se configurou como importante *front* de guerra que, por sua vez. Seu papel, muitas vezes, foi forjar o inimigo e apontar para a ideia de que era urgente que brasileiros se unissem por uma causa comum: proteger o Império e derrotar Solano López. O governante paraguaio então era posto como um tirano chamado de *El supremo* e a solução para combatê-lo seria por meio do conflito. A *Semana Ilustrada*, revestida de um humor todo próprio do periódico, justificou a guerra que se iniciava apresentando o governo de López como uma tirania, um governo despótico que utilizava do povo, das mulheres e dos homens como desejava. A tirania de López, partilhada também por Aguirre¹, que já havia sido vencido pelo Império, é indicada pelo Dr. Semana a fim de provocar riso pela crítica política, como uma doença mental que necessitava de um “*recipe*”, ou seja, uma cura que seria fornecida pela união de três nações: o Império Brasileiro, Argentina e Uruguai. López e os “Lopezinhos”, como o jornal referenciou os paraguaios, são apresentados como “endeudados [sic] de corpo e alma à mais nojenta vassalagem muito abaixo da escravidão”². A guerra tornava-se, assim, quase moralmente necessária pela convocação do Dr. Semana.

López foi representado frequentemente como um tirano e os homens paraguaios apresentados como selvagens e bárbaros que eram usados pelo chamado governo despótico. A partir de 1866, as indicações envolvendo as mulheres paraguaias se tornariam ainda mais

¹ O trecho do jornal cita Atanasio de la Cruz Aguirre, líder *blanco* radical, que teve suas propostas derrotadas devido à união entre Império e Bartolomeu Mitre, presidente argentino. Como argumentou Doratioto, a intervenção brasileira no Uruguai foi interpretada por Solano López como uma prévia do que o Império faria contra o país paraguaio. Apesar de causar tensão na Região do Prata, a intervenção permitiu, em parte, a convergência de interesses brasileiros e argentinos. Ver: “A Tempestade no Prata”, In: DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 23-97.

² “Método de curar a tirania”, *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1865, p.2.

recorrentes nas páginas da imprensa brasileira. O *Jornal do Recife*, em fevereiro de 1866, por exemplo, daria notícias vindas da Região do Prata que apontavam para os caminhos da guerra. Nesta edição, há uma correspondência do periódico *Tribuna* de Montevideo que dizia:

“Desde o 1º de dezembro (de 1865) o supremo governo de López deu ordem ao comandante em chefe de Corumbá, para decretar a leva de duas pessoas por cada família de dez, sejam homens, sejam mulheres, e isto para fazerem parte do exército.

(...)

(López) Crê e diz que a questão da capital fará por ele mais do que todos os exércitos e encouraçados do Brasil contra ele.

Que em Humaitá estavam aquartelados cerca de três mil homens, entre artilheiros e guarnição.

Que a artilharia daquela fortaleza fora argumentada com pequenas peças volantes colocadas entre as que ali existiam anteriormente.

Que ia-se de Humaitá ao Passo da Pátria por um excelente caminho.

*Que havia nos depósitos do paraguaio milho e mandioca em abundância, porque desde que principiou a guerra o governo obrigou as mulheres e as pessoas que não podiam tomar armas a cultivarem uma certa porção de terreno para o exército em campanha.”*³

O líder paraguaio, na visão construída entre jornais e revistas analisados, enganava seu povo e a si mesmo encaminhando uma guerra na qual não tinha condições de manter. Os homens e mulheres do Paraguai estavam sendo encorajados a participarem de um conflito fadado à derrota. As mulheres aparecem como as que “não podiam tomar arma” e, assim, foram “obrigadas” a realizarem o trabalho na agricultura. As ações e trabalhos realizados pelas paraguaias são referenciadas como frutos de obrigações, demandas e decretos impostos pela tirania de López. No processo de formação da “comunidade imaginada” a divisão de trabalho também é permeada pela categoria de gênero, criando funções e papéis distintos para o feminino e para o masculino⁴. Como pensado por Danielè Kergoat as relações sociais entre homens e mulheres produzem construções sociais que afetam a base material, como no

³ Cf. “Rio da Prata”, *Jornal do Recife*, 12 fev. 1866, p.1. A mesma notícia também é, posteriormente, divulgada em outros periódicos como no *O Publicador* e no *Cearense*: “Rio da Prata”, *O Publicador*, Paraíba do Norte, 20 fev. 1866, p.2., e “Rio da Prata”, *O Cearense*, Fortaleza, 28 fev. 1866, p.3.

⁴ TORRES, María Inés de. *¿La Nación tiene cara de mujer? Mujeres y nación en el imaginario letrado del Uruguay del siglo XIX*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013, p.52.

trabalho, refletindo na formulação de “papéis sociais”, práticas sociais e relações de poder⁵. A divisão sexual do trabalho envolve um fenômeno social que se constrói historicamente e formula uma divisão social do trabalho baseadas nas construções e relações sociais envolvendo o sexo⁶. De acordo com Kergoat, essa forma de divisão social do trabalho apresenta dois princípios organizadores: a separação entre trabalhos realizados por homens e outros por mulheres e, por fim, uma hierarquização que coloca o valor do trabalho realizado por homens como superior ao feito por mulheres⁷. Esses princípios encontram suposta legitimidade no discurso baseado na redução do gênero ao sexo biológico e na redução da prática social dos “papéis sociais” sexuados. Todavia, as práticas envolvendo o sexo e essa forma de divisão social do trabalho são construções sociais mutáveis e historicamente adaptáveis. Assim, é possível refletir sobre como a imprensa teceu comentários e opiniões envolvendo os trabalhos e as ações realizadas por mulheres dentro do universo da guerra, reforçando alguns desses papéis. Desse modo, neste capítulo discutiremos sobre como a partir da leitura das entrelinhas dos debates realizados na imprensa brasileira foi possível uma aproximação dos serviços e ações protagonizadas pelas mulheres paraguaias durante o conflito. Procuramos entender a organização dos trabalhos e a divisão dos instrumentos pelo sexo presentes no Paraguai antes e durante a guerra. Refletiremos, especialmente, se as fronteiras de gênero, as limitações envolvendo o trabalho e, portanto, as relações de domínio, se mantiveram como antes ou se modificaram. Também procuramos entender a relação estabelecida pela imprensa brasileira sobre o governo paraguaio, particularmente quando as ações protagonizadas pelas mulheres foram referenciadas, enquanto uma tirania que *escravizava* diversos setores de sua população.

3.1 A guerra e suas fronteiras de gênero

Como vimos na correspondência do *Jornal do Recife*, no início do ano de 1866, a ideia de mulheres atuando no *front* com o porte de armas durante a guerra era uma possibilidade ainda pouco considerada pela imprensa brasileira neste momento do conflito. Algumas ações realizadas por mulheres durante a guerra são aceitas e esperadas pela norma social, enquanto outras, como pegar em armas, são tidas como funções masculinas. Dentre os trabalhos realizados pelas paraguaias, algumas ações recebiam destaque nos jornais e

⁵ KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do Trabalho e relações sociais do sexo. In: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise, DOARÉ, Hélène le. SENOTIER, Danièle. *Dicionário Crítico do Feminismo*, São Paulo, Editora Unesp, 2009.

⁶ *Idem.*, p.67-68.

⁷ KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do Trabalho e relações sociais do sexo... *Op. Cit.* ,p. 70.

revistas, entre elas o cultivo de alimentos e os cuidados de feridos. O *Correio Mercantil*, por exemplo, compartilhou uma correspondência vinda do periódico *Nación Argentina* que comentava sobre a situação de Assunção ao fim do ano de 1866:

“Em toda a república do Paraguai reina uma miséria espantosa, de quem nem aproximadamente se pode fazer uma ideia.

Como não há em Assunção um só homem, as mulheres têm sido obrigadas por Lopez a fazer a maior parte dos serviços que estes faziam.

Todos os hospitais estão a seu cargo, aqui fazem elas todos os serviços desde receitar até curar os feridos e cuidar deles⁸”

A miséria estava relacionada, pela visão do jornal, à falta de homens em Assunção. Destinados a atuarem no *front* da guerra, os homens teriam deixado a capital e as suas tarefas para que as mulheres as realizassem. Há uma associação direta entre a falta masculina e a miséria relacionando-se com o aspecto de hierarquização levantado por Kergoat, de modo que a maior parte dos trabalhos realizados por mulheres representaria uma sociedade menos valorizada aos olhos do jornal. Como veremos, a ocupação da maioria das tarefas por mulheres nos é apresentada como uma obrigação, não somente como fruto das escolhas políticas de López, mas também uma obrigação movida pela falta de homens para realizarem tais ações.

Para reconhecer as interpretações e visões brasileiras sobre as paraguaias também foi preciso compreender a divisão de trabalhos e a homogeneidade envolvendo as diferentes experiências das mulheres paraguaias. Nesse sentido, as pesquisas realizadas pela historiadora Barbara Potthast foram essenciais. Preocupada em reconhecer os trabalhos protagonizados pelas mulheres durante o século XIX, Potthast investigou as formas de atuação femininas antes e durante o conflito. A pesquisadora comenta que a economia paraguaia no século XIX estava baseada na subsistência e na exportação de alguns produtos pontuais voltados para a produção agrícola⁹. A economia campesina no Paraguai girava em torno da produção de alimentos como o milho, a mandioca e a erva mate, um relevante produto que movia parte da economia no sul do Brasil e nos países vizinhos era usado como

⁸ “Correio Mercantil”, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1866, p. 2. Grifo nosso.

⁹ POTTHAST, Barbara. Entre lo invisible y lo pintoresco: las mujeres paraguayas en la economía campesina (siglo XIX), *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, Jan. 2003, p.203 - 220.

moeda de troca¹⁰. Enquanto os homens eram os responsáveis pelo comércio exportador e migravam para a venda de produtos com o mate, as mulheres das camadas populares permaneciam e eram responsáveis por pelo menos metade da economia de subsistência e do comércio local antes da guerra¹¹. Para além de alimentos, as paraguaias também produziam artesanato como cerâmicas, costuravam e lavavam vestimentas, sendo também responsáveis pela produção dos cigarros de tabaco¹². De acordo com Potthast, entre 15% e 50% das famílias no campo eram chefiadas por mulheres solo, solteiras ou viúvas¹³, apontando também a tarefa da maternidade e cuidado do espaço doméstico como uma atividade feminina. Assim, a historiadora argumenta que o padrão de divisão de trabalhos pelo gênero presente no país, antes mesmo do conflito militar, era diferente do europeu, pois a população mestiça mantinha algumas das características sociais e culturais das populações guaranis¹⁴. Não se tratava, é importante ressaltar, de uma sociedade matriarcal, mas de uma sociedade baseada na organização patriarcal, na qual as mulheres paraguaias tinham alguns dispositivos de ação disponíveis e conseguiam atuar de modo diferente se comparada às sociedades contemporâneas e próximas, como o próprio Império brasileiro.

Nesse sentido, as atividades como plantação e colheita de mandioca, tabaco e milho já eram tarefas “destinadas” às mulheres antes mesmo da guerra. Contudo, a partir de 1866, eles foram se tornando praticamente exclusivos do gênero feminino¹⁵. Com a ida dos homens paraguaios para os campos de batalha, os trabalhos envolvendo o abastecimento da população, bem como das tropas recaíram sob os ombros das mulheres. O ano de 1866 é um ano muito relevante durante a guerra. Como vimos, a opinião pública brasileira, construída especialmente na imprensa, indicava que o conflito seria rapidamente finalizado com a vitória do Império, uma guerra relâmpago. Todavia, a guerra continuava e já então completava quase dois anos de duração e parecia não ter um fim tão facilmente previsível. Também em 1866, em agosto, o Tratado da Tríplice Aliança era então divulgado e tornava-se público. A união

¹⁰ A pesquisadora realiza essa discussão partindo do conceito de economia campesina apresentado por D.Throner. Para saber mais, ver: Daniel Thorner, “Peasant Economy as a Category in Economic History”: Theodor Shanin (ed.), *Peasants and Peasant Societies*, Middlessex, 1971, p. 202–218.

¹¹ POTTHAST, Barbara. Residentas, destinadas y otras heroínas: el nacionalismo paraguayo y el rol de las mujeres en la Guerra de La Triple Alianza In: SCARZANELLA, Eugenia (Org.) *Mujeres y naciones en América Latina. Problemas de inclusión y exclusión*. Madrid, Iberoamericana, 2001, p.82.

¹² A pesquisadora indica que em 1865 as mulheres eram responsáveis por 66% da produção de cigarros, e em 1866, a atividade passou a ser 72% feminina. POTTHAST, Barbara. Entre lo invisible y lo pintoresco...*Op. Cit*, 213.

¹³ POTTHAST, Barbara. Entre lo invisible y lo pintoresco...*Op. Cit*, p. 208.

¹⁴ *Idem.*, p.210.

¹⁵ POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas: varias roles y memorias femeninas de la Guerra de La Triple Alianza, *Revista Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.10 n.1, 2006, p. 92-93.

entre três países contra o Paraguai provocou um fervor nacional na população paraguaia e promoveu grandes demonstrações de apoio ao governo de López. As mulheres que pertenciam à elite indicavam seu apoio ao país por meio de doações, discursos e organização de bailes¹⁶.

Responsáveis pelas condições materiais dos acampamentos e do restante do país, as paraguaias também tinham grandes tarefas culturais. Os bailes e festas públicas, como investigou Alberto Moby, eram parte das tradições paraguaias e muitas vezes contavam com o patrocínio do Estado. Os bailes das “famílias distintas”, das mulheres chamadas de *agraciadas*, que integravam a elite paraguaia, ocorriam em casas de membros importantes da política e do exército. Também ocorriam festas simultâneas que permitiam a participação de mulheres populares e garantiam que a maior parte feminina da população, as *kygua vera*, se sentissem parte componente da política e cultura do país. Os bailes da elite e das camadas populares aconteciam simultaneamente, no início do conflito, porém eram marcados pelo distanciamento entre as classes. As danças e organizações de eventos, como esses bailes, eram importantes manifestações de apoio ao país e ao exército representando o patriotismo paraguaio, mas não se configuraram como uma união das classes sociais. As mulheres populares, chamadas de *kygua vera*, termo que significa em guarani “penteados”, adereço utilizado pelas mulheres de cabelos longos, organizavam bailes nos acampamentos e comemoravam as vitórias. Mesmo nas derrotas, elas ainda organizavam bailes e dançavam como uma forma de homenagear as perdas¹⁷.

Uma das demonstrações de patriotismo paraguaio realizado pelas mulheres se manifestava por meio de doações. Enquanto as mulheres de posses realizavam doações de escravos ou de joias, as mulheres populares doavam roupas, alimentos e pertences pessoais. Homens, mulheres e crianças estavam sendo convocadas a apresentarem seu orgulho ao país e ao governo paraguaio. Estas ações a favor do governo paraguaio foram, inicialmente, movimentos espontâneos. Organizando reuniões e festas, e dando presentes à Solano López, as mulheres da elite asseguravam suas posições de prestígio e as *kygua vera* demonstravam seu patriotismo. Porém, em pouco tempo, os discursos de apoio e os presentes ofertados tornaram-se políticas regulamentadas pelas autoridades locais. Como argumenta Potthast,

¹⁶ SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *A Noite das Kygua Vera: A mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra do Tríplice Aliança (1867-1904)*. 1998. 207 p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

¹⁷ POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas...*Op. Cit.*, p.93.

Solano López e sua esposa Eliza Lynch encontraram nessas demonstrações de apoio uma forma também de controle da elite e das camadas populares. Os ares de apoio ao governo transformaram-se em sopros de obrigação e formas de evitar possíveis represálias. As doações e os recibos do ato eram registrados no então chamado “Livro do Ouro”, que foi confiscado pelo Império brasileiro como símbolo de vitória¹⁸. Algumas edições de jornais encontradas citaram direta e indiretamente este movimento das mulheres paraguaias da elite envolvendo as doações de joias e peças valiosas. No *Correio Mercantil*, por exemplo, podemos encontrar uma correspondência do periódico *Tribuna* que transcreve um discurso realizado pelo exército brasileiro ao povo paraguaio:

“Briosos habitantes da república do Paraguai,

O coração dos brasileiros sente grande dor ao ver o estado de aviltamento e *escravidão*, a que vem reduzindo o tirano López, verdugo da nação.

Sois um povo, que habita a livre América do Sul, e, entretanto, *não possuis nem direitos civis, nem políticos, nem propriedade garantida, nem justiça, nem gozo algum, por mais lícito que seja.*

A nação paraguaia está representando *um triste papel de mansos cordeiros*, que um déspota manda degolar, quando quer; esperando que chegue a ocasião oportuna para fugir para a Europa com o produto do suor do pobre povo, e com *os anéis, braceletes, e cadeias das desgraçadas paraguaias*, indo ele gozar, com luzes, todas as vantagens da civilização, deixando o povo reduzido à miséria.”¹⁹

Buscando produzir um sentimento de união e apoio ao país no conflito, o periódico ressalta quem era o inimigo nacional do momento: o Paraguai. De acordo com o discurso presente no trecho, o país inimigo era formado por um pobre povo que realizava o “triste papel de mansos cordeiros”. As mulheres que doaram seus anéis e braceletes estariam, de acordo com o periódico, sendo enganadas por López, líder tirano que deixaria o país e povo na miséria. Uma argumentação presente no trecho que chama nossa atenção é a descrição da nação e povo paraguaio enquanto um povo reduzido a *escravidão* por parte do governo lopista. A população do Paraguai nos é apresentada como um povo sem direitos de qualquer natureza. A mesma reportagem também é divulgada em outros órgãos da imprensa como, por exemplo, no *Publicador Maranhense* e no *Jornal do Pará: Órgão oficial*²⁰.

¹⁸ ORTOLAN, Fernando Lóris. “Acabou a Guerra...de volta ao lar”: Representações das mulheres na imprensa paraguaia durante e após a Guerra do Paraguai (1864-1904), *Revista Ágora*, Vitória, nº5, 2007, p.16.

¹⁹ “Proclamação”, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1867, p.2. Grifo nosso.

²⁰ Cf. “Theatro da Guerra”, *Jornal do Pará: Órgão Oficial*, Belém, 4 dez. 1867, p.2. “Guerra do Paraguai”, *Publicador Maranhense*, São Luiz, 16 dez. 1867, p.2.

Costumeiramente, o *Publicador Maranhense* trazia em suas páginas algumas das correspondências de militares que estavam atuando no front de guerra e apostava numa postura conciliadora que unisse o Império²¹.

Também encontramos notícias na imprensa brasileira que ironizavam o movimento de doação de joias realizado pelas mulheres paraguaias. O periódico *Pedro II* que circulava na província do Ceará publicou em dezembro de 1867 uma notícia intitulada “O patriotismo das mulheres paraguaias”²². A reportagem trazia uma correspondência do jornal *Nacion Argentina* do acampamento Tuyu-Cué e, nas palavras do jornal, foi recomendada “ao leitor para que este a lesse aos que exaltavam até as nuvens o patriotismo das mulheres paraguaias”. Tratava-se de uma carta datada em 1º de fevereiro que foi supostamente encontrada no vapor *Vinte e Cinco de Maio* entre outros papéis que pertenciam a um encarregado de López e de um suposto bispo relacionado aos serviços de espionagens paraguaios chamado de “Vigário da Villa de Oliveira”. O bispo citado muito provavelmente relaciona-se à figura de Manuel Antonio Palacios, bispo de Assunção, que era uma figura muito próxima da política e especialmente de López²³. Nesta carta que foi transcrita pelo jornal o vigário recebia a notícia de que “em consequência de se haver espalhado pelo campo a ideia das mulheres oferecendo suas joias ao supremo governo para os gastos de guerra, começou-se a vender clandestinamente algumas joias”. A carta, na qual não constava a assinatura do remetente, apresentava um tom de advertência e alertava para a necessidade de se controlar e finalizar o negócio paralelo de venda de joias. Dois meses depois da notícia acima, o jornal *Pedro II* publicou reportagem sobre a trajetória do exército aliado pelo interior do Paraguai vindas pelo vapor “Provedor”²⁴. Ao longo da narrativa sobre as operações realizadas pelos brasileiros, o jornal comentava sobre uma “pequena coluna” próxima do rio Neembucu com “algumas carretas com mulheres e que (o exército brasileiro) as tinha deixado continuar seu caminho sem opor sua passagem”. Assim, mantendo a honra das mulheres, mesmo tratando-se de mulheres paraguaias, a narrativa defende que os brasileiros deixaram que elas continuassem ainda que fossem corpo constituinte do inimigo. Todavia, o trecho continua: “dois soldados, que tinham violado uma destas mulheres, foram condenados a ser passados pelas armas Ignoro, com tudo se a sentença foi executada.”. Se no discurso enfatizava-se a

²¹ Para saber mais sobre o jornal, ver: ARAÚJO, Johny Santana de. O jornal publicador maranhense e a construção da guerra do Paraguai 1865-1868. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História, [S. l.]*, v. 18, n. 32, p. 278–297, 2021.

²² Cf. “O patriotismo das mulheres paraguaias”, *Pedro II*, Fortaleza, 6 dez. 1867, p.2.

²³ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra... Op. Cit.*, p.134.

²⁴ Cf. “Exterior”, *Pedro II*, Fortaleza, 21 nov. 1867, p.1-2.

honra e proteção, nas entrelinhas saltava aos olhos os atos violentos que a guerra produzia contra as mulheres.

A violência durante conflitos bélicos, o sangue derramado durante as batalhas, envolve também a violência física e sexual contra os corpos dos cidadãos (civis) do inimigo, especialmente, os corpos femininos. Como discutimos anteriormente, as mulheres reais, representavam o aspecto concreto do discurso amoroso e nacionalista, enquanto a nação formula-se como elemento imaginado. A violência contra as mulheres paraguaias pode ser também considerada uma violência simbólica contra a nação paraguaia. Mas, como a notícia apresenta, os soldados, mesmo que compatriotas do coronel Correia que dirigia as operações, seriam punidos por suas ações após um julgamento. Assim, há uma tentativa na narrativa de ressaltar a percepção de que os brasileiros estariam levando “civilidade” e algum tipo de processo de justiça para os palcos da guerra, nesse caso, inclusive, contra um brasileiro. Como pensado por Claudia Card, o estupro de mulheres e meninas é uma arma utilizada em conflitos bélicos e que, assim como em casos de torturas, o estupro é uma forma de produzir e manter dominação masculina.

A mesma notícia que debatia a possível venda de joias também foi publicada, semanas depois, nos periódicos *O Ypiranga*, de São Paulo, e o *Diário de Pernambuco*²⁵. A reportagem nestes dois veículos foi antecedida por outra carta intitulada “Carta do padre cura do Pilar ao bispo de Assunção”. De acordo com a notícia, o patriotismo das paraguaias seria na realidade um “temor da punição” que poderia ser realizada pelo líder paraguaio. De modo semelhante ao trecho do *Publicador Maranhense*, a notícia apresenta López como um tirano e as doações feitas pelas paraguaias como efeito de um “transe” e que o clero paraguaio se caracterizava como “depravado, que [poluía] com seus atos as sagradas insígnias do sacerdócio”²⁶. Dessa maneira, os movimentos realizados pelas mulheres eram tidos como mais uma ação de vítimas manipuladas pelo medo que a tirania impunha. Em outras edições, *O Ypiranga* ressaltou o caráter despótico de Solano López, e caracterizou o povo paraguaio como “cativos da escravidão”²⁷. Para além de descrever López como déspota e o povo como uma massa manipulada pelo governante, o trecho indica que as joias doadas que deveriam servir para

²⁵ Cf. “Imprensa-americana”, *O Ypiranga*, São Paulo, 21 dez. 1867, p.2. “O patriotismo das mulheres paraguaias”, *Diário de Pernambuco*, 4 jan. 1868, p.1.

²⁶ “Patriotismo das mulheres paraguaias”, *Pedro II*, Fortaleza, 6 dez. 1867, p.2.

²⁷ “Interior”, *O Ypiranga*, São Paulo, 9 ago. 1867, p. 2.

gastos de guerra teriam sido destinadas aos cofres da “protegida” do líder paraguaio, Elisa Lynch.

Lynch foi muitas vezes apresentada pelos jornais brasileiros como braço direito do governo tirano paraguaio, cuja tarefa seria organizar a atuação das mulheres na guerra. Elisa Alicia Lynch era irlandesa, filha de uma família de classe média. Casou-se aos 15 anos com Xavier de Quatefages, um médico militar francês, mas o casamento não foi bem-sucedido. Em 1853, em Paris, conheceu Solano López. Dois anos depois, Lynch chegou a Buenos Aires e no mesmo ano mudou-se para o Paraguai, onde permaneceu até o fim da guerra. Na imprensa analisada, a figura de Lynch é construída como a companheira de um tirano que se aproveitava de sua posição para cativar o patriotismo, especialmente das mulheres, e utilizá-lo para benefício próprio. Em paralelo com as participações orgânicas da população por meio das demonstrações de apoio à López e Lynch, a imprensa paraguaia, controlada direta e indiretamente pelo governo, buscava ressaltar a importância da mulher e destes atos chamados de heroicos. Funcionando de modo semelhante ao que nós chamamos de propaganda atualmente, jornais como *El Semanario*, *El Centinella* e *El Cabichuí* construíam a guerra como uma disputa contra “negros brasileños” guiados por “negrero Pedro II y su hordas” que queriam escravizar os paraguaios e abusar das mulheres²⁸. Nas páginas desses periódicos eram divulgadas as festas, as reuniões e as doações realizadas pelas mulheres. No *El Centinella*, por exemplo, era recorrente a divulgação de festas e reuniões organizadas e protagonizadas pelo belo sexo, nas quais as mulheres que discursavam e recebiam destaque tinham seus nomes publicados em sequência. O periódico também noticiava sobre as oferendas dos braceletes, anéis e outras joias que eram registradas no Livro do Ouro, no qual as contribuições das paraguaias e que a obra seria exposta para que todos pudessem notar o patriotismo do belo sexo²⁹.

O *Diário do Rio de Janeiro* que havia publicado notícias caracterizando o povo paraguaio enquanto símbolo da selvageria desde o princípio do conflito³⁰, também compartilhava na seção “Imprensa Americana” reportagens que circulavam na imprensa paraguaia. Em uma edição de outubro de 1867, o jornal publicou para seus leitores algumas

²⁸ POTTHAST, Barbara. Nacionalismo...*Op. Cit.*, p.84.

²⁹ O jornal também satirizava a falta de homens voluntários para compor o exército brasileiro indicando que havia "fuzis sem homens". Cf. “El Libro de oro” e “Fusiles sin hombres”, *El Centinella*, Assunção, 11 jul. 1867, p.4., “La oferenda del bello sexo”, *El Centinella*, Assunção, 12 set. 1867, p.1., “El libro de oferenda”, *El Centinella*, Assunção, 4 jul. 1867, p.2.

³⁰ Cf. “Imprensa Americana”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 out. 1867, p.1-2.

das ideias que circulavam no periódico *Semanário*. Nesta edição, o *Diário* citava um baile que contava com a presença do general paraguaio Francisco Isidoro Resquín e no qual “suas mulheres, paraguaias, provavelmente da elite econômica e militar do país, dançaram até o amanhecer”. A notícia também apresenta a existência de doações de donativos, remessas e reuniões protagonizadas pelas mulheres, e que “a roupa - do exército-” era “quase toda feita por paraguaias”. Não somente o periódico carioca compartilhava as notícias paraguaias, mas outros veículos como o *Diário de S. Paulo* repercutiam as principais pautas que saíam nos jornais do país inimigo. De acordo como o jornal de São Paulo, o *Semanário* era responsável por “dissimular a verdade”³¹.

Sobre os bailes organizados pela elite paraguaia encontramos uma reportagem no *Jornal da Victoria*, da província do Espírito Santo, que comentava sobre a história de um pastor chamado Pereira e de sua esposa. De acordo com a notícia, Pereira “pertencia a uma das mais ricas famílias e notáveis de Assunção” e era um homem “de alguma instrução e simpático ao povo”. O jornal informou que por viver e ser reconhecido dessa maneira na sociedade paraguaia, Pereira teria negado contribuir com o governo lopista no período anterior à guerra causando a ira de Solano López que lhe acusou de fazer parte de uma suposta conspiração contra o governante. Pereira teria sofrido então com a prisão, bem como a punição de arrastar ferros por três anos. Com o conflito bélico contra o Império, o prisioneiro foi retirado do calabouço para servir como soldado raso. Porém, de acordo com o *Jornal da Victoria*, a maior punição contra Pereira relacionou-se com a vida de sua esposa. A mulher, sem nome citado, teria sido “convidada e forçada a ir a todos os bailes e festas dados pelo presidente”³². Pela narrativa produzida pelo periódico brasileiro, a punição física feita contra Pereira não fora suficientemente dolorosa na visão de López que, com objetivo de fazer sofrer ainda mais o pastor, puniu sua esposa. Novamente temos o reforço da ideia de que as ações feitas pelas paraguaias na verdade eram produtos do medo e da obrigação postas pelo governo paraguaio. Todavia, é preciso ressaltar também que existiram casos de mulheres que se negaram a bailar e foram punidas. Os bailes eram praticamente uma obrigação social e cultural protagonizada pelas mulheres ao longo da guerra e quando alguma das damas se negava a dançar, sua indisposição se convertia em um ato antipatriótico contra o Paraguai. Um exemplo é o caso de Carolina Valenzuela que se recusou a dançar para uma tropa de

³¹ “O Paraguay”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1865, p.1.

³² *Ibidem*.

soldados e passou por um julgamento por “má ação” contra seu país³³. Retomando a reportagem, ao fim da história, o jornal afirma que as notícias envolvendo o alistamento de muitas mulheres para as forças de López foram confirmadas, nos indicando dessa forma, que havia a circulação de boatos sobre o assunto entre os jornais do Império.

O caso de Carolina é citado por Luc Capdevila que, interessado em saber se as funções masculinas e femininas se modificaram durante o conflito, investigou a guerra problematizando se as fronteiras de gênero no Paraguai se ampliaram ou se flexibilizaram durante a disputa contra o Império³⁴. Analisando especialmente as figuras e imagens femininas que circulavam na imprensa paraguaia, Capdevila identificou três grandes tipos de representações que foram fortemente mobilizadas. Primeiramente, o pesquisador ressalta o travestismo nas imagens feitas sobre membros do exército aliado que objetivavam ironizar e diminuir o caráter masculino e militar do inimigo. O pesquisador também detectou as representações femininas alegóricas como, por exemplo, a Pátria ou a República, frequentemente mobilizadas em conflitos bélicos. Por último, Capdevila ressalta a importância das imagens e discursos que posicionavam as mulheres paraguaias na guerra como protagonistas³⁵. Segundo o historiador, as gravuras presentes na imprensa paraguaia, especialmente nos jornais *Cabichuí* e *El Centinella*, narraram o processo de nacionalização, de guerra total, no qual as mulheres do Paraguai estavam inseridas. Estas imagens, como Capdevila nos orienta, objetivavam “adensar o tecido patriótico”³⁶ e evidenciam a inserção das mulheres no debate público paraguaio mobilizando, principalmente, o discurso nacionalista e de defesa da nação. A partir da imprensa paraguaia, o pesquisador se aproximou de algumas das transformações ocorridas no país paraguaio e também das mudanças e permanências relacionadas às relações de gênero. Capdevila argumenta, por exemplo, que estas imagens presentes nos jornais que destacavam as ações femininas como o movimento de acompanhar e abastecer os acampamentos ou as doações de joias ao governo procuravam evidenciar o como o patriotismo paraguaio era autêntico e era compartilhado

³³ CAPDEVILA, Luc.. *Una guerra total: Paraguay, 1864-1870: ensayo de historia del tempo presente*, 1ª ed., Buenos Aires: SB, 2010, p.59-60.

³⁴ O pesquisador desenvolveu variadas análises sobre como as fronteiras de gênero funcionaram durante conflitos bélicos como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, especialmente na França. Mais recentemente tem se dedicado a investigar a Guerra do Paraguai. Para saber mais sobre suas análises, ver: PEDRO, Joana Maria, As guerras nas transformações de gênero: entrevista com Luc Capdevila, *Estudos feministas*, Florianópolis, V.13, n.11, janeiro-abril, 2005, p.81-102.

³⁵ CAPDEVILA, Luc. O gênero da nação nas gravuras da imprensa de guerra paraguaia: Cabichuí e El Centinella, 1867-1868. *Artcultura*, [S. l.], v. 9, n. 14, 2008, p.18.

³⁶ CAPDEVILA, Luc. O gênero da nação nas gravuras da imprensa de guerra paraguaia... *Op. Cit...*, p.13.

também entre as mulheres. Em paralelo ao sentimento de integração da nação, as gravuras também serviam como lembretes aos homens nos acampamentos e nas batalhas do que estavam protegendo sua família-pátria e de que deveriam realizar seus papéis de combatentes³⁷. O historiador aponta para como as mulheres foram se inserindo nos campos de batalha, procurando cada vez mais encontrar brechas para participarem ativamente na vida política e, principalmente, na guerra.

Retomando os comentários produzidos na imprensa brasileira sobre os bailes, *o Despertador*, jornal de Santa Catarina, também noticiou sobre a obrigação de realizá-los. De acordo com o jornal, na imprensa paraguaia circulava um boletim produzido por López sobre a Batalha de Tuiuti, na qual a nação que teria saído vitoriosa foi o Paraguai, mas “desta vez os soldados paraguaios não acreditam”³⁸. Ainda de acordo com a notícia, Lopez teria “ordenado” a organização de bailes para comemorar a suposta vitória. Todavia, os paraguaios que estavam ali presentes não demonstravam alegria, mas estavam “muito tristes e frios”, reforçando o argumento de que López lançaria sobre seu próprio povo obrigações. Ao contrário do que o suposto boletim dizia, a batalha referenciada foi uma vitória para os aliados. Doratioto comenta sobre a edição do *Semanario* que afirmava a “esplendorosa vitória” paraguaia apesar da derrota. A Batalha de Tuiuti é um episódio complexo por conta das modificações rápidas nas logística de guerra envolvendo os dois exércitos. A batalha recebe este nome devido ao terreno no qual o exército aliado estava acampado e a disputa fora realizada³⁹. A área de Tuitui era, como argumenta Doratioto, um terreno arenoso e inundado formando assim não um cenário favorável para uma ação ofensiva para os aliados que não tinham conhecimento do terreno. Os aliados ficaram imobilizados por dois anos em Tuiuti rodeados pelo exército paraguaio e pelas dificuldades envolvendo doenças e a condição ambiental desconhecida de pântanos e matagais⁴⁰. Durante o dia 23 de maio, o exército paraguaio liderado por López realizou o planejamento de um ataque surpresa ao acampamento de Tuiuti por meio de quatro diferentes colunas posicionadas ao redor do acampamento. Porém, o ataque ordenado por López na manhã seguinte não foi tão bem-sucedido como o líder paraguaio planejou⁴¹. Mesmo com maior conhecimento do terreno e planejamento para atacar o inimigo, as colunas paraguaias não tinham uma grande

³⁷ *Idem.*, p.20.

³⁸ “Theatro da Guerra”, *O Despertador*, Desterro, 26 jun. 1866, p.2-3.

³⁹ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit...*, p. 214.

⁴⁰ O período entre 1866 e 1867 é chamado por Doratioto como “guerra de posições”, pois houve grandes dificuldades de avanços por ambos os lados do conflito.

⁴¹ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit...*, p.217.

coordenação entre si, o que levou a uma vitória dos aliados. Como analisou Doratioto, as memórias e os diários produzidos por paraguaios e brasileiros indicam uma batalha marcada por sangue e cadáveres amontoados de ambos os lados do conflito.

A notícia referida acima também aparece no periódico *O Publicador*. Nas páginas finais de suas edições, o jornal publica trechos oficiais produzidos por membros do exército aliado. Em julho de 1866 o periódico noticiava como “a guerra contra o Paraguai prolongava-se mais do que contávamos” e apresentou depoimentos de personagens como do general uruguaio Venâncio Flores e o brasileiro general Manoel Luiz Osório envolvendo a batalha. Na narrativa dos jornais, López controlava a informação sobre a guerra, bem como manipulava sua própria população. Sobre a população do país inimigo, os periódicos afirmavam na mesma notícia que “os paraguaios têm todo valor que inspira o fanatismo e a ignorância, porém lhe falta a arte militar”⁴². Para além do que os jornais chamavam de falta da arte militar, os periódicos destacaram a falta de alimentos, remédios e vestimentas para os soldados paraguaios e atribuíam essa escassez à López.

Com a percepção de que no Paraguai o governo de López e Lynch representava uma tirania, um dos argumentos defendidos nas páginas da imprensa brasileira analisada era o medo das mulheres em relação a possíveis represálias do governo paraguaio caso não realizassem seus trabalhos de auxílio aos acampamentos ou aos cofres do governo. O *Correio Paulistano*, por exemplo, também compartilhava da narrativa de que López e Lynch se utilizavam de um governo despótico para controlar a população paraguaia. Os soldados paraguaios eram apresentados pelo jornal como bárbaros e marcados pela selvageria que ultrajaram as mulheres brasileiras e argentinas. Ao noticiar sobre a Batalha de Curuzú, na qual os aliados saíram vitoriosos, o *Correio* reservou duas páginas para explicar ao leitor como o Império deixou o “exército de López desolado”. O jornal também traz correspondências de jornais argentinos que descreviam a batalha e seus resultados:

“Entre os soldados paraguaios mortos acharam-se três mulheres vestidas de homem, duas das quais eram muito moças. Seria o entusiasmo pátrio, ou seria antes alguma bárbara determinação de López, que levou essas infelizes ao combate em que pereceram?”⁴³

Assim como vimos anteriormente, ao noticiar sobre as ações realizadas pelas mulheres paraguaias, os comentários traçados na imprensa lançavam a dúvida aos leitores:

⁴² “Rio da Prata”, *O Publicador*, Paraíba do Norte, 3 jul. 1866, p.3-4.

⁴³ “Notícias da Guerra”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 set. 1866, p.2-3.

são determinações da tirania ou demonstrações de patriotismo? No trecho acima, a narrativa feita em torno das mulheres diz respeito à participação destes sujeitos diretamente no *front* de guerra. Se, anteriormente ao conflito, as paraguaias já eram maioria nas atividades agrícolas, na chefia da família e casas e no comércio local, com a guerra as mulheres se tornaram praticamente as responsáveis por todos os trabalhos de abastecimento, incluindo as necessidades do exército. A partir de 1866, no entanto, as paraguaias das classes médias e baixas buscaram por novas formas de auxiliar o país no conflito para além dos trabalhos que já realizavam. Para além das doações de pertences e os trabalhos na agricultura, as mulheres organizaram assembleias populares e passaram a compartilhar do desejo de tomar armas para defender o Paraguai. Como investigou Moby, as paraguaias reuniram-se, a partir de 24 de fevereiro de 1867, para uma grande assembleia que teve duração de quatro dias e noites e protagonizou as discussões sobre o patriotismo das mulheres e suas possíveis ações para derrotar a Tríplice Aliança. Inicialmente, a assembleia contava somente com a participação do “belo sexo” de Assunção, ou seja, as mulheres da elite militar da capital que estavam sendo representadas por uma comissão composta por doze mulheres que foram escolhidas na noite do dia 24. No dia seguinte, as *kygua vera* tiveram permissão concedida para participarem na assembleia e realizarem discursos, divulgando, assim, suas propostas para auxiliar o país no conflito. Moby argumenta que as mulheres das camadas populares procuravam demonstrar disposição em doar seus poucos pertences, bem como oferecer “a si própria para a defesa da pátria”. O *Jornal do Commercio* também comentou em 1867 sobre a presença de mulheres paraguaias com vestimentas de soldados já em 1865. Ao apresentar o assunto, o jornal argumentava que: "Dizem que entre os cadáveres paraguaios se encontrou o de duas mulheres vestidas de homens, o que não julgo verdadeiro"⁴⁴.

Em outros veículos como *O Despertador*, periódico já citado e no qual encontramos um grande número de notícias que mencionaram as paraguaias nas discussões sobre a guerra, as ações das mulheres e a possibilidade destes sujeitos agirem diretamente no *front* também foram questionadas. Citando os rumores de que as paraguaias estavam pedindo armas à López “para defender a causa do ditador”, o *Despertador* argumentava que “tudo deve se

⁴⁴ A notícia conta a história da “invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai, desde seu princípio até o fim (10 de junho a 18 de setembro de 1865)” produzida por um cônego chamado João Pedro Gay em variados capítulos que foram publicados nas páginas finais do jornal. Cf. “Variedades”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1867, p.6.

esperar daquele povo fanático”⁴⁵. Há assim uma tentativa de reduzir as supostas ações e os desejos patrióticos das mulheres que, de acordo com o trecho, desejavam tomar em armas pois eram fanáticas e desprovidas de críticas ao governo e as medidas tomadas por López. Publicando uma correspondência vinda do *Jornal do Commercio* que repercutia notícias que circulavam em Buenos Aires, o *Despertador* anunciava que “toda a proclamação de López revela o mesmo sentimento de desânimo, confessando que as mulheres são obrigadas aos trabalhos de agricultura, e até a servirem no exército para animar os homens com seu exemplo”⁴⁶.

Como Luc Capdevila ressaltou, a proposta de as mulheres utilizarem armas partiu do próprio gênero feminino e especialmente das mulheres das camadas populares da sociedade paraguaia. As mulheres se queixavam da dificuldade de se comunicarem com os seus conhecidos que estavam no conflito e da distância entre acampamentos e as posições dos soldados. Dessa maneira, como vimos, organizavam suas assembleias e reuniões onde realizavam suas doações e discutiam publicamente sobre suas possíveis novas contribuições para a defesa do país. A guerra no Paraguai, como defendeu o historiador, envolveu uma guerra total, onde todos os setores são mobilizados e afetados diretamente pelo conflito. Esse processo de totalização da guerra, e de fomento do patriotismo entre homens e mulheres, como Capdevila argumentou, provocou um movimento pendular nas relações de poder: ao mesmo tempo em que eram retratadas e ressaltadas como heroínas e patriotas, as paraguayas requisitavam maior participação no *front* de guerra e, principalmente, o acesso às armas para defender a nação⁴⁷. Todavia, as imagens e os discursos presentes na imprensa não significaram necessariamente avanços reais em direitos políticos para as mulheres paraguayas. Como bem analisou Capdevila, o governo paraguaio, mesmo com os pedidos vindos das mulheres, não lhes forneceu armas para atuarem no conflito. Se preferiu armar meninos jovens e levá-los para missões na qual a derrota era quase certa ao destinar a defesa da nação para mãos femininas. O governo e a imprensa do Paraguai procuravam instigar em todos o sentimento nacionalista ao mesmo tempo em que evitavam modificar os papéis sociais relacionados ao sexo⁴⁸.

⁴⁵ “O Paraguai”, *O Despertador*, Santa Catarina, 12 mai. 1868, p.3. A mesma reportagem também é noticiada em outras regiões, cf.: “Exterior”, *O Publicador*, Paraíba do Norte, 19 mai. 1868, p.1-2.

⁴⁶ “Corresp. do Jornal do Commercio”, *O Despertador*, Santa Catarina, 1 dez. 1868, p.2.

⁴⁷ CAPDEVILA, LUC. *Op. Cit...*, p.19.

⁴⁸ CAPDEVILA, LUC. *Op. Cit...*, p.21.

Para concluir este momento sobre os trabalhos realizados pelas mulheres paraguaias, a proposta feminina de tomar em armas e o monopólio masculino destes equipamentos é de grande contribuição a investigação feita por Paola Tabet que analisou a divisão sexual dos instrumentos e o desequilíbrio de conhecimentos técnicos entre os sexos⁴⁹. Em sua leitura da bibliografia, especialmente de estudos antropológicos, sobre as sociedades de colheita e caça, a antropóloga, feminista materialista, notou um consenso entre os pesquisadores de que aquelas sociedades apresentavam uma divisão sexual do trabalho neutra, equilibrada e de reciprocidade. Para estes estudiosos, a divisão dos trabalhos é caracterizada, em geral, pelo protagonismo masculino nas atividades de caça e pela participação das mulheres na colheita, organizando, assim, uma separação dos serviços praticamente orgânica e neutra. Na contramão destas pesquisas, Tabet entende que a divisão do trabalho pelo sexo não se faz com neutralidade, complementaridade ou reciprocidade, mas, segundo a pesquisadora, trata-se de uma relação de poder e, principalmente, de dominação masculina⁵⁰.

A antropóloga propõe então uma inversão dos fatores habitualmente postos nas pesquisas: a divisão dos instrumentos e o domínio sobre técnicas é anterior à divisão sexual do trabalho⁵¹. Ou seja, para os que se interessam pela divisão dos trabalhos é necessário analisar previamente como os instrumentos são distribuídos em seus níveis qualitativos e quantitativos e não se deixar levar pela suposição de que o acesso aos instrumentos é igual para todos. Dessa maneira, ao analisar a divisão dos instrumentos e a técnica nos estudos sobre as sociedades de colheita e caça, Tabet argumenta, por exemplo, sobre a inferioridade dos equipamentos utilizados pelas mulheres quando comparadas com os instrumentos usados pelos homens. A pesquisadora também ressalta o caráter rudimentar e menos tecnológico dos instrumentos femininos, fatores que acabam gerando uma menor eficácia, maior tempo destinado ao trabalho e menor tempo à sua própria disposição⁵². Isto não representa, como Tabet ressaltou, um desconhecimento feminino sobre como realizar determinadas tarefas, mas aponta para como a divisão sexual dos instrumentos e dos trabalhos envolve uma estrutura de dominação. O controle masculino sobre os instrumentos é um dos mecanismos que refletem na disputa política entre homens e mulheres.

⁴⁹ TABET, Paola. Mãos, instrumentos e armas. In: *O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole Claude Mathieu* / organizadoras: Verônica Ferreira... [et al.] – Recife: SOS Corpo, 2014, p.101-175.

⁵⁰ *Idem.*, p.107.

⁵¹ *Ibidem.*, p.109.

⁵² *Ibidem.*, p.115.

Neste sentido, as discussões realizadas na imprensa brasileira, mesmo que este não fosse o objetivo daqueles que ali versavam, contém, nas suas entrelinhas, vestígios sobre a divisão sexual do trabalho e dos instrumentos e, assim, das disputas políticas internas no Paraguai durante a guerra. As paraguaias procuraram intensamente por brechas para atuarem nos “bastidores”, bem como no *front* de guerra pela defesa da nação. Como vimos, elas buscaram se inserir nas discussões e decisões políticas e foram, nos aspectos simbólicos e alegóricos, ouvidas. Todavia, não lhes foi permitido, por exemplo, ocupar o lugar masculino de soldado armado. Assim, nos apoiando nas reflexões de Tabet sobre a divisão dos instrumentos, podemos notar como, mesmo no contexto de guerra contra o Império no qual o nacionalismo foi afluído entre todos, e especialmente entre as mulheres, as relações de domínio e controle envolvendo o gênero no Paraguai acabaram sendo reforçadas. O domínio masculino sobre os instrumentos de guerra envolve, portanto, o controle sobre o corpo feminino, seus trabalhos e lugares a serem ocupados pelas mulheres. Assim, é notório como as tensões e disputas políticas protagonizadas pelas paraguaias no contexto da guerra foram notadas, bem como utilizadas pela imprensa para a construção do “Outro”.

3.2 Batalhões de mulheres, tirania e escravidão

Como buscamos expor, a imprensa brasileira, ao discutir sobre os acontecimentos envolvendo a guerra nos possibilitou identificar e analisar algumas das ações protagonizadas pelas mulheres paraguaias. Nas narrativas e comentários produzidos pelos jornais brasileiros sobre estes sujeitos, questionamentos foram postos sobre as motivações destas mulheres que atuaram diretamente ou indiretamente durante a guerra. Como vimos, por exemplo, o *Correio Paulistano* apresentou como questão ao seu leitor: as ações e trabalhos realizados pelas mulheres eram demonstrações de patriotismo ou frutos de um governo despótico e tirano?⁵³. Responder essa pergunta, todavia, não é uma tarefa tão simples. Os esforços do governo e feitos por meio da imprensa paraguaia, que agia como um instrumento de fomento do patriotismo das mulheres, se misturaram com a estrutura social e cultural do Paraguai. As mulheres paraguaias atuavam, mesmo antes do conflito, nos trabalhos agrícolas de subsistência do país e no pequeno comércio local envolvendo artesanatos, cigarros de tabaco e erva mate, bem como eram majoritariamente as chefes das famílias. Ao se depararem com a necessidade de pessoas para compor o exército, querendo com isso defender a nação invadida pelos inimigos, as mulheres viram a oportunidade de realizarem trabalhos que auxiliariam o

⁵³ “Notícias da Guerra”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 set. 1866, p.2-3.

país para além daquelas tarefas que já realizavam antes do confronto. A ação das paraguaias nos “bastidores” da guerra, ou seja, atuando em trabalhos como o fornecimento de alimentos e cozimento das refeições, a produção e a lavagem das vestimentas, o transporte de variados recursos necessários para as tropas e os cuidados dos feridos foram trabalhos atribuídos às mulheres que apareceram, mesmo que com “filtros” dos jornais brasileiros, nas notícias que circulavam no Império.

Mesmo que pensemos inicialmente que as maiores disputas durante a guerra envolveram o uso das armas e o conflito bélico em si é necessário retornar à teoria de Kergoat sobre a hierarquização dos trabalhos⁵⁴. Sem o abastecimento das tropas, das cidades e das vilas nos campos, sem a produção e limpeza das roupas e outras tarefas a guerra não seria possível. Portanto, os trabalhos realizados nos “bastidores” do conflito não representam funções inferiores quando comparadas ao uso de armas e conflito corpo a corpo contra o inimigo.

As fontes que versam sobre mulheres, principalmente durante conflitos bélicos, são exíguas, e muitas vezes, estes sujeitos acabam sendo invisibilizados nos vestígios e, assim, nas pesquisas. Entendemos que há uma grande dificuldade de encontrar vestígios sobre os trabalhos realizados pelas mulheres durante a guerra, contudo, defendemos aqui nessa monografia que a imprensa brasileira, analisada durante a pesquisa realizada, mostrou-se como um locus privilegiado para entender como estes personagens agiram, uma vez que elas aparecem, mesmo que pontualmente, em notícias e artigos de jornais. Em parte das notícias encontradas na pesquisa, nas quais se comentava como a nação paraguaia e as mulheres estavam participando do conflito, foi recorrente a associação entre a narrativa de que López era um tirano e que os trabalhos realizados pelas paraguaias eram resultados de obrigações e medo de represálias vindas do próprio governo paraguaio. Uma hipótese que levantamos é de que os jornais posicionavam as ações das mulheres enquanto mais uma decisão despótica de Solano López indicando uma população sem direitos ou escolhas e, assim, sem liberdade. Essa tentativa de desqualificar os trabalhos prestados pelas paraguaias nos parecem, contudo, uma tentativa de respostas dos jornais brasileiros às críticas feitas nos periódicos paraguaios e - parte da imprensa argentina - sobre a escravidão e os membros do exército brasileiro. Acusado de defender a liberdade na Guerra contra López, o Brasil era frequentemente alvo de ataques por ser, ironicamente, uma nação escravista. Em resposta, estaria a imprensa

⁵⁴ KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do Trabalho e relações sociais do sexo. *Op. Cit.*, p.70.

brasileira acusando os paraguaios, principalmente o governo, de “escravizar” ou “tiranizar” suas mulheres, impingindo a elas tarefas da guerra?

Como investigou Baratta, críticas à união entre Argentina e Brasil circulavam em parte da imprensa portenha, que argumentava, por exemplo, que o Império não poderia levar liberdade para nenhuma sociedade pois carregava no peito de sua formação a escravidão⁵⁵. No Paraguai, por sua vez, a presença massiva de escravos no Exército brasileiro foi um tema recorrente para as páginas dos jornais e para os discursos de López que circulavam a concepção de que somente as forças imperiais eram compostas por escravos⁵⁶. López repercutia em suas falas a ideia de que o Paraguai era somente o primeiro país que seria atacado pelo Império que tinha como objetivo “conquistar a todos”⁵⁷. Todavia, como analisou Toral, escravos, ex-escravos e soldados negros foram componentes do exército de três dos quatro países envolvidos na guerra⁵⁸. Nas páginas de periódicos brasileiros analisados a guerra é formulada enquanto uma disputa entre a civilização, representada pela Tríplice Aliança, e a barbárie direcionada ao país paraguaio. As notícias envolvendo os trabalhos das mulheres vão ao encontro da narrativa de que o Império levaria a civilidade para o país guarani, pois, por meio da intervenção aliada no Paraguai o governo dito tirano de López seria derrotado. Uma vez derrotado, estariam, então, a sociedade paraguaia e, especialmente, as mulheres paraguaias livres de tais imposições.

Dessa maneira, os trabalhos das paraguaias foram narrados enquanto atos realizados pelo medo de represálias vindas da tirania lopizta. A política de López foi caracterizada pelos jornais como mais alienante do que a escravidão, e as menções sobre as paraguaias foram utilizadas para ampliar o argumento de necessidade de intervenção no país guarani para que houvesse a garantia de direitos ao povo paraguaio. Todavia, como vimos, as ações protagonizadas pelas mulheres paraguaias misturavam a divisão sexual do trabalho anterior à guerra, ao fomento do patriotismo entre todos e também as decisões políticas feitas por Solano López e Elisa Lynch. Desde 1866, as paraguaias eram maioria na produção agrícola

⁵⁵ BARATTA, María Victoria. ¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay (1864-1870), *Revista de História USP*, São Paulo, n. 172, p. 43-75, jan.-jun., 2015.

⁵⁶ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra...Op Cit.*, p.272.

⁵⁷ Por exemplo, López reuniu-se com Bartolomeu Mitre com o objetivo de convencê-lo a trocar de lado na disputa e passar a defender o Paraguai e lutar contra o Império.

⁵⁸ O pesquisador ressalta, por exemplo, que a escravidão não havia sido abolida no Paraguai, e que escravos também foram convocados para compor o exército do país. Havia também a doação de escravizados por parte da elite paraguaia, Ver: TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. *Estud. av.*, São Paulo, v. 9, n. 24, Ago. 1995.

do país e se tornaram responsáveis por trabalhos pesados como na mineração, bem como pelos trabalhos enquanto cozinheiras, enfermeiras e no transporte⁵⁹. As mulheres, conforme o confronto se estendia, foram integradas nos acampamentos militares, nos quais, para além dos trabalhos, também tinham a importante e praticamente indispensável função de organizar os bailes nas vitórias e nas derrotas para homenagear os soldados paraguaios⁶⁰. Como indica Capdevila, desde o início de 1868 unidades voluntárias foram comandadas e formadas em sua totalidade por mulheres⁶¹. Também, na imprensa paraguaia, especialmente na dirigida às camadas populares, circulavam imagens e propostas para que as mulheres pegassem em armas e fossem lutar no *front* de guerra. Entretanto, todas as propostas nunca foram concretizadas e não passaram de parte da propaganda do governo⁶². Como Potthast analisou, Lynch se apropriou da vontade popular vinda das mulheres para se armarem e a utilizou para propagandear o discurso patriótico de defesa do país contra o Império. A historiadora aponta o caso mais famoso de um suposto batalhão composto por mulheres chamado de “Batalhão de Mulheres de Areguá” que, em suas investigações, Potthast comenta que não passa de uma invenção feita por Elisa Lynch⁶³. Como Capdevila indicou, em 24 de dezembro de 1867 Gaspar López comunicou José Berges sobre cerimônias que estavam sendo organizadas para o dia seguinte pelas mulheres de Areguá, localizada próxima a capital paraguaia⁶⁴. A carta dizia que as mulheres de Areguá pretendiam se juntar às mulheres de Assunção para comemorar a figura de Madame Lynch e afirmavam sua disposição para utilizar as armas para defender o país ao lado dos homens paraguaios.

É importante discutir agora sobre os rumores que circularam na imprensa brasileira, bem como nas notícias vindas por correspondentes argentinos e uruguaios sobre os supostos “batalhões de mulheres paraguaias”. A possibilidade de paraguaias agirem no *front* foi notada e noticiada pela imprensa brasileira e, assim, foi de nosso interesse entender quais foram as motivações que levaram caricaturistas, jornalistas e artistas a comentarem sobre elas e

⁵⁹ POTTHAST, Barbara. Residentas, destinadas y otras heroínas: el nacionalismo paraguayo y el rol de las mujeres en la Guerra de La Triple Alianza IN: SCARZANELLA, Eugenia (Org.) *Mujeres y naciones en América Latina. Problemas de inclusión y exclusión*. Madrid, Iberoamericana, 2001, p.82.

⁶⁰ *Idem.*, p.83.

⁶¹ CAPDEVILA, Luc. *Uma guerra total...Op. Cit*, p.52.

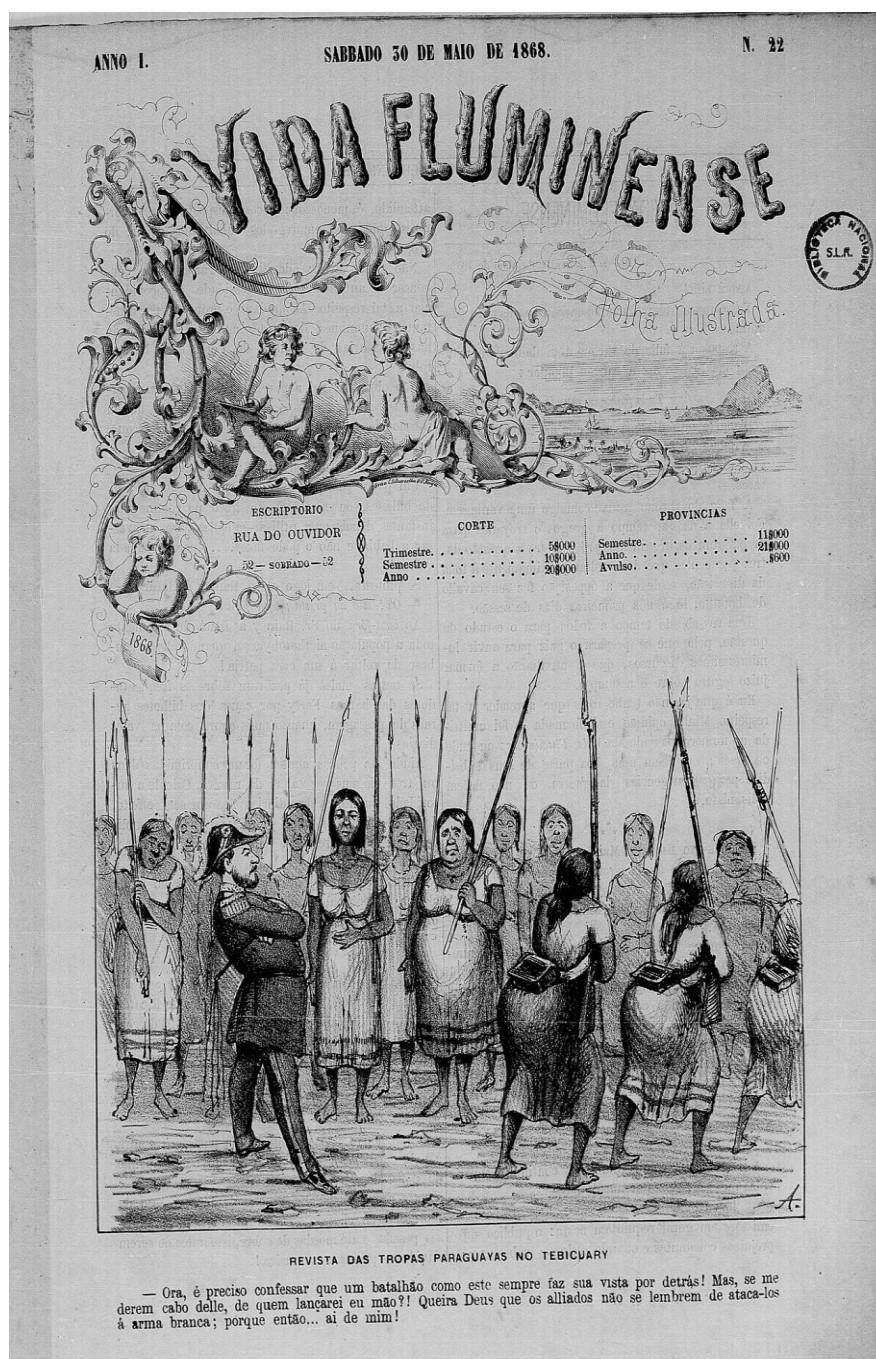
⁶² POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas: varias roles y memorias femeninas de la Guerra de La Triple Alianza, *Revista Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.10 n.1, 2006, p.96.

⁶³ *Idem.*, p.96-97.

⁶⁴ A correspondência foi publicada em uma edição do periódico Cabichuí juntamente com outros comentários orgulhosos sobre a maneira como as mulheres tomaram a iniciativa para ir ao front com armas, ver: CAPDEVILA, Luc. *Uma guerra total...Op. Cit*, p.53.

também entender de quais maneiras estes sujeitos foram narrados. Ao noticiarem sobre a criação, organização e ação destes possíveis batalhões compostos somente por mulheres, os jornais teciam também comentários e discussões políticas sobre o país inimigo. A inclusão destes sujeitos nos acampamentos e no próprio exército paraguaio, muitas vezes, foi noticiada como mais um exemplo de que López e Lynch utilizariam de todos os recursos, incluindo os humanos, para não serem derrotados pelo Império. Havia, assim, uma tentativa de reforçar o argumento de que o Paraguai era governado por figuras despóticas, e de que o patriotismo, especialmente aquele pulverizado entre as mulheres paraguaias, não era honesto, mas consequência de um governo que as obrigavam a agir. Um exemplo sobre tal discussão foi a capa da *Vida Fluminense* que utilizamos no início do primeiro capítulo para provocar a atenção do leitor. A capa contava com a ilustração feita por Ângelo Agostini envolvendo um exército composto por mulheres paraguaias.

Figura 4: “Revista das tropas paraguaias no Tebycury”, *A Vida Fluminense*, 30 mai., 1868.



O corpo de mulheres está armado com lanças e apresentam faces cansadas e descontentes com traços que nos remetem à cultura indígena. Há também três mulheres viradas de costas em movimentos que aparecem como o de uma dança para a figura que representa Solano López, que está observando o trio de mulheres. A imagem conta com a legenda: “Ora, é preciso confessar que um batalhão como este sempre faz sua vista por

detrás! Mas, se me derem cabo dele, de quem lançarei eu mão? Queria Deus que os aliados não se lembrem de atacá-los à arma branca; porque então... ai de mim!”⁶⁵.

Em periódicos como *O Cabrião*, Agostini já havia se debruçado sobre a temática da guerra, em especial discutindo sobre temas como escravidão, recrutamento de voluntários e os problemas que ele enxergava na política brasileira⁶⁶. A *Vida Fluminense*, por sua vez, apresentava-se com um perfil um tanto diferente das contribuições anteriores do desenhista italiano. Iniciando sua publicação em 1868 e se anunciando como uma revista “joco-séria”, que misturava assuntos importantes e a sátira¹, o periódico mantinha um ar satírico e a ironia se construía como um de seus principais elementos. Como Marcelo Balaban comenta:

“Misturando assuntos e abordagens “sérias” com “jocosas”, produziu um lugar de incertezas e de neutralidade que lhe garantia espaço entre diferentes grupos. Por definição seu conteúdo era ambíguo, cabendo ao leitor saber, ou escolher, o que poderia ou deveria ser levado em consideração e aquilo que era uma simples brincadeira. Não era apenas a sátira que dava o tom do semanário, mas também a ironia.”⁶⁷

Na imagem do batalhão de mulheres, citada acima, assuntos “sérios” como os caminhos traçados durante a guerra e a necessidade de que os aliados enfrentassem possivelmente mulheres paraguaias para passar por Tebiquary, se funde com o “lápiz” da sátira. Na legenda, que não somente acompanha a imagem, mas traz sentido para uma leitura completa, conta com uma fala forjada como sendo do próprio governante paraguaio. López, na visão construída por Agostini, primeiramente sexualiza o batalhão de mulheres, olhando e elogiando a parte “detrás”, referindo-se aos quadris femininos. O trio de mulheres, posicionado de costas e sendo observado por López, parece estar se movimentando, balançando e estabelecendo uma possível relação com as danças e os bailes protagonizados pelas mulheres e também referenciado pela imprensa. Assim, os bailes, uma das principais ações femininas durante a guerra e que foi uma das mais comentadas pela imprensa brasileira, foram retratados por Agostini como sendo algo para López observar e se satisfazer, inclusive no sentido sexual. Na caricatura, a fala de López também remete à falta de homens para compor o exército paraguaio nos últimos momentos da guerra e o receio sobre quem poderia seguir defendendo a nação no conflito que já se arrastava durante anos. Este López, construído pelas lentes do artista italiano, preocupa-se em quem poderia ocupar o exército

⁶⁵ BALABAN, Marcelo. *Poeta do Lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1865-1888)*, Editora Unicamp, Campinas, 2009, p. 143-150.

⁶⁶ “Revista das tropas paraguaias no Tebycury”, *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, 30 mai. 1868, p1.

⁶⁷ BALABAN, Marcelo. *Poeta do Lápis... Op. Cit*, p.185.

caso as mulheres fossem vencidas, ao mesmo tempo que observa as mulheres como objetos de desejo e uso sexual.

Mas analisemos as mulheres paraguaias, pois aqui temos outros elementos ainda mais interessantes. Se, como vimos, por um lado os jornais paraguaios divulgaram o patriotismo feminino paraguaio e fizeram da mulher um dos símbolos do heroísmo nacional, por outro, a imprensa brasileira, assim como no caso da imagem de Agostini, questionou tais imagens, duvidando da motivação nacionalista das paraguaias, atribuindo suas ações mais aos desmandos e tiranias de Solano López. As faces das mulheres presentes na imagem feita por Agostini são de tristeza, desânimo e despreparo, bem contrastantes com a ideia heróica e mitológica de mulheres em contexto de guerra, como daquelas que circularam nos periódicos paraguaios. Com os ombros contraídos, as mulheres se apoiam em suas armas, no caso lanças, mas não transparecem bravura, energia ou entusiasmo em estarem indo para a guerra. Outro elemento que nos chama atenção são também seus pés descalços, elemento visual importante que carrega sentidos importantes no Brasil do século XIX, pois lembrava certamente as imagens de pessoas escravizadas⁶⁸. Dessa maneira, Agostini deu conta nesta ilustração não somente de lembrar o estado do exército paraguaio, com seu grande número de perdas masculinas, como também de apresentar a possibilidade de mulheres paraguaias irem ao *front* de guerra. O artista ainda reforçou a questão, já muito discutida na imprensa brasileira sobre o fato das ações protagonizadas pelas mulheres não serem resultados de um patriotismo autêntico paraguaio, mas uma participação envolta de constrangimento e do medo de represálias e violências vindas do próprio governo.

Em maio de 1868, *O Mercantil*, de Santa Catarina, comentaria, por sua vez, que López continuava “a recrutar mulheres” e que os paraguaios estavam sendo protegidos “por tropas de mulheres”. Naquele momento, o periódico repercutia uma notícia vinda da *Tribuna*, intitulada “as mulheres paraguaias”, que comentava o seguinte:

“Novidades e ao mesmo tempo interesse despertaram as notícias do teatro da guerra dá o Standard de Buenos Aires, em seu número do domingo.

⁶⁸ Para saber mais sobre a imagem dos pés descalços associada a escravidão, ver: KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*, Tese de Doutorado pela Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006, ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004, ALENCASTRO, Luis Felipe (org.). *A História da vida privada no Brasil – Volume II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Segundo o citado colega, a tenente coronel Margarida Ferreira e a capitã Anit Gil tem sob suas imediatas ordens uma respeitável força de raparigas e mulheres, perfeitamente armada, que está colocada no passo do rio Tebiquari para disputar a passagem às forças aliadas.

A brigadeira general Elisa Lynch com o corpo mais numeroso deste exército feminino, acha-se acampada no caminho que medeia o passo do Rio e uma pequena ilha no interior.

No caminho da Villa Rica está a ala direita deste exército, comandada pela mãe do capitão Herrero, para que, em caso de necessidade opere em combinação com a coronel Margarida Ferreira que dispõe de um formoso corpo de intrépidas raparigas.

Se isto é certo, como o assegura o Standard teríamos de ver renovados os tempos da antiga Esparta, e as mulheres de Cochabamba teriam encontrado imitadoras.”⁶⁹

Nesta reportagem, Lynch é apresentada, assim como em outras narrativas que encontramos nas páginas dos jornais, como a grande líder feminina que guiou as mulheres a pegarem em armas. Sobre Elisa Lynch dedicaremos um espaço particular no próximo capítulo para uma análise mais aprofundada sobre sua figura. Nas linhas finais surgem comparações entre as mulheres paraguaias com as mulheres dos “tempos da antiga Esparta”, e que “as mulheres de Cochabamba teriam encontrado imitadoras”⁷⁰. Essas referências não são elementos dado ao acaso. Ao citarem as “mulheres de Cochabamba”, o jornal retoma a figura das mulheres bolivianas que resistiram, na primeira década do século XIX, aos colonizadores espanhóis. Dentre estas mulheres, Maria Lígia Prado cita, por exemplo, Manuela Eras y Gandarillas e Josefa Montesinos, que agiram, inclusive, em ações armadas⁷¹. A notícia mobiliza, assim, outras possíveis histórias de mulheres que atuaram durante conflitos bélicos. Todavia, ao retomar tais exemplos, que são do *passado*, notamos uma tentativa de afirmar que não havia mais espaço para que mulheres agissem diretamente na guerra. Tratava-se, assim, de algo visto como incivilizado para a segunda metade do século XIX.

A mesma notícia também circulou no *Correio Paulistano* no mês seguinte⁷². Desta vez, no jornal paulista há também outra notícia, mais longa, sobre os trabalhos realizados pelas paraguaias, intitulada “As amazonas”. De acordo com a notícia, que foi extraída do

⁶⁹ “As mulheres paraguaias”, *O Mercantil*, Desterro, 24 mai. 1868, p.4.

⁷⁰ *Idem*.

⁷¹ PRADO, Maria Lígia Coelho. Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina, *Revista Bras. de Hist.*, São Paulo, v.12 n° 23/24, set. 1991/ago. 1992, p. 80.

⁷² “As mulheres paraguaias”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jun. 1868, p.1.

periódico *Echo do Sul*, “em Buenos Aires já não há jornal que não tivesse publicado este horrendo fato de que López está recrutando mulheres”, mas que, no caso dessa edição, o periódico iria “dar a notícia mais detalhada” porque teria “informações mais exatas de fonte insuspeita, principalmente de estrangeiros que residem no lugar onde os acontecimentos estão se passando”. Sobre o número de mulheres armadas, comenta-se que não é possível ser fornecido “a vista de diversos dados entre as opiniões a respeito”. A notícia continua:

“Há muito tempo, há anos, que uma grande porção de trabalho forçado inerentes aquele lido tem sido feito pelas malfadadas filhas daquela terra, noutro tempo tão primoroso.

Até tem sido o braço da frágil mulher o que lavra a terra para fazer os túmulos para os mortos! Tem sido a mulher que caminhou léguas e léguas para levar os despachos do *tirano* de distância e distância! Finalmente os vapores e navios no porto de Assunção têm sido carregados e descarregados pela mão trêmula das mulheres daquela capital.

Tudo que de valor ou merecimento possuíam estas pobres criaturas, tem sido arrancado da mão delas para prolongar a resistência.

Há três anos que elas são lavradoras para tira da terra os mantimentos para os combatentes do outro sexo; das fibras de planta tecem vestimentas para aqueles: velaram as noites nos hospitais cuidando dos feridos e doentes; sofreram tudo e sacrificaram tudo, e agora com o *poder satânico* se acham puxadas para fazer face ao exército interior dos aliados.”⁷³

Nesse trecho encontramos novamente referências aos diferentes trabalhos realizados pelas paraguaias durante o conflito. Na notícia, as mulheres paraguaias são apresentadas como as responsáveis pelos cuidados dos feridos e doentes, pela produção de roupas destinadas aos combatentes, no cultivo da terra, no sepultamento dos mortos e, de acordo com a matéria, também estariam sendo colocadas para atuarem diretamente no *front* de guerra contra o exército aliado. Já a imagem de Solano López é reforçada enquanto um tirano. O periódico destaca que as mulheres paraguaias trabalhavam em variados setores desde 1865 e que no cenário de 1868 elas estariam sendo “puxadas” para combater os soldados brasileiros pelo “poder satânico” de López. A notícia comenta ainda a presença das mulheres no campo de batalha e questiona “seja obediência, seja fanatismo ou seja patriotismo, o que atrai para as colinas e vales a parte feminil da população paraguaia, armada com espadas e espingardas para defender aquela terra?”. É importante notar que mesmo com o objetivo de formular López enquanto um déspota que produzia violências contra seu próprio povo, o jornal, mesmo que sem este propósito, nos deixa vestígios sobre as

⁷³ “As amazonas”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jun. 1868, p.1-2. Grifo nosso.

mulheres paraguaias e suas formas de ação. O título dado a notícia também é relevante, pois referencia as chamadas amazonas presentes na mitologia grega e nos permite diferentes interpretações. Simone de Beauvoir, por exemplo, analisando os escritos de Heródoto sobre as amazonas, indica que elas participaram, assim como os homens, de disputas marcadas pela luta e resistência. A filósofa comenta também que as amazonas teriam de mutilar suas mamas, negando a maternidade em prol da luta⁷⁴. Assim, as mulheres teriam de “abrir mão” de parte daquilo que a tornaria feminina, enquanto os homens não teriam de passar por nenhum tipo de experiência assim para participarem dos conflitos bélicos.

Desde março de 1868, os brasileiros haviam ocupado a fortificação de Humaitá, onde Caxias construira uma nova base para o exército aliado, o que resultou em um longo processo de fuga de Solano López até sua morte. O jornal *O Publicador* comentava que “os fugidos de Assunção preparavam um novo ponto de resistência em Tebiquary”, dando o seguinte destaque:

“Consta que López organiza batalhões de mulheres, e que já tem alguns bem disciplinados e que fazem fogo com bastante destreza.

Dizem que Mme. Lynch é brigadeira, e que há coronelas, capitoas, etc. e etc.

Se vera esta fama, será para ver-se um dia de combate *a algazarra que as amazonas devem fazer*.

Quanto a mim hão de ser terríveis nos ataques a unhas e dentes.”⁷⁵

Os rumores sobre a possibilidade de que López estivesse mesmo recrutando mulheres para o *front* é satirizada pelo periódico. Os ataques que seriam protagonizados pelas paraguaias seriam feitos com “unhas e dentes”, resultando em uma “algazarra”. O jornal também noticiou que, durante a tomada de Humaitá, “entre os mortos encontrou-se uma mulher idosa vestida de homem e caída morta por uma bala ao lado de um mancebo de 16 para 17 anos”, que se encontrava protegido pelas mãos da idosa “sendo provavelmente seu filho”. A notícia repercutia novamente que havia rumores de que López estivesse organizando “vários batalhões de mulheres, ainda não enviados ao campo de batalha, mas mantidos como tropa de reserva”. Ainda sobre a tomada de Humaitá, o *Jornal do Commercio* comentou, por exemplo, que ali havia “senzalas em que homens e mulheres, em número de

⁷⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970, p.82.

⁷⁵ Cf. “Correspondência do Publicador”, *O Publicador*, Paraíba do Norte, 16 jun. 1868, p.2. Grifo nosso.

500 ou mais pessoas, preparavam cartuxos”⁷⁶. A escolha de palavras como “senzalas” não nos parecem dados ao acaso. Como procuramos argumentar, ressalta-se que, aos nossos olhos, há por parte da imprensa brasileira a intenção de posicionar não só de caracterizar o governo do Paraguai como uma tirania que fazia da população paraguaia um povo sem direitos, liberdade ou escolhas, mas, principalmente, nos momentos finais da guerra, enfatizar uma associação entre o Paraguai e a uma espécie de “escravização” dos seus combatentes.

Importante ressaltar também se, por um lado, havia esta formulação do “Outro”, do Paraguai, enquanto um governo tirano que retirava a liberdade de seu povo, os jornais brasileiros também destacavam o tratamento dos soldados brasileiros destinado à população paraguaia e especialmente as mulheres. Segundo o jornal *Dezenove de Dezembro*, por exemplo, “algumas [das mulheres], vendo o brilho do ouro brasileiro, não resistiram à sedução dele e nada perderam com isso”. A notícia indicava que se quando encontradas estavam “maltrapilhas”, e “nos dias imediatos à ocupação de Villeta já trajavam com luxo e montadas em luzidos cavalos”. Nas palavras do periódico, as paraguaias eram as “novas Cleópatras” e tiveram “seus Antonios a prestar-lhes culto e dinheiro”⁷⁷.

Em outra edição do jornal, originalmente publicada pelo *Jornal do Commercio* e assinada pelo militar Visconde do Herval, ou seja, Manuel Luís Osório, *O Dezenove de Dezembro* traz comentários feitos por soldados brasileiros referindo-se às mulheres paraguaias:

“Os soldados, com o espírito que lhes é próprio, faziam observar algumas paraguaias que, prisioneiras em dezembro, passeavam bem vestidas, elegantes por entre os montões de grupos, de suas desgraçadas patricias, a recolherem ou procurarem irmãs ou irmãos: “Aqueles são as paraguaias mansas”, diziam eles, “as outras são as bravias”. “Essa gente”, exclamava outro, “é pior do que negros de uma fazenda do Brasil, e de mau senhor” acrescentava.”⁷⁸

O texto, produzido por Osório, foi escrito já nos momentos finais do conflito, quando as tropas aliadas ocuparam a capital paraguaia e a guerra tornou-se uma caçada à Solano López. Ao comparar as duas reportagens, podemos observar que, o encontro entre as mulheres paraguaias e os brasileiros não é somente algo pacífico, como também benéfico para elas. Assim, a possibilidade de violências contra as paraguaias, até mesmo as sexuais,

⁷⁶ “Correspondência do Jornal do Commercio”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1868, p.1.

⁷⁷ “Exterior”, *Dezenove de Dezembro*, Curitiba, 3 mar. 1869, p.2.

⁷⁸ “Exterior”, *Dezenove de Dezembro*, Curitiba, 11 jul. 1869, p.3-4.

não é nem cogitada ou evidenciada. Pelo contrário, a narrativa presente no jornal, assim como em outros, seria de que as paraguaias foram bem recepcionadas e tratadas com respeito pelos brasileiros mesmo que elas fossem inimigas de guerra. Segundo tais narrativas, o exército as teria tratado com liberdade e afeto.

Todavia, é preciso analisar tais notícias com olhar crítico à fonte. A decisão do governo imperial em continuar com a guerra, mesmo que o Paraguai não apresentasse mais condições para o confronto, revela, na verdade, a política adotada pelo exército brasileiro com o seu oponente. Já com as tropas compostas por crianças, travestidas de soldados, o Paraguai seguia tentando resistir aos ataques do exército brasileiro. No próximo capítulo, nos debruçaremos sobre os modos como os jornais brasileiros narraram as batalhas entre aliados e jovens e crianças paraguaias e denunciaram as violências experienciadas por estes sujeitos e pelas mulheres em detrimento de tecer críticas às ações e escolhas militares dos brasileiros. Mas já vale ressaltar que houve, assim, por parte da imprensa, escolhas para construir as narrativas sobre este encontro entre soldados e população paraguaia, muitas vezes tornando-o moralmente civilizado e civilizador. Além disso, há também em muitos desses textos uma estratégia retórica de mostrar a união entre paraguaias e brasileiras por laços amorosos e afetivos, possivelmente com o objetivo de reduzir as ações patrióticas e bélicas realizadas pelas mulheres. O *Correio Paulistano*, por exemplo, afirmou que "vede essas miseráveis paraguaias partilharem o leito dos soldados que ainda hora mataram-lhes seus maridos, e amanhã e depois serem suas companheiras", e que encontrariam outros para substituí-los, "até que outros conquistadores às venham retomar"⁷⁹. Ao ficarem com o inimigo, a narrativa aponta que estas mulheres não eram assim tão fiéis aos paraguaios e ao país, mobilizando, novamente, o discurso nação-família e o corpo feminino, mas desta vez com o argumento negativo de traição.

Já no artigo de Manuel Luís Osório, publicado tanto no *Jornal do Commercio* quanto no *Dezenove de Dezembro*, somos apresentados às definições feitas pelos próprios integrantes do exército, "com o espírito que lhes é próprio", sobre as paraguaias. Primeiramente, indicam que existiam "as paraguaias mansas" destacadas aos olhos dos soldados pelas boas vestimentas, sendo estas chamadas também de "desgraçadas patricias". O segundo grupo seria de mulheres "bravias". As paraguaias "bravias" seriam, de acordo com a notícia, uma gente "pior do que negros de uma fazenda do Brasil, e de mau senhor". Pela descrição feita, o

⁷⁹ "A obra perfeita do princípio da autoridade no Paraguai", *Correio Paulistano*, São Paulo, 4 mar. 1869, p. 2

artigo parecia se referir a mulheres das classes populares quando menciona as "bravias", uma vez que as contrapunha com as mulheres de "boas vestimentas" e "patrícias". O segundo grupo, estão visto com mais hostilidade pelos soldados, provavelmente ainda mantinham seu apoio ao governo de Solano López e, por isso, talvez não tenha se aproximado dos aliados. Contudo, é importante ressaltar que o uso da palavra "bravia", no século XIX não deixava de carregar sentido étnicos e raciais. O termo era usado por viajantes e colonizadores para descrever, por exemplo, populações indígenas. Provavelmente o que viam os soldados - o olhavam com desprezo, racismo e animosidade - eram mulheres pobres, não brancas, mestiças e muito provavelmente com traços guaranis. A insistência com a comparação da situação dessas mulheres com a escravidão também não parece fortuita. Por serem descritas como "pior do que negros de uma fazenda", pertencentes a um "mau senhor", observamos como algumas das narrativas que circularam na imprensa do Brasil insistiram nessa comparação entre mulheres paraguaias e escravidão. Como argumentamos anteriormente, tal comparação recorrente talvez fosse feita em especial com a intenção de reforçar o caráter autoritário de Solano, mas também de se vingar das críticas estrangeiras, particularmente as paraguaias, feitas ao exército brasileiro e seus soldados-escravos.

Destacamos que os comentários feitos pelos soldados brasileiros tecem uma relação entre a tirania de Solano López e a escravidão de africanos e descendentes, na qual as mulheres são postas como inferiores aos negros escravizados que eram maltratados pelos seus senhores. A expressão "mau senhor" utilizada no periódico relaciona-se com a figura de López e as paraguaias novamente postas como alienadas agora por continuar a defender o discurso do governo paraguaia. Assim, aquelas que provavelmente não concordavam com a ocupação dos aliados e mantinham seu apoio e patriotismo eram vistas como inferiores, ignorantes e manipuladas pelo governo de López estabelecendo novamente uma relação com a escravidão.

Para concluir nossa análise, há uma instigante notícia publicada no *Diário de Belém* que contribui para o debate construído neste capítulo. Com a ocupação da capital paraguaia, Assunção, pelas forças aliadas, o jornal comentou que "o Brasil está vitorioso e a honra nacional covardemente ultrajada foi vingada, viva o Brasil, viva o Imperador, Vivam os exércitos aliados"⁸⁰. A honra e dignidade nacional que, como discutimos no segundo capítulo, foram elementos fortemente utilizados para moldar o sentimento nacionalista foram

⁸⁰ "Exterior", *Diário de Belém: Folha política, noticiosa e comercial*, Belém, 19 fev. 1869, p.1.

retomados pelo jornal com a vitória aliada. As “crueldades de López” contra seu próprio povo foram verificadas, pelas palavras do *Diário*, e que “seria inútil descrever os fatos do malvado López”, um “covarde como ninguém, longe sempre do perigo”, cujo empenho era o de “sacrificar em combates inúteis até o último de seus soldados”⁸¹. Ao comentar sobre as condições de Assunção e a ocupação feita pelos aliados, o *Diário* finaliza sua notícia com o seguinte trecho:

“Para que se julgue o caráter republicano do Paraguai, envio a escritura de compra de uma escrava, e a carta de liberdade da mesma, assim como bilhetes pedindo quantias para comprar *servientas*. Mostra a quem quiser ver estas provas de igualdade e fraternidade, e da liberdade e justiça, legendas das armas paraguaias”⁸²

Aqui temos um exemplo do discurso que procuramos ressaltar: a construção do “Outro”, do Paraguai, enquanto um país que se afirma com liberdade, mas conta com um governo tirânico. A intenção do *Diário*, por exemplo, neste trecho está em demonstrar que o Império estaria levando liberdade aos paraguaios e, assim, ao próprio Paraguai. A escolha por evidenciar a compra e, principalmente, a carta de liberdade não se fez somente por esta experiência única desta *servienta*. Mas envolve, como buscamos demonstrar ao longo do capítulo, que críticas políticas eram tecidas ao Paraguai especialmente à López e Lynch, estabelecendo uma relação entre as mulheres combatentes e a escravidão. Se o Império era aquele que recebia constantes críticas sobre seu sistema escravista e a composição de seu exército, nos momentos finais do conflito houve, por parte da imprensa brasileira, a construção de uma imagem de um país, Paraguai, com ausência de liberdade.

Desse modo, a imprensa analisada nos permitiu encontrar vestígios das visões brasileiras sobre as ações e trabalhos protagonizados pelas mulheres na guerra. Se nas páginas dos jornais paraguaios e parte dos jornais argentinos reconhecemos as críticas tecidas ao Império e a composição dos corpos de exércitos aliados por homens negros e escravizados, na imprensa brasileira, por outro lado, encontramos tentativas de reduzir os atos das mulheres paraguaias que decidiram participar (de diferentes maneiras) do confronto a uma imposição do governo despótico de López. Segundo a imprensa brasileira, o patriotismo das mulheres misturava-se com as propagandas do governo de López e Lynch.

⁸¹ “Ferocidades de López”, *Diário de Belém: Folha política, noticiosa e comercial*, Belém, 7 fev. 1869, p.1.

⁸² “Exterior”, *Diário de Belém: Folha política, noticiosa e comercial*, Belém, 19 fev. 1869, p.2.

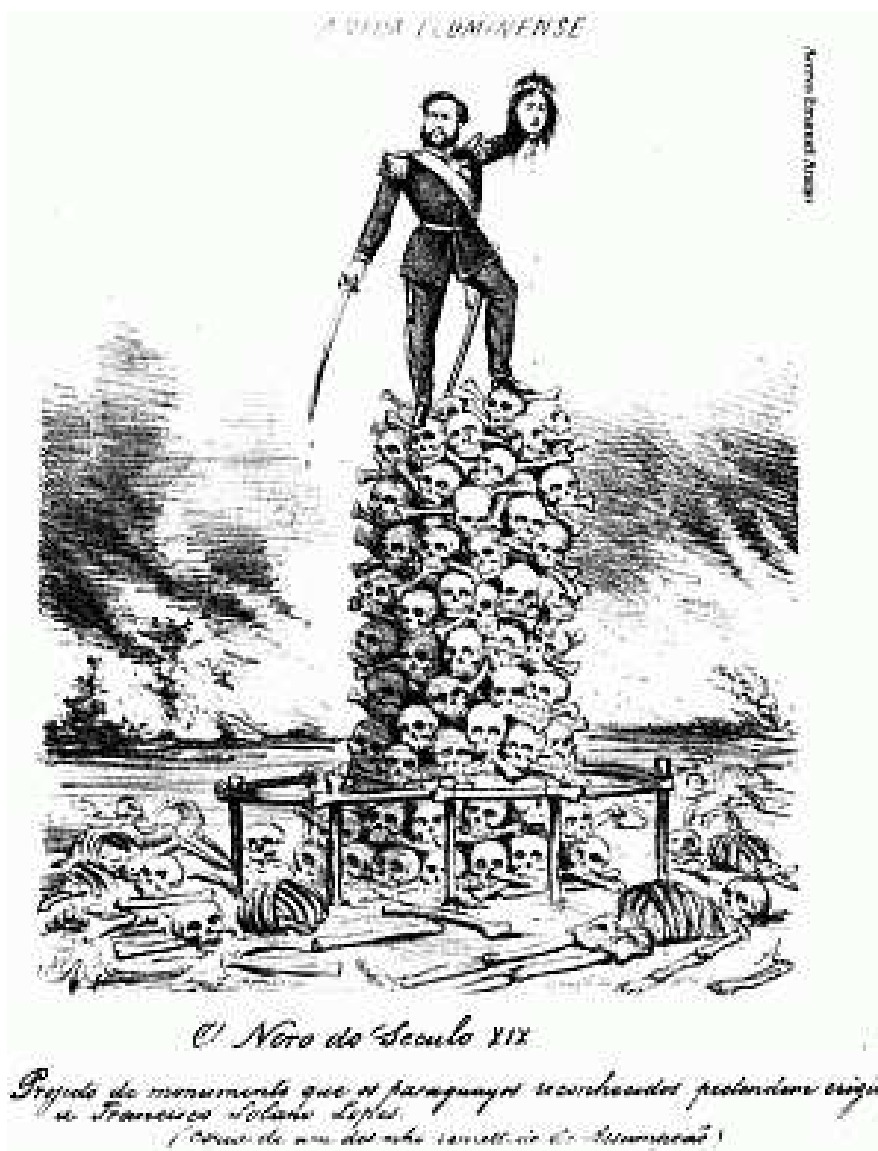
Contudo, cabe mais uma vez ressaltar que, mesmo que com as “lentes” e os “filtros” presentes na imprensa, as notícias e as correspondências publicadas nos jornais brasileiros, nos deixem entrever uma série de trabalhos realizados pelas mulheres na guerra. Através de artigos e reportagens, podemos reconhecer suas ações e formas de agir ou se mover no conflito. No próximo capítulo continuaremos a discussão sobre como a imprensa brasileira versou sobre as violências experienciadas pelas paraguaias durante a guerra. Nos aprofundaremos neste debate entendendo as mudanças internas no Paraguai que acabaram por gerar dois grupos sociais de mulheres: as residentes e as destinadas. Para além das paraguaias, também analisamos o modo como os jornais brasileiros também evidenciaram as condições vividas por outros sujeitos como crianças e idosos acentuando constantemente o estado de miséria e pobreza do país paraguaio.

4 CAPÍTULO IV: VIOLÊNCIAS NO FRONT, NA IMPRENSA E NA HISTÓRIA

4.1 Residentas e destinadas

Em 12 de junho de 1869, Angelo Agostini publicou, na *Vida Fluminense*, sua ilustração intitulada “O Nero do século XIX”. Nesta imagem, o chão está repleto de esqueletos e o Solano López feito por Agostini está posicionado no topo de uma pilha também de ossos, especialmente, de crânios. No alto desse acumulado de mortos, a postura de López é de vencedor, trajado de farda, com pose exibicionista e olhar para o horizonte. Em uma das mãos, López tem sua espada e, na outra, guiada para cima, ele expõe uma cabeça feminina que ainda pinga sangue.

Figura 4: O Nero do Século XIX, *A Vida Fluminense*, 12 jun. 1869.



Se observarmos, a espada de López também está suja e pinga sangue. Assim, numa leitura destes detalhes, a autoria da morte da mulher, cuja cabeça está em suas mãos, é diretamente atribuída a López. A escolha por colocar uma mulher como vítima do governante paraguaio e referenciar-se ao López como “Nero do século XIX” também não nos parecem como elementos dado ao acaso. Com a imagem associada ao imperador romano, muitas vezes relacionada à tirania, luxo e ao uso da violência contra o próprio povo, López foi construído como o responsável por aqueles esqueletos e, assim, pelas mortes. Na ilustração de Agostini temos ressaltada a violência produzida por López contra os próprios paraguaios. E vale se questionar por que da escolha do artista em destacar, em meio a tantos ossos, a cabeça feminina decapitada, único rosto que para além do de López compõe a imagem. Este é um

dos exemplos que encontramos de discursos visuais e escritos que ressaltavam e denunciavam, principalmente nos anos finais do conflito (1868-1870), as violências realizadas contra o povo paraguaio, especialmente, aquelas direcionadas às mulheres paraguaias.

Entendo que a imprensa não é um campo neutro, pelo contrário, é marcada pelas disputas sociais e política. Justamente por partir desse pressuposto, nos intriga pensar quais eram as motivações, presentes nas entrelinhas, para que os jornais brasileiros comentassem sobre as violências protagonizadas contra as mulheres paraguaias. Como veremos neste momento do capítulo, jornais da corte como *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro*, bem como de outras províncias como o *Correio Paulistano*, de São Paulo, e o *Despertador*, de Santa Catarina, denunciavam as violências vivenciadas pelo povo paraguaio e destacavam, em especial, as experiências das mulheres no confronto.

As notícias sobre as experiências das mulheres paraguaias durante o conflito sofreram grandes modificações devido às supostas conspirações contra Solano López e os chamados “Tribunais de Sangue”, que julgaram e puniram os possíveis conspiradores. Francisco Doratioto, ao discutir sobre os “Tribunais de Sangue”, afirma, por exemplo, que eles se tratavam de uma grande paranoia desenvolvida por López, o que resultou no julgamento e assassinato de diversos membros da elite militar paraguaia, acusada então de conspiração e traição. De acordo com o historiador, não podemos afirmar de fato a existência de tais tentativas de traição, pois não há, até o momento, documentos ou qualquer evidência que possam comprovar essa teoria¹. O pesquisador ressalta ainda que os processos e os julgamentos envolveram confissões realizadas por meio de tortura com o uso de chicotes e afogamentos. Muitos dos considerados culpados foram assassinados por fuzilamento. Dentre alguns dos condenados estavam o irmão de López, Benigno López, general Barrios, sua mãe, o ex-chanceler José Berges, o bispo Palacios, antes grande aliado do líder paraguaio, entre outros. Os “Tribunais de Sangue”, que também são referenciadas pelos pesquisadores como “A Grande Conspiração de San Fernando”² ou somente “San Fernando”, vieram a público por meio de uma proclamação feita por López em 16 outubro de 1868 à Nação e ao exército

¹ DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.343.

² ARECES, Nidia R. Terror y Violencia Durante La Guerra Del Paraguay: ‘La Masacre de 1869’ y Las Familias de Concepción, *Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y Del Caribe / European Review of Latin American and Caribbean Studies*, no. 81, Centrum voor Studie en Documentatie van Latijns Amerika (CEDLA), p. 43–63, 2006.

paraguaio³. As mulheres paraguaias, por sua vez, não foram esquecidas nestes processos e julgamentos. Pelo contrário, tanto as mulheres da elite, quanto as das camadas populares tiveram suas vidas diretamente afetadas pelas consequências políticas e sociais desta suposta conspiração. Dentre elas, podemos citar o fato de algumas das mulheres da elite serem condenadas como traidoras. Vale citar, por exemplo, o caso de Pancha Garmendía, uma paixão da juventude de López, ou Juliana Insfrán, esposa do militar paraguaio Coronel Francisco Martínez, que foi chicoteada, torturada e posteriormente fuzilada⁴. Este tipo de violência envolvendo o chicote e outras torturas não foi realizada somente no caso destas paraguaias, mas foi parte constituinte dos “julgamentos” e dos “processos” tanto de homens, quanto de mulheres.

Mas, antes de analisar profundamente as experiências femininas, vale entender melhor os antecedentes que culminaram nos processos ocorridos em San Fernando. Como defende Alberto Moby, a partir de 1866, López utilizou-se da estratégia de despovoar os locais que estivessem ocupados pelas forças aliadas⁵. Quando os aliados já estavam próximos de ocupar a capital paraguaia, em fevereiro de 1868, foi publicado um decreto, assinado pelo vice-presidente, Francisco Sánchez, ordenando o abandono de Assunção. A nova capital foi estabelecida na cidade de Luque, local para o qual foram destinados documentos diplomáticos do Arquivo Nacional Paraguaio, por ordem de Solano López. No decreto de cinco artigos temos as seguintes determinações:

“Vice-presidente da República porquanto o estado de guerra que sustenta a República em defesa de sua liberdade e Independência exige a evacuação da Capital como um dos pontos do litoral mandado desocupar, Declara:

Artigo 1º - A cidade de Asunción fica desde esta data declarada ponto militar.

Artigo 2º - Dentro das quarenta e oito horas de publicação do presente decreto, se evacuará totalmente a cidade, retirando-se a população aos pontos que assinalará o Departamento de Polícia.

Artigo 3º - Toda pessoa que for encontrada roubando nas casas desocupadas ou nas ruas, será imediatamente fuzilada.

Artigo 4º - Qualquer pessoa que for encontrada em comunicação com o inimigo sofrerá a pena capital.

³ SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *A Noite das Kygua Vera: A mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra do Triplice Aliança (1867-1904)*, Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998, p.45.

⁴ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra...* *Op. Cit.*, p.331.

⁵ SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *Op. Cit.*, p. 19.

Artigo 5º - Incurrerá na mesma pena todo indivíduo que tendo conhecimento do fato, não denunciar imediatamente ante o Comandante Geral de Armas, o traidor ou espião.”⁶

Moby reconhece que havia um clima tenso entre López e a burguesia paraguaia que, segundo o autor, não teria tido grandes interesses em auxiliar o líder paraguaio nos momentos finais do conflito. Segundo o autor, houve também a circulação de rumores sobre a falta de conhecimento por parte de López sobre os caminhos trilhados pelo seu próprio exército e que a saída de López do governo poderia auxiliar a população já desgastada pela guerra de longa duração. O líder paraguaio tinha, naquela altura do conflito, sua liderança questionada e contava com uma nação debilitada e sem uma coesão militar para defender o país. Houve, assim, suspeitas e ressalvas por parte de López, e de alguns seguidores, envolvendo possíveis revoluções e rebeliões que poderiam surgir de diversas partes da sociedade paraguaia⁷.

Com os desdobramentos da evacuação de Assunção e os processos de San Fernando, diversas mulheres foram também acusadas de traição e sofreram as consequências das desconfianças vindas de López. A suposta conspiração e seus desdobramentos mudaram a configuração social do país e, especialmente, as condições vivenciadas pelas mulheres. Antes destes processos e julgamentos, poderíamos identificar, como argumentou Moby, dois principais grupos sociais femininos: as *agraciadas* e as *kygua véra*. Como vimos no capítulo anterior, as *agraciadas* eram as mulheres que compunham uma elite militar e econômica no Paraguai, enquanto as *kygua vera* eram aquelas das camadas populares. Ambos os grupos agiram ativamente durante o conflito. As mulheres da elite, por exemplo, doavam suas joias enquanto as *kygua vera*, muitas vezes, trabalhavam como cozinheiras, enfermeiras e no transporte. Com os rumores de conspiração e os julgamentos protagonizados nos “Tribunais de Sangue”, estes dois grupos sociais se transformaram e foram substituídos por novas divisões sociais. Em decorrência destes julgamentos, de uma nova configuração social se originou a seguinte composição: muitas das *agraciadas* transformaram-se em *destinadas*, e as *kygua véra*, em geral, correspondiam às *residentas*⁸.

Segundo historiadores como Moby e Potthast, as *residentas* tiveram de abandonar suas casas, seguir as tropas paraguaias cruzando o país e viver nas zonas que fossem controladas pelos paraguaios. Já o grupo chamado de *destinadas* era composto por mulheres

⁶ SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *Op. Cit.*, p.49.

⁷ *Idem.*, p.51.

⁸ SILVA, Alberto Moby. *Op. Cit.*..., p.52.

condenadas por algum delito político ou por serem parte de famílias, amigas ou conhecidas de supostos conspiradores. Muitas das *destinadas* tinham origem na elite paraguaia e, como indicou Potthast, eram as organizadoras das reuniões do *belo sexo* e das demonstrações patrióticas como as doações de joias⁹. Elas foram destinadas a lugares que alguns historiadores chamam de campos de concentração, primeiramente em Yhú e depois em Espadín, lugares praticamente inacessíveis porque estavam localizadas em zonas de selva e cordilheiras¹⁰. As tropas brasileiras, ao chegarem a San Fernando, após a retirada de López – que permaneceu em estado de fuga até 1º de março de 1870 quando foi morto pelos brasileiros – , depararam-se com um grande número de cadáveres e pessoas miseráveis e famintas. Potthast indica que o número de mulheres destinadas gira em torno de 3 mil. A historiadora, juntamente com Luc Capdevilla, ao analisarem arquivos judiciais do ano de 1868, notaram que as mulheres paraguaias foram três vezes mais acusadas do que os homens por delitos políticos e ofensas às “causas patrióticas”, por ações contra Solano López, contra o Paraguai ou a favor das forças aliadas¹¹.

Ao procurar por estes sujeitos na imprensa brasileira, encontramos reportagens e notícias tanto sobre as *residentas* quanto sobre as *destinadas*. Começando pelas *residentas*, os jornais brasileiros, como o *Correio Paulistano*, por exemplo, realizavam comentários sobre a presença de mulheres nos acampamentos e no front de guerra. Muito provavelmente, as notícias publicadas sobre mulheres que foram encontradas mortas vestidas de uniformes masculinos eram *residentas*, que acompanhavam e eram obrigadas a seguirem com o restante do exército paraguaio¹². Ao comentar sobre quatro paraguaias “a par da maior nudez, da maior degradação” que foram encontradas pelo coronel Vidal e coronel Garcia, o *Correio* destaca que elas foram interrogadas, mas, antes disso, os brasileiros se atentaram a darem vestimentas a tais mulheres. Há, assim, um discurso de cuidado por parte dos brasileiros, em contraposição a construção feita sobre López que é posto como um fugitivo que deixou sua população na “maior pobreza e miséria”. A notícia também tece críticas aos paraguaios e às

⁹ POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas: varias roles y memorias femeninas de la Guerra de La Triple Alianza, *Revista Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.10 n.1, 2006, p.97.

¹⁰ ALCALÁ, Rodríguez. *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción, RP Ediciones, Criterio, 1991.

¹¹ CAPDEVILA, Luc. *Una guerra total: Paraguay, 1864-1870: ensayo de historia del tempo presente*, 1ª ed., Buenos Aires: SB, 2010, p. 86.

¹² “Notícias da Guerra”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 set. 1866, p.2-3.,

paraguaias que continuavam a defender López, mesmo admitindo “sistema cruel e bárbaro” que oprimia a “infeliz República do Paraguai”¹³.

Como vimos no capítulo anterior, boatos de que mulheres estariam formando batalhões totalmente femininos circulavam nos jornais brasileiros. Essas figuras femininas formuladas pelos jornais muito se aproximam das experiências vividas pelas *residentas*. Em muitos momentos, Elisa Lynch foi apresentada como a organizadora destes supostos batalhões femininos. Nomes como de Anita Gill e Margarida Ferreira são citados como possíveis mulheres que estavam no alto escalão militar e organizavam também as forças femininas¹⁴. Ainda no *Correio Paulistano*, somos apresentados a outra mulher que também era, supostamente, uma coronela que comandava um grupo militar de mulheres chamado “Amazonas da Independência”¹⁵. Assim como os nomes de Anita Gill, Margarida Ferreira, não encontramos outras notícias sobre Maria Padilla para além dos presentes no *Correio Paulistano*. Também não nos deparamos com outras notícias sobre o grupo “Amazonas pela Independência”, apenas a mesma notícia repercutida em outros periódicos.

Maria Padilla nos é apresentada como uma jovem de 25 anos “alta, branca e de uma formosura varonil”, mas também comportava em si “uma sombra que lhe [dava] um aspecto misterioso”. Padilla, de acordo com a notícia, era comandante de um regimento de mulheres em Carapehuá, sendo também dona de uma “história tenebrosa e triste, como as impressões que deixou em seu coração”. Aos 20 anos, Maria teria perdido sua virgindade ao se relacionar sexualmente com um homem havia lhe prometido matrimônio. A jovem teria amado “com todo o fogo de uma alma virgem”, mas, ao perder sua virgindade saiu com sua honra manchada, uma vez que o homem havia lhe prometido o casamento teria se unido com outra mulher. Movida pelos sentimentos vindos de sua “ferida no mais profundo de sua alma” e “ofuscada pelo ódio”, Maria “pensou em sua fúnebre vingança”. Ao realizar sua vingança e proteção da honra, Padilla assassinara seu antigo amante, que repousava ao lado de sua recém esposa na noite em que haviam se casado. De acordo com a notícia, “ao ver cair o cadáver sangrento do seu antigo amante exclamou aterrada: lhe teria perdoado minha vida, mas minha honra jamais!”. Padilla teria sido presa, mas fora perdoada e não permaneceu muito tempo na prisão e passou a vagar pelos bosques até o momento da guerra:

¹³ “Notícias do Rio da Prata”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 abr. 1868, p.1.

¹⁴ “As mulheres paraguaias”, *O Mercantil*, Desterro, 24 mai. 1868, p.4., “As mulheres paraguaias”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jun. 1868, p.1.

¹⁵ “Maria Padilla”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 27 set. 1868, p.2.

“Desde esse momento desapareceu e só tornou a aparecer na guerra do Paraguai, na qual tem prestado ao exército inimigo grandes serviços de valor e caridade, o que visto por López, que tinha a ideia de utilizar em sua defesa mulheres do Paraguai, a nomeou coronela do regimento n.1 de “Amazonas da Independência”, que está em Carapehuá.

É o caso de dizer-se se non é vero é bem trovato.¹⁶”

De acordo com a narrativa sobre Maria Padilla, a paraguaia passou não somente por uma decepção amorosa, mas teve sua honra manchada ao se deitar com um homem que não cumpriu sua promessa de matrimônio. A trajetória de desonra e busca por vingança teria levado a paraguaia ao isolamento até o momento da guerra, quando surgiria a oportunidade de Padilla ser nomeada como coronela. A história versada sobre Padilla se aproxima de uma das versões contadas sobre a brasileira Jovita Alves Feitosa que, disfarçada de homem, participou com os aliados no início do conflito. Como analisou José Murilo de Carvalho, uma das versões produzidas sobre Jovita tratava-se de uma novela de Sabbas da Costa de 1868. Nesse folheto, Jovita teria engravidado de um filho de fazendeiro que a deixara sozinha. Abandonada pelo amante, Jovita teria deixado a criança com o avô paterno e partido como voluntária¹⁷. Assim, é interessante notar que, na narrativa sobre uma suposta coronela paraguaia se misturavam elementos como a honra nacional e a honra feminina. Também fica ressaltado os supostos limites envolvendo as relações de gênero. A notícia aponta para uma dificuldade dos que escreviam nos jornais em entender quais seriam as motivações das mulheres de seguirem em combate, construindo as trajetórias femininas como que, necessariamente, relacionadas às vidas masculinas.

Como argumentou Potthast, na memória nacional paraguaia a figura das *residentas* se sobressai em relação à imagem das destinadas. Formuladas como heroínas e guerreiras, as mulheres chamadas de *residentas* são lembradas como aquelas que resistiram e defenderam seu país contra o inimigo. É notório como as análises já realizadas nos capítulos anteriores indicam que as paraguaias eram protagonistas, voluntárias ou não, em múltiplas tarefas dentro e fora do *front*. A historiadora cita, por exemplo, um monumento intitulado “La residenta”, construído no aniversário do fim da guerra, em 1970, que representa uma mulher e uma criança presente no caminho ao aeroporto da capital paraguaia, ou seja, em um lugar

¹⁶ “Maria Padilla”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 27 set. 1868, p.2.

¹⁷ CARVALHO, José Murilo. *Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte*, Editora Chão, São Paulo, 2019, p.119.

de destaque e movimentação de pessoas¹⁸. É interessante notar, assim, as diferentes construções feitas sobre o mesmo objeto. Se, em parte da memória paraguaia, as *residentas* ocupam um lugar privilegiado, nas páginas dos jornais brasileiros suas ações foram, muitas vezes, questionadas e postas como frutos de obrigações e de constrangimento. Mesmo quando citavam as possíveis mulheres combatentes ou ressaltavam que as paraguaias seriam as grandes responsáveis pela maioria dos trabalhos, jornais brasileiros, como o *Correio Paulistano*, por exemplo, acabam por reduzir ou minimizar a importância das ações femininas. Ainda que as grandes responsáveis por quase todas as tarefas, inclusive no front, as paraguaias foram chamadas de “frágeis” ou donas de “mãos trêmulas”, indicando a insistência em narrar os trabalhos femininos como menos qualificados e frutos de determinações da tirania de López e de Lynch¹⁹.

Já as *destinadas* ocupam um lugar menor na memória paraguaia. Consideradas traidoras ou relacionadas com traidores, as *destinadas* representam as contradições da guerra, pois não se encaixam na dicotomia entre heróis e vilões. Entre as mulheres deste grupo social, a mulher mais reconhecida na memória e na historiografia paraguaia foi Pancha Garmendia, uma senhorita da elite paraguaia que se destacava por sua beleza. Pancha Garmendia, segundo Mary Monte de López, aos vinte anos, era uma grande pretendente aos olhos de Solano López, que lhe escrevia poemas e cartas românticas. Após conhecer Elisa Lynch em Paris e torná-la sua companheira, Solano López manteve contatos com Garmendia por meio dos bailes da elite e das reuniões da alta classe paraguaia. Com as supostas conspirações, Pancha Garmendia foi também condenada a marchar e a acompanhar as *destinadas*²⁰. Na memória nacional paraguaia sobre a *destinada*, realidade e mito se misturam ao destacar sua beleza e sua morte causada pela perseguição de López contra seus supostos conspiradores²¹.

Não foram encontradas edições que citassem Pancha Garmendia diretamente, mas os periódicos brasileiros versaram sobre outras mulheres que tiveram suas trajetórias narradas próximas ao que investigamos sobre as *destinadas*. O *Publicador*, da província da Paraíba, comentou, por exemplo, que “as próprias inofensivas mulheres não têm sido poupadas ao furor do extermínio, de que se acha dominado o ditador López”. Afirmando que “dois

¹⁸ POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas...*Op. Cit.*, p. 91.

¹⁹ “As amazonas”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jun. 1868, p.1-2.

²⁰ Para saber mais sobre a história de Pancha Garmendia, Ver: MOREIRA, Mary Monte de López. *Pancha Garmendia*, El Lector, Asunción, 2013.

²¹ DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns...Op. Cit.*, p.25.

prisioneiros feitos pela nossa vanguarda indicam o lugar em que ainda se podem encontrar os cadáveres de mulheres de todas as idades, mandadas degolar por meras suspeitas”, a notícia reforçava a precariedade em que se encontram as paraguaias²². Após esses comentários, há um trecho de uma correspondência da *Tribuna*, de Buenos Aires, indicando que “se encontravam muitos cadáveres insepultos e que se dizia que o bárbaro López (não merece outro nome) havia degolado e fuzilado todos os prisioneiros argentinos”. De acordo com o correspondente:

“Não sei como explicar este massacre de vítimas é diz-se e se conhece, por estar fresco o lugar, que por baixo destes cadáveres há outra camada: sou a dizer-lhe que quando a mim as fisionomias são paraguaias.

Uma coisa chamou minha atenção e foi que em roda dos cadáveres encontrei pedaços de camisas de cambraia fina. Apanhei alguns pedaços ensanguentados para ver se encontrava alguma marca, porém, felizmente não encontrei; deduza da qualidade das roupas que, se eram de paraguaias, pertenciam a pessoas muito notáveis; tenha-se bem presente isto, porque paraguaios com camisas daquela ordem não há.²³”

Na notícia há um destaque feito pelo correspondente sobre as roupas das mulheres encontradas, provavelmente de paraguaias, descritas como pertencentes a “pessoas muito notáveis”. Os comentários feitos envolvendo um “massacre de vítimas” e a “qualidade das roupas” nos permitem associar os sujeitos citados com a trajetória das *destinadas*. Membros da elite, as *destinadas*, anteriormente *agraciadas*, eram antes apoiadoras do governo de López. Ao narrar sobre as *destinadas*, bem como sobre as *residentas* os jornais brasileiros organizaram, direcionaram e mobilizaram a opinião pública sobre a guerra reforçando os atos de crueldade ordenados por López e utilizando-se especialmente das histórias sobre as mulheres paraguaias e sobre a violência que vinha sendo empreendida pelas forças aliadas contra elas. Todo o discurso reforçava a ideia de que era urgente e necessário acabar com a tirania de López no Paraguai.

Nas notícias publicadas nos jornais brasileiros encontramos a história de diferentes mulheres que são posicionadas como testemunhas diretas ou oculares da “tirania” de López. Repercutindo notícias publicadas originalmente no *Jornal do Commercio*, o *Correio Paulistano* publica uma notícia sobre outras mulheres que teriam sobrevivido. As duas mulheres encontradas, chamadas Vicencia e Marcellina, foram descritas como “duas infelizes paraguaias que puderam escapar às garras do tirano e chegaram ao Rosário, onde se acham as

²² “O Publicador”, *O Publicador*, Paraíba do Norte, 14 out. 1868, p.1-2.

²³ “O Publicador”, *O Publicador*, Paraíba do Norte, 14 out. 1868, p.1-2.

forças brasileiras do comando do S. A. o Sr. Conde D'Eu". O trecho afirma que forças brasileiras e argentinas confirmam o depoimento dado por essas mulheres e que "o tirano", ou seja, Solano López, "agoniza, e já não sabe o que faz". Segundo a declaração, as mulheres haviam comentado sobre os caminhos traçados por López que, segunda elas, "tinha passado para Curuguaty, levando oito peças puxadas a braço" e que Lynch estava em um carro "arrastado por soldados". Vicencia e Marcellina contaram também que o governante paraguaio havia "sufocado uma sublevação que [fora] descoberta" e que López espingardeara "1.000 homens", produzindo um quadro no qual "o tirano contemplou os cadáveres um por um". Na declaração as mulheres também afirmavam que López havia posicionado "espiãs em diferentes estradas e que mandava lancear homens e mulheres que procuravam voltar atrás". Contavam ainda que ele "levava consigo também muitas famílias e que tinha feito tomar armas a algumas mulheres"²⁴. Na mesma página, o periódico destaca, a partir de um telegrama vindo de Assunção, que havia um "pequeno contingente de paraguaios" que confirmaram "a notícia de uma nova matança de homens e mulheres pelo receito de uma suposta ou real conspiração" e que, dentre as vítimas, estavam "oficiais e outras praças da escola de López"²⁵.

As *destinadas* apareceriam ainda em outro periódico, *O Despertador*, de Santa Catarina. O jornal também versou sobre a morte por decapitação de mulheres paraguaias e comentou sobre um dos campos das *destinadas* localizado em Espadín, ressaltando a condição das mulheres que foram ali encontradas pelos brasileiros:

"O bravo tenente coronel Moura acaba de chegar, tendo, com 30 homens, chegando à serra de Marayú, e passado, além disso, seis léguas adiante até atravessar o rio de Iguatemi no passo de Espadín.

Aqui encontrou cerca de mil mulheres em tal estado de miséria, que apenas 400 tiveram forças para levantar-se e acompanhar-nos, entre as quais algumas brasileiras e europeias, as outras ficaram ali completamente desfalecidas, esqueletos vivos, que quase não respiravam.

O tenente-coronel encontrou montões de mulheres degoladas e laceadas pelos espiões de Lopez.²⁶

O *Diário do Rio de Janeiro* também publicou notícia sobre as mulheres encontradas em Espadín. Em uma correspondência de janeiro de 1870, o jornal apresenta o nome de mais

²⁴ "Notícias do Rio da Prata", *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 out. 1869, p.1.

²⁵ "Telegrama", *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 out. 1869, p.1.

²⁶ "Notícias da guerra", *O Despertador*, Desterro, 25 jan. 1870, p.3.

de cinquenta mulheres que teriam sido “salvas à bruta perseguição do tirano López em Espadín pelas armas brasileiras”²⁷. É importante notar que entre os nomes listados constam pessoas com mesmo sobrenome e nomes masculinos nos indicando a possibilidade de que essas mulheres estivessem acompanhadas por crianças, seus filhos, por exemplo²⁸. A mesma notícia também comenta sobre a prisão de quatro espões que vinham “encarregados de degolar as mulheres”. Doratioto indica que, devido ao grande número de mulheres, Conde d’Eu enviou uma cavalaria ao encontro das *destinadas* presentes no campo de Espadín e que lá o exército encontrou um grande montante de mulheres e crianças degoladas²⁹.

No mês seguinte temos ainda a publicação no mesmo jornal de um depoimento feito pela Sra. Leite Pereira, viúva do cônsul português Leite Pereira. Questionada sobre seu “nome, idade e posição social”, a depoente indicou se chamar Francisca Lopez Leite Pereira, com 26 anos de idade, “viúva do cidadão português José Maria Leite Pereira, que estivera encarregado do consulado da sua nação”. Sobre o governo de López, a viúva comentou que López vivia “sempre embriagado” e que “era Mme. Lynch quem tudo dirigia e dispunha”³⁰. Comentando sobre sua vida após a prisão e o assassinato de seu marido, a viúva indicava que, em setembro de 1869, saíra com sua mãe da capital paraguaia para Recolleta, mas acabaram sendo expulsas “apesar de ter sua mãe muito doente e estar sem recursos para transportar-se” no dia 16 de outubro. De acordo com Sra. Leite Pereira, “no dia seguinte (ela) partiu para Altos, castigada por um sargento e um soldado: era já *destinada*”. Assim como a trajetória de outras *destinadas*, a história contada pela viúva é marcada pelas longas marchas, fome, trabalho e desafios. Em seu depoimento, a destinada comenta que realizou um movimento de peregrinação marchando para Yhú em janeiro de 1869 durante três meses de viagem. A longa marcha resultou na morte de sua mãe que “sucumbiu as fadigas da viagem”. Quando os brasileiros estavam se aproximando de Yhú, foi ordenada a marchar para Curuguayaty, depois para Itamará e posteriormente para Espadín. No depoimento também há comentários sobre as condições de sua marcha e da vida nesses locais:

“Em toda essa peregrinação sofreu o mesmo que todos os companheiros de infortúnio, fome, frio, sol, chuva, marchas por montes e banhados, forçados a

²⁷ “Notícias do Rio da Prata”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1870, p.2.

²⁸ Temos por exemplo os nomes: Enila Céspedes, Susana Céspedes de Céspedes, Juan Céspedes, Petrona Céspedes, Rosario Céspedes, Carolina Céspedes, Pablo Céspedes, Susana Céspedes, Dorotea Céspedes. Há também referência a uma sirvienta, ou seja, uma escrava que pertenciam a família nos indicando uma distinção social ainda que a família fosse de *destinadas*.

²⁹ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra... Op. Cit.*, p.439.

³⁰ “Documento interessante”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1870, p.3.

lavar a terra sem ferramentas e empregados em trabalhos que só utilizassem ao exército; mitigando a fome com animais de toda a espécie como sapos, cobras, etc. Alimentando-se principalmente com laranjas azedas (laranjas da terra). A fome chegou a tal ponto que alguns comeram frutas venenosas sabendo o que eram e morrendo instantes depois.³¹

No *Jornal do Commercio* há notícias vindas de Montevideo e Buenos Aires sobre o abandono de Assunção, nas quais se afirmava que a capital fora ocupada pelos aliados e estava “inteiramente deserta”. O fuzilamento dos supostos conspiradores também foi noticiado indicando nomes como de Barrios, Telmo López, Benigno López, bem como de mulheres como a esposa do coronel Martinez, Mercedes, irmã de Eguzquiza e Dolores Recalde. A mesma notícia também traz uma carta de uma “pessoa respeitável do exército argentino”, na qual indica que López “no meio da sede de sangue que o levou a fuzilar seu irmão Benigno e parentes próximos”. O trecho continua comentando que o líder paraguaio “mandou fuzilar duas mulheres e um sacerdote que cometeram o delito de dar um pouco de água a um prisioneiro brasileiro”³². A tirania de López, que já era reforçada nas páginas da imprensa desde o princípio da guerra, passa a ser apresentada agora como voltada diretamente ao povo paraguaio em forma de assassinatos por fuzilamento. O governante paraguaio, segundo os jornais brasileiros, estaria sendo afetado pelas perdas de homens durante as derrotas, pela a falta de coesão dentro do exército e pelas supostas conspirações, o que resultara em forte repressão aos que anteriormente teriam lhe apoiado. Na narrativa transmitida pelo periódico, o ato de “dar um pouco da água a um prisioneiro brasileiro”, uma suposta ação de compaixão com o inimigo, teria sido visto pelo governo paraguaio como um delito que merecia a punição do fuzilamento. O jornal, assim reforça, novamente, a concepção de que a violência, quase sem razões, era empregada pelo governo paraguaio contra seu próprio povo.

Em outra edição de janeiro de 1869, o *Jornal do Commercio* publicou um artigo intitulado “A ferocidade de López”, divulgado anteriormente pela *Nación Argentina* e que foi traduzido pelo jornal brasileiro. O artigo se constitui num depoimento feito por um suposto informante da Tríplice Aliança, chamado D. Adolpho Saguier. Segundo seu relato, após ter sua atividade descoberta foi feito prisioneiro por López, juntamente com outros sujeitos que foram julgados por traição. O documento traz, por exemplo, a afirmação de que torturas eram realizadas contra os paraguaios condenados, comentando que “López fazia castigar os

³¹ “Documento interessante”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1870, p.3.

³² “Jornal do Commercio”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1869, p.1.

prisioneiros com 500, 1000 e 1200 açoites antes de os fuzilar”³³. Ao comentar sobre a marcha a pé que realizou entre S. Fernando a Villeta com demais condenados por traição, o informante traz que:

“Fez marcha a pé de S. Fernando a Villeta, tendo os pés inchados, e extenuado pelos sofrimentos resignou-se, como os mais, a essa tremenda marcha de 40 léguas por caminhos impraticáveis, pois a ordem era de matar a baioneta indistintamente todos os que cansassem, fossem generais, chefes, oficiais, soldados, presos, sacerdotes, mulheres, crianças, velhos, enfim, todos os que faziam o trajeto; e, como era natural, muitos infelizes caíram por terra desfalecidos, pedindo por Deus em gritos que lhes dessem um só momento de descanso, afim de seguir adiante. Porém, a ordem do facínora era terminante, e os que cabiam eram executados sem piedade pelo esbirro Hilario Marco, antigo chefe de polícia da Assunção, muito conhecido de todos. É inútil querer descrever os fatos do malvado López, porque não há voz para narrar esses horrores malditos executados no século da civilização. Os que tiveram lugar nos tempos mais bárbaros não alcançam nem com muito a assemelhar-se ao que o déspota tem praticado aqui a nossa vista”

O artigo ressalta a violência oriunda do “malvado López” contra aqueles que ele considerou traidores. Para além de destacar que os condenados eram de diferentes setores e partes da sociedade paraguaia, a narrativa do artigo insiste em apontar a barbaridade e sofrimento causado ao povo paraguaio. Ainda que marchar “40 léguas por caminhos impraticáveis” já pareça um grande castigo, o informante destaca que os paraguaios tinham ordem direta de “matar a baioneta” aqueles que ficassem cansados. Ou seja, se sobressai a visão de que López era um déspota ou ainda, um “facínora”, aquele que era perverso contra os seus mesmos. A próxima notícia desta edição apresenta, por sua vez, uma correspondência vinda de Montevidéo. Ao comentar sobre a situação de Assunção com a ocupação aliada, o jornal afirma que as “famílias paraguaias se apresentavam diariamente em grande número”, e que lá “eram bem recebidos e mui bem tratadas, indício infalível de terminação da guerra”³⁴. O jornal ainda responde à outros veículos da imprensa do Rio da Prata que comentavam que o Brasil estaria se portando como conquistador, e defende que o conflito contra o Paraguai teria sido uma “missão humanitária e civilizadora das nações aliadas, e principalmente do Brasil, que constituiu-se por elementos e por sua tenacidade a alma de toda a luta contra o feroz ditador”³⁵. Em outra edição, o *Jornal* trouxe novidades vindas de Buenos Aires que versavam, novamente, sobre a tirania e violência no Paraguai. Ao formular o discurso de que

³³ “Exterior”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1869, p.1.

³⁴ “Correspondencia do Jornal do Commercio”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1869, p.1.

³⁵ *Idem*.

López era violento contra seu próprio povo, a notícia versou, particularmente, sobre as violências empregadas contra as mulheres paraguaias:

"Destarte o cruel algoz de um povo desditado fazia que o Paraguai se convertesse em um charco de sangue. Sangue de mulheres de soldados que fazia matar nas trincheiras, enquanto ele escondia-se no último canto da sua habilitação; sangue que fazia verter espingardeando aos centos vítimas de

seu furor satânico."³⁶

Temos, assim, um discurso que reforça a violência direcionada contra o próprio povo paraguaio, especialmente, aquela voltada às mulheres paraguaias. Referenciar possíveis experiências dessas mulheres não nos parece uma escolha despreziosa. Citar e comentar sobre essas figuras femininas reforçava o argumento de que o Paraguai estava sendo governado por um tirano que era cruel inclusive com os seus. Desse modo, é importante entender que versar sobre as mulheres paraguaias foi parte componente das disputas políticas e sociais que tinham a imprensa como lócus privilegiado. Colocado como assassino de homens e também de mulheres de sua própria nação, López é apresentado com um “furor” até mesmo “satânico” e tem sua fuga ironizada. O periódico ressalta que a guerra não era contra o povo paraguaio, mas mirava em López e contava com o objetivo de “privá-lo de sua autoridade”³⁷.

Dessa maneira, neste primeiro momento do capítulo, procuramos ressaltar como as *residentas* e *destinadas* foram mencionadas pela imprensa brasileira. Ao narrarem sobre estas mulheres, os jornais brasileiros reforçaram que o próprio governo paraguaio era o gerador da fome, da miséria e da violência que cercavam os paraguaios nos últimos momentos do conflito. Tanto *residentas*, com seus possíveis batalhões, quanto as *destinadas*, em suas marchas ou nos campos, foram mobilizadas e utilizadas para traçar os sentidos da guerra na opinião pública. O Império, juntamente com o restante da Tríplice Aliança, estariam, de acordo com os jornais, levando a civilização para aquele país que vivenciou a barbaridade. Mesmo que as forças brasileiras empregassem violência e realizassem batalhas contra os poucos homens restantes, as mulheres e até mesmo crianças paraguaias, ela era obliterada pelo discurso de que López e Lynch eram os responsáveis pelo estado de miséria e grande número de mortos no Paraguai.

³⁶ “Correspondencia do Jornal do Commercio”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1869, p.1.

³⁷ “A guerra chegou ao seu termo?”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 10 e 11 fev. 1869, p.1.

Verdadeiras ou não, as notícias envolvendo as violências contra o povo paraguaio e, em especial, contra as mulheres mobilizaram a retórica da “pátria-família” com objetivo de ressaltar ainda mais a imagem tenebrosa de Solano López. Se, no discurso patriótico, família e pátria se misturavam, o líder paraguaio representaria uma espécie de figura parental e responsável por todos que compunham sua “comunidade imaginada”³⁸. Com o uso dessa retórica, os jornais brasileiros não hesitaram em narrar o líder paraguaio, o “pai” da nação, como aquele que provocava a dor e morte de sua própria pátria/família. A imprensa nacional acaba por omitir as possíveis atrocidades e excessos cometidos pelos soldados brasileiros. Ainda que batalhas como a Batalha de Campo Grande, marcada por um grande número de mortes de mulheres e crianças paraguaias, estivessem sendo realizadas, a truculência brasileira é silenciada. Mesmo que o Império fosse o “inimigo” do país paraguaio durante o confronto, há um grande esforço nas narrativas visuais e escritas, principalmente nestes últimos momentos da guerra, em formular López e sua tirania como a verdadeira fonte de danos e dores dirigidas aos paraguaios. A continuidade da guerra era, assim, necessária até que o inimigo, personificado em López, fosse totalmente vencido³⁹.

4.2 O “espírito” de Mme. Lynch

Sobre a presença das mulheres paraguaias na imprensa brasileira durante a Guerra do Paraguai, destaque importante deve ser dado à figura de Elisa Lynch. Como defendeu Mauro César Silveira, Lynch, mesmo que menos mencionada do que López, foi uma importante figura mobilizada pelos jornais brasileiros para tecer críticas ao Paraguai. A imagem da irlandesa foi formulada, muitas vezes, como uma mulher manipuladora, que exercia seu poder em López e, assim, conseguia direcionar os caminhos políticos do conflito contra o Império⁴⁰. A imagem de Lynch é, definitivamente, polissêmica, repleta de mitos, polêmicas dentro e fora do Paraguai. Como argumentou Maria Teresa Dourado, na sociedade paraguaia, a primeira-dama gerou polêmicas e curiosidade⁴¹. Irlandesa, chamada de dama de luxo,

³⁸ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1993.

³⁹ O próprio Tratado da Tríplice Aliança afirmava que a guerra só seria finda com o fim do governo de López. Assim, ainda que o foco principal fosse o líder paraguaio, foi a população paraguaia que sofreu muito nestes últimos momentos da guerra. Ver, por exemplo: ORTOLAN, Fernando Lóris. “Acabou a Guerra...de volta ao lar”: Representações das mulheres na imprensa paraguaia durante e após a Guerra do Paraguai (1864-1904), *Revista Ágora*, Vitória, n°5, 2007, p.1-19.

⁴⁰ SILVEIRA, Mauro César. “Madama Lynch e as mulheres nos campos de batalha”, In: *Adesão Fatal: a participação portuguesa na Guerra do Paraguai*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.

⁴¹ DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai*. Dissertação de Mestrado em História pela UFMT, Dourados, 2002, p.33.

Lynch segue para o Paraguai acompanhada por López conhecido por ser boêmio e viver vários romances. A vida de Lynch, como analisou a historiadora a partir de biografias feitas sobre a irlandesa, era marcada pelo luxo que não sofria oposição por parte de López⁴². Após o assassinato de López no episódio de Cerro Corá, Lynch retornou para a Europa, onde viveu em situação de pobreza. A viúva retornaria em 1885 para Buenos Aires, com a ambição de conseguir as posses de terras que lhe pertenciam antes da guerra⁴³.

Analisando jornais brasileiros como o *Despertador*, a *Semana Ilustrada*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Jornal do Commercio*, entre outros, Elisa Lynch foi representada como uma espécie de cúmplice política de Solano López. E, em alguns momentos, foi descrita como mais influente e poderosa do que seu companheiro. Desde o princípio do conflito, seu nome já era mencionado, mas foi especialmente nos anos finais do conflito que Lynch recebeu maior destaque. Como vimos no capítulo anterior, rumores de “batalhões de mulheres paraguaias” circulavam nos jornais brasileiros, e Lynch, comumente, foi apresentada como a idealizadora e pioneira na suposta organização destes grupos femininos. A primeira-dama foi constantemente apresentada como “cúmplice em todas as crueldades e espoliações cometidas por López”⁴⁴ ou como “mulher depravada”⁴⁵, que estava ao lado do tirano.

O *Despertador*, por exemplo, publicou uma descrição da primeira-dama do Paraguai:

“A irlandesa Lynch é uma *mulher de espírito* que muito tem ajudado diretamente o ditador nos seus planos. Ela é o guia que no Paraguai parece-se um pouco com a opinião pública. Assim, inventou meios pelos quais López pode roubar as senhoras paraguaias, primeiramente com dinheiro de seus maridos, e, depois, suas joias. Esse meio foram contribuições patrióticas, as quais ninguém ousava não contribuir. Foi ela que originou a ideia de empregarem-se mulheres no exército: muitas foram então obrigadas a servir nas ambulâncias e uma ou outra chegou a tomar armas.”⁴⁶

Ao tratar sobre Madame Lynch, o jornal a descreveu como muito influente nas decisões políticas e militares no Paraguai. O *Despertador* destaca ainda que a primeira-dama afetou, com suas escolhas, a vida da sociedade paraguaia e, principalmente, a das mulheres. Ao afirmar que “ninguém ousava não contribuir”, temos novamente a narrativa de que López

⁴² Idem., p.36.

⁴³ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p.83.

⁴⁴ “Ministério dos negócios estrangeiros”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1870, p.2.

⁴⁵ “Correspondência do Jornal do Comercio”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1869, p.1.

⁴⁶ “Exterior”, *O Despertador*, Desterro, 2 ou. 1869, p.3. Grifo nosso. A mesma notícia também repercute em outros jornais, Cf.: “Transcrição”, *Correio da Victoria*, Vitória, 13 nov. 1869, p.2-3., “Política”, *A Nação*, Maranhão, 14 out. 1869, p.2.

e Lynch partilhavam da tirania para governar. Mas, a figura da primeira-dama relaciona-se especialmente com as mulheres e as ações protagonizadas por elas, como as doações financeiras ou de joias. De acordo com a visão construída, Lynch foi ampliando suas exigências em relação às mulheres. Primeiramente, ela teria como objetivo se apropriar do dinheiro e joias, e posteriormente, teria obrigado tais sujeitos a agirem diretamente no *front*. Segundo Potthast, a primeira-dama teria se apropriado de movimentos femininos populares, como as doações de joias ou os pedidos para pegarem em armas, para fins propagandísticos⁴⁷. Lynch e López, de acordo com a pesquisadora, se apoderaram das formas de apoio orgânicos e as converteram em novos modos de controle político⁴⁸.

Assim, Lynch foi formulada como aquela que realizava planos políticos e traçava também os caminhos da guerra. O *Diário do Rio de Janeiro* também comentou sobre a irlandesa. Se, por um lado, como vimos anteriormente, as *residentas e destinadas* surgiram nos jornais brasileiros como principais vítimas das longas marchas, da fome e da miséria, Lynch foi lembrada por ter uma vida totalmente oposta às das demais paraguaias, repleta de luxo, poder e influência. O jornal afirmou que “no meio de todas essas misérias, dessas cenas de desolação, das execuções que não cessavam”, López e Lynch não haviam mudado seus supostos hábitos. O líder paraguaio “fumava e brincava com os filhos, comia bem e bebia muito”, e Lynch, por sua vez, “sempre se mostrava de vestido de seda e em grande toilette”⁴⁹. Há, constantemente, nas menções feitas pelos jornais brasileiros à primeira-dama paraguaia, ares de riqueza e de dissonância com a realidade paraguaia.

Sobre as joias doadas pelas paraguaias, e a atuação de Madame Lynch, nesse episódio, o *Diário* traz uma correspondência de Assunção, datada de 28 de março de 1870, na qual somos apresentados a um suposto “requerimento feito por mais de cem senhoras paraguaias reclamando da restituição de joias que lhes foram extorquidas” ao Barão de Cotegipe, ministro e secretário dos negócios da marinha e dos negócios estrangeiros. As joias estariam de acordo com as mulheres nas mãos de Elisa Lynch. O requerimento argumentava que López “não podia dar a Lynch valores que ele mesmo roubou” e pedia para que o ministro auxiliasse essas mulheres para que elas recuperassem as posses que lhes foram usurpadas

⁴⁷ POTTHAST, Barbara. Algo más que... *Op. Cit.*, p.96.

⁴⁸ *Idem.*, p.95.

⁴⁹ “Ministério da Guerra”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 mai. 1870, p.2.

pela primeira dama⁵⁰. O *Diário*, ao publicar sobre este suposto requerimento pela devolução das joias, coloca em xeque o caráter voluntário das ações protagonizadas pelas paraguaias. Lynch, na visão do jornal, movida pelos seus interesses privados e nada nacionalistas, teria se apropriado das joias das damas paraguaias. A imagem de Lynch muitas vezes, principalmente nos momentos finais do conflito, vem associada à uma vida com variados bens materiais e de luxo. Sua casa, por exemplo, foi descrita como contendo "móvel excelente, grandes espelhos, porcelanas finas, conservas e até um piano bem conservado". Buscava-se, assim, construir a vida de Lynch enquanto uma vida de ostentação que, por sua vez, seria fruto da usurpação e de um governo tirânico, no qual ela teria grande responsabilidade. O periódico, repercutindo notícias da *Regeneração*, ainda comenta que Lynch não deveria pisar mais no território paraguaio, pois ela teria sido "mais fatal ao Paraguai que o próprio López"⁵¹.

O *Diário de São Paulo*, que também noticiou sobre os pertences na casa de Lynch, narrou o encontro do exército aliado com mulheres *destinadas* como uma libertação daqueles sujeitos, posicionando o Império enquanto o polo civilizador em oposição ao Paraguai antes governado por López e Lynch. Sobre as mulheres paraguaias, o jornal afirmou que elas estavam "cegas outrora pelo prestígio do tirano e dominadas pelo espírito tanto diabólico de Mme. Lynch" e eram, assim, merecedoras de piedade, pois estavam "alheias sempre aos planos de López, indiferentes aos seus projetos". Ainda na mesma notícia afirma que "el supremo", ou seja, López, estava sempre bêbado, enquanto Lynch teria mantido sua postura, trajada "com simplicidade, mas elegância". Ela beberia somente à tarde, uma dose de licor, para se lembrar dos momentos nos quais se fazia "onipotente pelo poder, inteligência e beleza"⁵². Aqui há uma interessante construção de López sem capacidade de articulação e movimentação, e Lynch como uma mulher nostálgica por um passado recente, no qual ela e seu companheiro teriam o controle político. O jornal abordou anteriormente a figura de Lynch afirmando que a primeira-dama estava "encaixotando todas as joias que as patriotas paraguaias haviam entregado a López para continuar a guerra" e que aquele era o "último", porém o "mais infame" roubo do "tirano"⁵³. É intrigante pensar que o crime considerado como o "mais infame", ainda que o Paraguai estivesse marcado pela fome, miséria e grande número de mortos, seria o roubo de joias das mulheres da elite paraguaia e de autoria da

⁵⁰ "Ministério dos negócios estrangeiros", *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1870, p.2. A notícia também repercutiu no *Diário de S. Paulo*, Cf.: "Diplomacia", *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 20 mai. 1870, p.3.

⁵¹ "Exterior", *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1870, p.2.

⁵² "Exterior", *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 20 jan. 1870, p.1.

⁵³ "Exterior", *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 4 dez. 1867, p.1.

primeira-dama. Temos, assim, um reforço na narrativa de que Lynch, uma mulher estrangeira e envolvida na vida política do país inimigo, tinha seus interesses privados como força motriz para formulação de seus planos políticos.

Já na *Semana Ilustrada*, caricaturistas feitas pelo alemão Henrique Fleiuss apresentam Lynch com destaque. A *Semana Ilustrada*, segundo Isadora Flores, no jogo binarista entre civilização e barbárie, se posicionava como um jornal que levaria a mensagem da civilidade e dos bons costumes aos seus leitores⁵⁴. López, por sua vez, foi construído pelo jornal como o polo bárbaro, tirano e cruel, enquanto a Tríplice Aliança era apresentada aqueles que se uniram para garantir a vitória da civilização. Como argumentou Flores, a *Semana* reforçava, por narrativas textuais e visuais, a visão do líder paraguaio como um déspota com tamanha ênfase que, costumeiramente, o associavam a imagem do "satanás" ou de algum "demônio"⁵⁵. Já sobre a figura da primeira-dama, a imagem abaixo, por exemplo, publicada em maio de 1866, apresenta Lynch oferecendo bebida aos soldados paraguaios. A primeira-dama direciona na boca de um dos paraguaios, de acordo com o escrito, gin, uma bebida alcoólica que foi apresentado ao mundo pelos ingleses. A legenda que acompanha a imagem afirma que Lynch estaria "transmitindo o seu espírito" aos combatentes paraguaios. Ou seja, na visão formulada pelo jornal, os paraguaios não poderiam estar sóbrios, mas iriam para a guerra contra o Império fora de si, movidos pela influência de Elisa Lynch.

⁵⁴ FLORES, Isadora Luiza Francisca Alves Flores. "*Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil!*": *A Semana Ilustrada de Henrique Fleiuss e a Guerra da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro. 1865-1870. Trabalho de Conclusão de Curso - História - UNILA, Foz do Iguaçu, 2015, p.89.

⁵⁵ *Idem.*, p.94.

Figura 5: “Miss Lynch transmitindo o seu espírito aos paraguaios antes do combate”,
Semana Ilustrada, 20 mai. 1866



Miss Lynch transmitindo o seu espírito aos Paraguyos antes do combate.

Sobre a imagem envolvendo Lynch e os soldados paraguaios, citada acima, a pesquisadora Isadora Flores comenta que a bebida destilada estava relacionada com os tempos da colonização e da concepção dos colonizadores de que o consumo de álcool pelos nativos era sinal de degradação moral, por exemplo. Os soldados paraguaios, como comentou a historiadora, foram ilustrados descalços, de joelhos, com as mãos unidas implorando pela bebida. Como Flores argumentou, a *Semana* e as ilustrações de Fleiuss forjavam o povo “inimigo” paraguaio como uma população marcada pela barbárie. Assim, recorrentemente, o artista alemão produzia imagens, nas quais os paraguaios e paraguaias eram representados sem sapatos, com roupas gastas e sujas, construindo o povo enquanto um grande aglomerado de maltrapilhos. Flores também identifica a relação entre a população paraguaia e a escravidão⁵⁶. Na imagem acima, temos novamente uma referência ao “espírito” de Lynch que vem, pelo restante da caricatura, relacionado ao álcool e a embriaguez.

⁵⁶ Flores dedica um capítulo de sua pesquisa a entender a relação estabelecida pelas imagens de Henrique Fleiuss publicadas na *Semana Ilustrada* entre a “barbaridade” da população paraguaia e a escravidão. Cf.: “O povo paraguaio nas páginas da *Semana*: entre a barbárie e a escravidão”, In: “*Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil!*”: *A Semana Ilustrada de Henrique Fleiuss e a Guerra da Tríplice Aliança*. Rio de Janeiro. 1865-1870. Trabalho de Conclusão de Curso - História - UNILA, Foz do Iguaçu, 2015, p.105-132.

Em maio de 1867, temos outra imagem publicada na *Semana Ilustrada* que, desta vez, faz referência à fuga de López, após a passagem dos aliados por Humaitá. Como analisou Natalia Neres da Silva, a imagem é composta por López em fuga para a Bolívia com um saco cheio de dinheiro⁵⁷. Lynch, por sua vez, está representada em cima, sentada nas costas do bispo de Assunção, Manuel Antonio Palácios, que conta com um freio, como os que guiam cavalos, em sua boca. Ela também carrega Panchito López, filho mais velho do casal, que então estava com treze anos, mas que foi ilustrado como um bebê. A figura de Lynch é muito chamativa e curiosa. A primeira-dama foi construída com um nariz avantajado, um sorriso malicioso e olhar de canto direcionado à López, passando uma imagem, minimamente, maligna.

⁵⁷ SILVIA, Natalia Neres da. *Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elysa Lynch*. Dissertação de mestrado em História Social pela USP, São Paulo, 2009, p. 39.

Figura 6: “O suplemento da Semana Ilustrada”, *Semana Ilustrada*, 5 mai. 1868.



É importante relacionar a imagem de Lynch com a quadra que lhe menciona: “Lynch leva a criança, recordação do passado e do futuro da esperança: um tyrante gorado”⁵⁸. Nas entrelinhas, a primeira-dama é formulada com um olhar perverso direcionado ao líder paraguaio, que leva consigo Panchito, fruto do relacionamento com López e de seu triunfo político e sua espécie de esperança para seu futuro. Nos parece que essa Lynch da imagem tinha esperanças de que seu filho, assim como López, assumisse o governo paraguaio, mas foi impedida pelos aliados. E o véu maquiavélico que cobre a imagem se Lynch nos permite entender que ela, mesmo que unida com o marechal, pensava em seu futuro, ainda que isso afetasse López. Representando-a, assim, como uma figura talvez mais temerosa que o próprio líder paraguaio.

⁵⁸ “Suplemento a Semana Ilustrada”, *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 5 mai. 1868, p.9.

Todavia, a família e o próprio López, em oposição aos boatos, não fugiram para a Bolívia e a guerra se estendeu até março de 1870. Vislumbrando as possibilidades de sua morte, Solano López produziu, em dezembro de 1868, seu testamento e o disponibilizou para o representante diplomático dos Estados Unidos da América, general MacMahon. Neste documento, López pretendia garantir que Elisa Lynch fosse sua herdeira universal como forma de agradecimento aos serviços prestados por sua esposa à nação paraguaia. Em janeiro de 1869, a *Semana Ilustrada* publicou uma notícia intitulada “Testamento de Francisco Solano López” que ironizava o testamento do líder paraguaio. A primeira citada é Lynch, indicando que López a nomeou herdeira universal e lhe recomendou “que em sua volta à Europa faça voto de perpétua castidade em algum convento de Magdalenas”⁵⁹. A imagem de Lynch foi, em muitos momentos, associada com a vida de uma dama de luxo. A *Semana*, como seu humor próprio, recomendou-lhe, ironicamente, que fosse destinada para a castidade. Já o *Jornal do Commercio*, por sua vez, ao comentar sobre o testamento de López ironiza os serviços prestados pela primeira-dama e sobre ela afirma o seguinte:

“Qual não se bastasse a inspirar o horror a figura de um homem erguendo-se os olhos do mundo coberto de dois fratricídios, o quadro se realça com uma outra figura não menos sinistra, embora seja mulher

Elisa Lynch, a adúltera trazida dos lupanares de Londres a ser colocada como um padrão de imoralidade e escândalo a frente de uma sociedade inteira, essa mulher depravada aparece ao lado de López, excitando à vingança, insultando as desditosas vítimas, indicando os refinamentos dos martírios que sofriam os destinados à morte, sobretudo se eram mulheres. A distinta Mercedes Egusquiza (irmã do antigo agente de López em Buenos Aires), a formosa Etelvina Martinez, esposa do coronel que capitulou na península, sofreram tratos cruéis nos seus derradeiros momentos, ordenados por Elisa Lynch!”⁶⁰

É importante notar que o jornal já ressalta, ao introduzir a primeira-dama, que “embora” Lynch “seja mulher”, ela seria uma figura tão tenebrosa quanto López. Enquanto López foi descrito pelo periódico como o “Nero dos tempos modernos”, insistindo no discurso da violência e tirania, Lynch foi descrita como imoral e escandalosa. Chamá-la de “mulher depravada”, “adúltera” e vinda dos “lupanares” estabelece uma relação direta entre Lynch e um comportamento, inclusive sexual, que seria incompatível com a civilidade. Esses comentários foram, ao nosso ver, tecidos justamente por Lynch ser uma mulher e, assim, sobre ela caíram críticas misóginas e sexistas. De acordo com o jornal, as mortes,

⁵⁹ “Testamento de Solano Lopez”, *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1869, p.7.

⁶⁰ “Correspondência do Jornal do Comercio”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1869, p.1.

especialmente de figuras femininas, como Mercedes Egusquiza e Etelvina Martinez, foram ordenadas pela primeira-dama, atribuindo a Lynch um poder político, bem como um uso cruel e bárbaro deste poder.

Com o governo provisório já instalado, em primeiro de agosto de 1869, López foi declarado como traidor da pátria e Lynch não conseguiu ter acesso aos bens de tal testamento⁶¹. Já cansados e desanimados, fugindo dos brasileiros, López e esposa estava em direção a Ponta Porã, marchando por Chiriguelo e em Cerro Corá permanecendo⁶². Em 1º de março de 1870, a cavalaria brasileira encontra Solano López em Cerro Corá, além de alguns poucos soldados, onde o líder paraguaio foi morto. Sobre a morte de López, o *Despertador* publicou uma correspondência vinda do *Jornal do Commercio* que narrava o assassinato de López. O impacto da bala teria provocado a sua queda no córrego Aquidabanguami. De joelhos, López teria exclamado: “morro com a pátria!”⁶³. De acordo com a correspondência, os soldados brasileiros “contemplaram esse cadáver - de López - com curiosidade” e “as mulheres paraguaias dançaram ao redor dele”. A dança realizada pelas paraguaias ao redor do cadáver nos permite refletir a partir de dois caminhos. Primeiramente, poderíamos ver o ato enquanto uma comemoração do fim da guerra e da morte do tirano. Todavia, como já debatemos sobre a tradição cultural de bailes e danças organizadas pelas paraguaias, o ato de dançar ao redor do corpo de López pode ser também uma demonstração de resistência e honra ao líder e ao Paraguai mesmo que derrotado. Assim como López, seu filho adolescente Juan Francisco, conhecido como Pancho, também foi assassinado pelas forças brasileiras.

Sobre a reação da primeira-dama ao ver o filho morto, que, de acordo com a notícia, havia pedido que Pancho se rendesse, o jornal comenta que “a Lynch saiu então do carro: tomou o cadáver do filho e estendeu-o nas almofadas da banquetta da frente”. De acordo com a notícia, a primeira-dama chorava e abria “duas ou vezes os olhos empanados do morto”, e chamava “por ele: “Panchito! Panchito!” O jornal ressaltou ainda suas vestimentas, “um vestido de muito luxo: seda preta com panhados e babados brancos” acompanhado de “anéis de diamantes”. A imagem da primeira-dama foi construída envolta de detalhes sobre sua

⁶¹ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit...*, p.38.

⁶² *Idem.*, p.449.

⁶³ “Correspondencia do Jornal do Commercio”, *O Despertador*, Desterro, 29 abr. 1870, p.2.

aparência, seus possíveis pertences e joias. A notícia, num tom sombrio e sarcástico, comenta que “o sangue de Pancho López manchou aquele vestido”⁶⁴.

O mesmo periódico publicou em outubro uma extensa notícia sobre Lynch, narrando a vida da primeira-dama desde sua vinda da Europa ao Paraguai até a queda do governo e morte de seu marido⁶⁵. A notícia foi publicada devido à volta de Lynch para a Europa. Segundo a notícia, Lynch não se acostumara com os costumes paraguaios quando foi trazida por Solano López, criando “em seu coração os desejos de vingança” e “ganhando influência sobre o *espírito* do homem a quem estava ligada”. Teria partido de Lynch, movida pelo seu sentimento de vingança contra sua retirada da Europa, as suspeitas de traição e as ordens para os fuzilamentos. De acordo com o jornal, “a vingança dessa pantera de saia e lindos olhos azuis, foi até a própria família de seu amante!”. O jornal ressalta que, graças ao governo provisório, fora possível “sequestrar todos os bens dessa mulher, ela poderia chamar-se hoje dona de meio Paraguai”. Aqui vale ressaltar, novamente, os ares misóginos que faziam parte destes discursos sobre Lynch. As palavras como “pantera de saia” atribuem à primeira-dama um caráter selvagem e manipulador, bem como envolvem uma violência retórica relacionada ao gênero e ao fato de ser mulher. As menções a Lynch envolvem, muitas vezes, relações com sua aparência física como, por exemplo, quando comentam sobre sua beleza ou seus “lindos olhos azuis”. A notícia traça, com detalhes, a trajetória de Elisa Lynch desde seu encontro com López até o fim do conflito. Descrita como muito inteligente e calculista, do início ao fim do confronto, Lynch é construída como uma constante idealizadora de planos e estratégias para alcançar o poder. López, por sua vez, foi chamado de “escravo de Mme. Lynch”, colocando a primeira-dama como mais influente do que o próprio líder⁶⁶.

Como argumentou Alai Garcia Diniz, a figura de Lynch foi fortemente utilizada para tecer críticas ao governo paraguaio nos momentos finais do conflito, pois representava uma parte do passado que sobreviveu à guerra. Assim, Lynch estava “derrotada, mas viva”, e sobre ela foram lançadas as responsabilidades e implicações envolvendo a guerra. Ela se tornara o elo fraco, o elemento mais imoral, naquela disputa entre civilização e barbárie, na qual os aliados foram vitoriosos⁶⁷. Além disso, a relação entre Lynch e López acabava por misturar os níveis privados e públicos nos debates realizados pela imprensa brasileira. A

⁶⁴“Correspondencia do Jornal do Commercio”, *O Despertador*, Desterro, 29 abr. 1870, p.2.

⁶⁵“Mme. Lynch”, *O Despertador*, Desterro, 4 out. 1870, p.3.

⁶⁶“Mme. Lynch”, *O Despertador*, Desterro, 4 out. 1870, p.3.

⁶⁷ DINIZ, Alai Garcia. “O corpo feminino no imaginário da Guerra do Paraguai”, *Travessia - Revista de literatura*, Florianópolis, n.32, 1996.

nação-família paraguaia, como discutimos no segundo capítulo tem sua imensa relevância durante conflitos bélicos, era então posta em xeque, de modo que, seus principais líderes, López e Lynch, são considerados como tirânicos ou capazes de promover sofrimento contra aqueles que deveriam proteger.

Assim, uma das violências que podemos identificar no processo de alteridade e de disputas políticas e sociais, nas quais as páginas dos jornais eram um locus privilegiado, envolveu as construções feitas sobre Lynch. Com o filtro da construção do “Outro”, neste caso composto pela nacionalidade e pelo gênero, a imprensa brasileira analisada formulou Lynch como companheira, amorosa e política, de López. Os jornais procuravam ressaltar a influência da irlandesa sobre o líder paraguaio em suas decisões políticas e militares. Em muitos momentos, a primeira-dama foi posta como mais poderosa e tirânica que López. Foi, de acordo com a imprensa analisada, sua ideia, por exemplo, de que mulheres poderiam ocupar o exército e pegar em armas. Assim, o impacto de suas decisões e influência de Lynch teria afetado, especialmente, as mulheres paraguaias. Essas narrativas que foram espalhadas pelo Império sobre Elisa Lynch reforçaram o argumento de que o Paraguai era movido por um governo despótico que manipulava sua população e a colocavam como força motriz desta suposta tirania. Marcada pelo luxo e abundância, a vida de Lynch foi apresentada como distinta daquela que o povo paraguaio, lembrado por sua miséria. Com descrições misóginas e sexistas, Lynch, por ser uma mulher envolvida na política, teve sua imagem desenvolvida enquanto maligna e movida por seus interesses particulares em detrimento das necessidades da nação paraguaia.

4.3 Outros sujeitos e silêncios

A Guerra do Paraguai foi, como Doratioto argumentou, de extrema importância para a formulação das identidades nacionais dos países envolvidos no conflito⁶⁸. Artistas brasileiros contemporâneos ao desenrolar da guerra viram no tema relevantes referências para compor suas obras. Sobre a arte brasileira do século XIX, Jorge Coli comenta que, de modo semelhante aos objetivos da ciência produzida na época, as pinturas chamadas “históricas” procuravam narrar sobre episódios do passado, forjando uma história e uma cultura chamada de “brasileira” ou “nacional”⁶⁹. Dentre alguns dos pintores que optaram por pincelar sobre

⁶⁸ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra... Op. Cit.*, p.18.

⁶⁹ COLI, Jorge. *Como estudar a arte brasileira do século XIX?*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005, p.19.

momentos vivenciados durante a guerra podemos citar, por exemplo, Pedro Americo de Figueiredo e Melo (1843-1903). Uma de suas obras intitula-se *Batalha de Campo Grande* (1871), primeira pintura histórica do artista que o introduz ao meio artístico brasileiro. Não se tratava de uma encomenda, mas fora uma obra idealizada pelo próprio Americo que retornava de seus estudos na École des Beaux-Arts de Paris e procurava ser integrado na sociedade artística do Império⁷⁰. A pintura foi apresentada ao público no ano seguinte, em 1872, na Exposição de Geral de Belas Artes juntamente com obras de outros artistas como Victor Meirelles⁷¹. Maraliz Christo, ao analisar a pintura de Americo, comenta que a escolha por narrar este episódio da guerra é intrigante e, por consequência, nos faz questionar as escolhas do pintor. Como elucidou Christo, a batalha de Campo Grande ocorreu no dia 16 de agosto de 1869, na qual as forças aliadas, comandadas por Conde d’Eu, saíram como vitoriosas. Todavia, durante a disputa, após um primeiro ataque dos aliados, os paraguaios realizaram um contra-ataque e a vida de membros do exército brasileiro, como o próprio comandante-em-chefe, acabou sendo exposta e posta em risco⁷².

⁷⁰ CASTRO VIEIRA CHRISTO, Maraliz Vieira de. A pintura de história no Brasil do século XIX: Panorama introdutório. *Arbor*, [S. l.], v. 185, n. 740, p. 1147–1168, 2009, p.1156.

⁷¹ Dentre as outras obras presentes na exposição destacam-se, por exemplo, a *Passagem de Humaitá* (1868) e o *Combate Naval de Riachuelo* (1868), ambas de Victor Meirelles. *Idem*, p.1157.

⁷² CASTRO VIEIRA CHRISTO, Maraliz. Pintura, história e heróis no século XIX: Pedro Americo e “Tiradentes esquartejado”, Tese (Doutorado) História - UNICAMP, Campinas, 2005, p.156.

Figura 7: *Batalha de Campo Grande*, Pedro Americo Figueiredo e Melo, 1871.



A obra, como analisa Christo, conta como figura central, Conde d'Eu, em movimento de proteção, puxando seu cavalo branco e sendo acobertado pelos demais membros das forças brasileiras. O comandante-em-chefe foi representado com seu uniforme aberto e necessitando da proteção de outros. Assim, ainda que o comandante-em-chefe ocupe local de destaque na pintura, sua imagem é, ao mesmo tempo, envolta pela ausência de força e energia. É possível, desse modo, até concordar com os críticos contemporâneos a divulgação da pintura quando associaram o Conde d'Eu produzido por Americo à um “manequim”, travado, sem movimentos e ação⁷³. Abaixo do membro do exército brasileiro que protege o comandante-em-chefe, temos um soldado paraguaio, caracterizado pela ausência de uniformes militares ou sapatos e exposição do corpo aos possíveis ataques. Retratados como despreparados para o combate e fadados à derrota diante das forças aliadas, os paraguaios estão quase nus e caídos no chão. Américo procurou forjar os paraguaios enquanto selvagens e bárbaros, aproximando-os da cultura guarani, em oposição à imagem construída das forças aliadas que tinham equipamentos, cavalos e uniformes.

⁷³ Como a historiadora ressalta, críticos como Gonzaga Duque e Luiz Barbosa teceram comentários sobre a figura abatida de Conde d'Eu. *Idem.*, p. 160-161.

Para além da forma na qual o compôs o príncipe consorte “sem volume” e “nenhuma energia”⁷⁴, Christo também questiona a própria escolha do pintor pela batalha de Campo Grande. A escolha por construir a narrativa visual sobre esta batalha também chama nossa atenção. Ao observar a pintura nota-se que as forças militares, tanto as aliadas quanto as paraguaias, são compostas total e somente por homens. Todavia, com a leitura da bibliografia sobre o conflito e especialmente sobre a batalha de Campo Grande, é possível identificar que outros sujeitos estavam presentes na guerra e neste episódio. Sobre a batalha de Campo Grande, Doratioto, por exemplo, comenta que grande parte das forças paraguaias foi composta por crianças e jovens paraguaios com 14 ou 15 anos. Segundo o historiador, o corpo militar paraguaio contava com os poucos homens que restavam do exército, mulheres e crianças que usavam barbas postiças para falsear uma imagem de adulto. Ainda sobre a pintura, Doratioto afirma sua notória falta de verossimilhança com a batalha que foi, em sua interpretação, um “banho de sangue” paraguaio⁷⁵. Pedro Americo optou, assim, por esconder os indesejados fatos do passado brasileiro: as mulheres e as crianças paraguaias massacradas no conflito. Dessa maneira, nos questionamos, se teria a imprensa brasileira narrado sobre estes sujeitos em contraposição aos silêncios da obra de Américo? Se sim, como teriam os jornais brasileiros falado sobre a presença das crianças e dos jovens armados na batalha, forjando uma determinada opinião pública sobre a guerra?

A *Semana Ilustrada*, por exemplo, no princípio da guerra, ainda em 1865, publica uma ilustração que recebe como título “A liberdade e a opressão”, que cabe para nossa análise. Como podemos notar pela assinatura no canto inferior direito, Henrique Fleiuss é o autor de tal imagem. O ilustrador posiciona acima a “liberdade”, representada por um grupo de mulheres voluntárias brasileiras que se voltam para o Brasil, por sua vez, forjado como um indígena que recebe os corpos de “Voluntários da Pátria”. Se as brasileiras são representadas enquanto “guerreiras” que serviriam como “vivandeiras” ou para “animar os feridos” vestiam os uniformes exemplares, o segundo grupo é caracterizado pelo oposto⁷⁶. O corpo militar de López é composto por homens e mulheres mais velhos, magros, maltrapilhos e com os pés nus. E, para além dos velhos e das mulheres, nota-se também a presença de uma criança paraguaia. O López produzido pela *Semana* estaria recrutando a todos, até mesmo crianças, para conduzir a guerra contra o Império, ainda que isso representasse destinar todos “aos

⁷⁴ *Idem*.

⁷⁵ DORATIOTO, Francisco. *Op. Cit.*, p. 415.

⁷⁶ “A liberdade e a opressão”, *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1865, p.5.

matadouros". Comparando os dois grupos é notório que, para Henrique Fleiuss, o líder paraguaio representa o lado opressor que obriga seu povo, caracterizado até mesmo antes da guerra como despreparado e marcado pela miséria, a seguir para batalhas contra o Império apresentado de forma polida, civilizada e organizada para a guerra.

Figura 8: "A liberdade e a opressão", *Semana Illustrada*, 21 jan. 1865.



A liberdade e a opressão.

Em quanto o Brasil recruta guerreiras que, nos campos da batalha, vão servir de vivandeiras, estimular a coragem, recom-
pençar os feitos de bravura, animar os feridos, percorrer as enfermarias, preparar cartuchos, rir da metralha e zombar dos
canhões; rufando o tambor—



o Lopez está recrutando velhos, velhas e crianças, que emprega como instrumentos de guerra, sem receio de que se convertão
em rezas destinadas aos matadouros.

É interessante notar como a construção de López enquanto um tirano por parte do periódico envolveu a presença de mulheres, bem como de crianças. A comparação que mobiliza mulheres em ambos os lados, mesmo que em posições opostas, reforça ainda como figuras femininas foram utilizadas para guiar e moldar a opinião pública sobre o conflito. Antes de analisarmos como as crianças e jovens paraguaios foram narrados por jornais brasileiros como o *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio* e outros, vale ressaltar o que a bibliografia infere sobre estes sujeitos e suas ações durante a guerra. Sobre a presença de crianças no exército paraguaio, Bárbara Potthast comenta que estes sujeitos, quando seus pais tinham condições, eram inseridos na vida militar a partir dos 10 anos⁷⁷. Todavia, como a historiadora ressalta, entrar para o meio militar era algo muito diferente do que realmente participar de uma guerra⁷⁸.

Com o conflito contra o Império, as crianças, que muitas vezes acompanhavam as mulheres, foram, pouco a pouco, sendo introduzidas nos acampamentos e no *front* de guerra. A historiadora analisou, por exemplo, documentos deixados pelo cônsul francês Emile Laurent-Cochele que, por sua vez, afirmavam que, desde 1865, jovens de 14 ou 15 anos ou até mesmo alguns com apenas 7 anos já faziam parte das forças militares⁷⁹. Essas crianças eram, ao menos no princípio da guerra, exceções e não a regra. Foi a partir de meados de 1867, que o exército paraguaio, em condições já muito penosas, passou a ser composto tanto pelo restante de homens, quanto por mulheres, crianças e velhos. Como argumentou Nidia Areces, o discurso e o sentimento patriótico no Paraguai buscava mobilizar homens, mas também mirava outros setores da sociedade: mulheres, crianças e velhos para que agissem na defesa da soberania do país⁸⁰.

⁷⁷ POTTHAST, Barbara. “Niños soldados y niñas famélicas en la Guerra del Paraguay”, in: Potthast, B. / Carreras, S. (Eds.), *Entre familia, sociedad y estado: Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX y XX)*, Vervuert / Iberoamericana 2005, p. 89-114.

⁷⁸ *Idem.*, p.93.

⁷⁹ POTTHAST, Barbara. *Op. Cit.*, p.94.

⁸⁰ ARECES, Nidia R. *Op Cit...*, p.46.

Figura 9: Menino paraguaio após a guerra, Fotografia não identificado, Museu Histórico da Argentina, 1868.



Dentre os jornais brasileiros que citaram as crianças paraguaias, destaca-se, por exemplo, o *Diário do Rio de Janeiro*. Comentando sobre as movimentações das tropas brasileiras e ocupação de Humaitá, o periódico destaca que, ao seguirem para a região do Chaco, os soldados encontraram “mais de 3.000 homens, além de mulheres e crianças”⁸¹. Na edição seguinte, o *Diário* traz uma correspondência de um soldado que afirma que os brasileiros, durante a disputa em Humaitá, ouviram “gemidos de mulheres e crianças, que fazem estremecer o coração do mais feroz”⁸². O jornal, dessa maneira, ressalta a presença de tais sujeitos nesta importante batalha e que, ao ouvir seus gemidos de sofrimento, aquele som comoveria a qualquer um, inclusive, aos próprios brasileiros. Todavia, a notícia acaba por não reiterar que a violência contra os paraguaios, mulheres e crianças, foi protagonizada pelas forças aliadas. Reforçando o discurso de que os próprios paraguaios eram cruéis e produziam violências contra os seus, o *Diário* comentou posteriormente, em junho de 1869, que um dos coronéis de López, chamado Juliano Inofreu, “tinha mandado fuzilar mulheres e crianças”. As “numerosas vítimas da crueldade de López” com a chegada dos brasileiros “foram libertadas pelos vencedores”⁸³. O jornal comenta que “ao mesmo tempo” em que teriam algumas perdas de soldados da Tríplice Aliança durante o combate, “muitas famílias tiveram

⁸¹ “Notícias do Rio da Prata”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1868, p.1.

⁸² “Exterior”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1868, p.1.

⁸³ “Exterior”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1869, p.2.

a felicidade de escapar da horrível situação que jaziam”. Reforçando a interpretação de que o Império, ainda que com perdas, mas poucas, teria uma espécie de satisfação em libertar aqueles sujeitos⁸⁴.

O *Ypiranga*, de São Paulo, por sua vez, comenta sobre a passagem de Humaitá para o Chaco e cita que entre o grupo de paraguaios que se renderam, era possível notar uma grande quantidade de mulheres e crianças⁸⁵. Sobre a notícia publicada no *Diário do Rio* sobre o grande número de “almas” paraguaias rendidas pelos brasileiros, o *Ypiranga* questiona “quantos são eles?”⁸⁶. Marchando junto com as *destinadas* para campos ou seguindo as *residentas* pelas matas e serras, as crianças e jovens também participaram ativamente do conflito e foram mobilizadas para a disputa bélica contra os aliados. No *Correio Paulistano* há uma carta datada de 2 de agosto de 1868, escrita pelo general Gelly y Obes ao general Mitre, sobre as disputas em Curupaity. Na carta há referências ao espanto dos soldados brasileiros quando removeram os corpos, pois “acharam diversas mulheres mortas, que vinham com blusas de soldados, e entre elas algumas crianças.” Dentre os feridos, Gelly e Obes afirma que encontrou “vinte e tanto feridos, duas ou três mulheres também feridas, e uma mãe com um filho de dias, que tinha o bracinho atravessado por uma bala”. Para além desses sujeitos, o militar também cita o corpo de uma menina de 4 anos “achado coberto de sangue”. De acordo com a correspondência, as crianças sobreviventes, comentou o remetente da carta, foram alimentadas com bolachas e quando questionados sobre a mãe, uma das delas afirmou que ela havia ficado “para trás”⁸⁷. Podemos notar que, sobre o tratamento dado às crianças paraguaias pelos brasileiros, o periódico ressalta que os soldados respeitaram e procuraram auxiliar e alimentar aqueles sujeitos. Novamente, a morte e sofrimento de mulheres e crianças passa longe de ser atribuída aos brasileiros. O general lança luz sobre as relações familiares rompidas pela guerra e, por escolha, parece se esquecer que é um membro das forças que lutaram contra estes sujeitos. As crianças, ao lado das mulheres, foram mobilizadas para a construção da intervenção brasileira enquanto uma libertação da sociedade paraguaia.

⁸⁴ Para ver outras edições que citam o encontro de brasileiros com mulheres e crianças paraguaias como um processo de libertação, Cf.: “Exterior”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1869, p.2., “Notícias do Rio da Prata”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 25 e 26 jun. 1869, p.2.

⁸⁵ “Notícias da Guerra”, *O Ypiranga*, São Paulo, 25 ago. 1868, p.1.

⁸⁶ “Quantos são eles?”, *O Ypiranga*, São Paulo, 25 ago. 1868, p.2.

⁸⁷ “Theatro da Guerra”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 ago. 1868, p.1.

Como citamos anteriormente, um dos momentos da guerra que contou com uma grande participação de crianças e jovens paraguaios foi a batalha de Campo Grande. Atualmente, o Paraguai comemora o Dia das Crianças na mesma data desta disputa, ressaltando que a memória sobre o conflito ainda é revivida no país. No Paraguai, a batalha é chamada de Acosta Ñu, Rubio Ñu ou Ñu Guazu⁸⁸. Onze dias após a batalha, o *Diário do Rio de Janeiro* publica uma correspondência do militar argentino Julio de Vedia ao coronel Pedro José Agüero. A correspondência é de 16 de agosto e comenta sobre o “imenso número de mulheres que seguem o exército com suas trouxas e baús a cabeça” e que estavam acompanhadas “por uma grande porção de crianças todas doentias, pois de cem não se encontram mais de cinco robustas e estas de menos de 5 anos”⁸⁹. O periódico ressaltava que homens e mulheres paraguaios afirmavam que não poderiam retornar para suas casas, pois seriam considerados traidores e seriam degolados. A insistência em reafirmar que o governo paraguaio e aqueles que apoiavam López eram capazes de cometer assassinatos e torturas parece aqui novamente. Para além da violência física, o jornal resalta o estado de miséria e fome das crianças.

O *Dezenove de Dezembro* repercutiu notícias vindas do *Jornal do Commercio*⁹⁰ sobre a Batalha de Campo Grande indicando “alguns trechos de uma carta escrita por pessoa que acompanha o nosso exército e que contém pormenores do combate do dia 16”:

“Hoje vi entrar nesta cidade uns 300 prisioneiros dos tomados nos combates de 12 e 16. Fiquei horrorizado do aspecto que apresentavam esses defensores de López. Dois terços dessa gente compunham-se de pobres crianças menores de 14 anos, quase nus, magros e tão fracos que com dificuldades caminhavam. Alguns desses desgraçados vinham feridos de bala.”⁹¹

No trecho acima o correspondente resalta o sentimento de horror ao visualizar a condição dos prisioneiros paraguaios e das crianças que foram mobilizadas para compor o exército paraguaio. O correspondente continua a descrever o cenário da batalha e comenta que “em frente ao quartel general grande número grande número de míseras mulheres paraguaias” que rodearam os corpos “procurando reconhecer no meio dele um filho ou parente próximo”. As estradas que cortavam a serra, como o narrador comenta que pessoas de crédito como o general Visconde do Herval visualizaram, estavam “juncadas de cadáveres de mulheres,

⁸⁸ POTHAST, Barbara. *Op. Cit...*, p. 96.

⁸⁹ “Importantes detalhes – Partes e cartas oficiais – últimas notícias”, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1869, p.2.

⁹⁰ Dentre outras edições que foram publicadas no *Jornal do Commercio*, podemos citar:

⁹¹ “Exterior”, *Dezenove de Dezembro*, Curitiba, 29 set. 1869, p.2.

crianças e velhos mortos à fome!”⁹². A notícia nos parece muito oposta à narrativa visual proposta por Pedro Americo em sua pintura. Se na imagem somente figuras masculinas foram ilustradas, alguns dos jornais brasileiros versaram sobre a disputa destacando a presença de crianças, mulheres e velhos nesta batalha.

A pintura de Americo, assim como a maioria das narrativas produzidas sobre guerras, é composta somente pela “voz masculina”. Ainda que o artista tivesse como preocupação criar algo "verossímil" a partir de suas investigações e pesquisas sobre os acontecimentos que seriam pincelados, a *Batalha de Campo Grande* (1871) parece querer nos contar somente uma versão desta história. Uma versão, ainda que com provocações como a farda abarrotada de Conde d’Eu e seu ar de despreparo, somente masculina. As escolhas, mesmo que conscientes ou não, feitas pelo pintor compõem sua narrativa que forja um passado e uma memória nacional. Em contraposição, e mesmo que este não fosse o objetivo das notícias e reportagens, os jornais brasileiros nos permitem retornar para um passado que se difere daquele ornamentado por Pedro Americo. Com uma leitura a contrapelo das páginas da imprensa brasileira nos aproximamos das visões e impressões feitas sobre mulheres e crianças paraguaias, bem como compreendemos um pouco sobre o cotidiano da guerra para esses sujeitos. E investigar as histórias das mulheres, ou as protagonizadas pelas crianças, não representa criar apêndices para as investigações que já foram feitas. Envolve, na realidade, investigar lados da história que ainda não foram profundamente questionados e compreender, de outro modo, a guerra do Paraguai.

Desse modo, o percurso de analisar a pintura de Americo e questionar as ausências e os silêncios de sua obra nos levou, novamente, até a imprensa brasileira. Espécie de front, os jornais brasileiros comentavam sobre as mulheres paraguaias, bem como sobre as crianças e jovens procurando traçar sentidos e forjar opiniões políticas, tanto sobre o Paraguai quanto sobre a condução da guerra. A pintura e a imprensa são, para os olhos do historiador, fontes diferentes que merecem, cada uma ao seu modo, análises e interpretações próprias. Entretanto, este exercício de contrapor as imagens da guerra nos permite compreender os silêncios, bem como questionar a neutralidade daquilo que está presente. Ou seja, ainda que os jornais brasileiros sejam fontes extremamente relevantes, pois narraram sobre estes sujeitos que são tão raros em outros documentos, não significa que eles representem

⁹² “Exterior”, *Dezenove de Dezembro*, Curitiba, 29 set. 1869, p.2.

necessariamente o que aconteceu. Com seus “filtros” e “lentes”, os jornais brasileiros mobilizaram em suas discussões políticas, as mulheres e crianças paraguaias, colocando-os, mesmo que nas entrelinhas, em posição de destaque na opinião pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último momento da pesquisa gostaríamos de recapitular o que foi analisado e argumentado ao longo desta monografia. Para essa discussão final, escolhemos lançar luz sobre as histórias e versões produzidas sobre a brasileira voluntária da pátria, Antônia Alves Feitosa, mais conhecida como Jovita. Ainda que se trate de uma mulher brasileira, o que se diferencia de grande parte de nossa análise, dedicada a investigar as experiências das mulheres paraguaias, a figura de Jovita atravessa os debates que realizamos envolvendo imprensa, gênero, raça e guerra. Como investigou José Murilo de Carvalho, Jovita teve de se vestir, praticamente se disfarçar, como um homem para se tornar uma combatente. Saindo do interior do Piauí, Antônia se fez Antônio e caminhou a pé até a nova capital do Ceará, Teresina, onde se apresentou como “voluntário”¹. Todavia, rapidamente, seu disfarce acabou sendo descoberto. Ao notar furos nas orelhas e um busto feminino, outra mulher, desta vez sem identidade, denunciou Jovita ao inspetor de quartirão². Ainda assim, foi oferecido e aceito pela jovem cearense o posto de segundo-sargento do 2º Corpo de Voluntários do Piauí pelo presidente da província, Franklin Doria. Entretanto, pouco tempo depois do aceite, a Secretaria de Guerra logo negou que Jovita fosse incorporada enquanto uma mulher combatente. Foi, assim, pedido à voluntária que ela seguisse na guerra, mas que agisse na área da saúde. Jovita, desmotivada e sem interesses de ser outra Ana Néri, teria, possivelmente, retomado seu caminho para Teresina após passar pela Corte³.

Após essa breve contextualização, como é possível conectar a história de Jovita com as análises dos capítulos anteriores? Em nosso primeiro capítulo procuramos ressaltar a potência da imprensa enquanto fonte para entender os sentidos políticos e sociais que foram traçados sobre a guerra e como, através das páginas dos periódicos, podíamos chegar nas histórias das mulheres na guerra. Diferentes jornais brasileiros noticiaram a história da voluntária Jovita, construindo sua imagem de diversas formas. Como Carvalho argumentou, Jovita foi uma mulher formulada com muitas faces. Definitivamente, a cearense passou de uma sertaneja desconhecida para uma mulher polissêmica que mistura mito e história. O

¹ CARVALHO, José Murilo de. Jovita Alves Feitosa: voluntárias da pátria, voluntárias da morte, Chão Editora, 2019, p. 8.

² *Idem.*, p. 61.

³ *Ibidem.*, p.9.

Jornal do Commercio, por exemplo, comentava que a história dessa voluntária da pátria transformou-se em uma recorrente novidade que circulava por todo o Império. O jornal anunciava, em agosto de 1865, que Jovita teria “se tornado o alvo da curiosidade pública” e que não havia ninguém que não gostaria de conhecê-la⁴. Evidências de sua popularidade, fotografias da voluntária eram anunciadas em jornais da Corte, bem como das demais províncias do Império⁵. Das muitas histórias que circulavam sobre Jovita nos jornais, reforçava-se, em primeiro lugar, como a imprensa é fonte importante para encontrar vestígios dessas mulheres no cotidiano da guerra.

Jovita teria, segundo Norma Wimmer, tomado a iniciativa de se voluntariar ao ter conhecimento de notícias sobre estupros e violências realizados pelos paraguaios contra mulheres brasileiras. A pesquisadora indica que as novidades envolvendo a invasão no Mato Grosso do Sul e as ações dos paraguaios contra o Império, bem como contra corpos femininos brasileiros eram temas de conversas entre a jovem e seu tio, leitor de jornais como o *Jornal do Commercio*⁶. Como vimos no segundo capítulo, o discurso amoroso e a retórica patriótico se cruzam no processo de construção da “comunidade imaginada”, e passa a ser ressaltado quando conflitos bélicos com outras nações entram em pauta. As violências reais realizadas contra o corpo feminino representam também ultrajar a pátria, em seu nível alegórico e imaginado. Assim, a ameaça do “Outro” contra a nação e contra as mulheres brasileiras teria provocado Jovita a cortar seus cabelos, vestir-se de homem e marchar até a capital para seguir como combatente. Revestida com a masculinidade que o *front* pedia, Jovita não deixou de ter sua ação patriótica questionada pelos jornais. Dentro do já citado *Jornal do Commercio*, diferentes opiniões foram publicadas sobre a jovem voluntária. Ainda que alguns tenham enxergado em Jovita um exemplo de defensora da pátria, outros viram em sua imagem, uma mulher ocupando um espaço que não deveria. Um exemplo é o artigo,

⁴ “Jornal do Commercio”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1865, p.1.

⁵ Cf.: “Na casa do profeta, vende-se retratos da jovem Jovita Voluntária da Pátria”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 11 out. 1865, p.3., “Retratos da heroína brasileira, Jovita a 1\$”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 11 out. 1865, p.4., “Na casa do profeta, vende-se retratos da jovem Jovita Voluntária da Pátria”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 14 out. 1865, p. 4, “Retratos da heroína brasileira, Jovita a 1\$”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 1865, p.4., “Jovita”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 out. 1865, p.3.

⁶ WIMMER, Norma. Jovita: a donzela guerreira da Guerra do Paraguai, *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v.11, n°2, jun.dez., 2019, p.194.

ironicamente intitulado “Heroína Brasileira”⁷, publicado em setembro de 1865, que critica a atitude da jovem e do governo da província do Ceará em aceitá-la:

“A ofensa a mais grande à dignidade dos homens que se prezam e a daqueles que militaram, é sem dúvida a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do 2º batalhão de voluntários do Piauí. Custa a crer, porém esse fato infelizmente deu-se, e na atualidade houve um presidente de província que aceitou semelhante oferecimento dessa senhora; e ainda mais, para galardoar-lá mandou-lhe dar-lhe posto de sargento. Desejávamos que o presidente do Piauí nos dissesse em que se firmou para fazer semelhante aceitação e conferir-lhe o posto que mencionamos. ⁸”

Ainda que fosse brasileira, ainda que fosse uma patriota, Jovita era mulher. O autor da notícia acima, sujeito chamado de J.M.C., também lança provocações ao presidente da província do Piauí. Quais seriam seus interesses em colocar essa mulher na posição de um homem, e numa posição tão masculina, como no posto de sargento? Como analisou Carvalho, uma das formas de violência que vieram à tona contra Jovita foram acusações de que a voluntária teria relações amorosas com Franklin Doria e, por isso, teria conseguido sua posição militar⁹. Notamos, assim, novamente uma retórica que interpreta as ações protagonizadas por mulheres no cenário público e bélico como resultantes ou com interferência direta de alguma figura masculina. Misturam-se nessas narrativas sobre mulheres, tanto no caso das paraguaias quanto no das brasileiras, elementos como honra e sexualidade. Para tecer críticas a essas figuras que ocupavam espaços tipicamente ocupados por homens, as narrativas masculinas sexualizavam as razões e trajetórias experienciadas por essas mulheres. Ainda que as possíveis razões de Jovita partir para a guerra fossem diversas, como o próprio patriotismo, vontade de mudar de vida ou de questionar os padrões em que vivia, foram desconsideradas pelos olhos masculinos que versaram sobre ela. Vale, assim, relembrar a resistência dos jornais brasileiros, ao narrarem sobre as ações protagonizadas pelas mulheres paraguaias, em reconhecer as possíveis motivações de suas participações no conflito. Como vimos, em muitos momentos, a imprensa brasileira insistiu que as paraguaias eram movidas por medo de represálias e punições ou ainda forçadas pelo governo de López e Lynch. A notícia do *Jornal do Commercio* continua:

⁷ O termo “heroína brasileira” foi recorrentemente utilizado como título de artigos sobre a jovem voluntária. Neste caso, ainda que o título aparente um elogio à Jovita, trata-se de uma crítica à voluntária, bem como aos outros autores que teceram, anteriormente, elogios à ela.

⁸ “A heroína brasileira”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 set. 1865, p.2.

⁹ Críticas contra Jovita foram utilizadas como arma para as rivalidades políticas já existentes. Como Carvalho analisou, o jornal maranhense *A Moderação* não poupou comentários sobre a jovem, chamando-a, por exemplo, de prostituta. O historiador ressalta que, após a morte de Jovita, as acusações de ser prostituta foram retomadas. CARVALHO, José Murilo. *Op. Cit...*, p.76-77.

“Nos exércitos em campanha, muitas mulheres, quer soldados ou não, acompanham e prestam serviços úteis como sejam, lavar, cozinhar e engomar a roupa dos praças. A mulher poderá servir quando muito para fornecer um ou outro cartucho num ou outro canal d’água em ocasião de fogo, ao soldado que peleja, mas não poderá jamais lançar mão de um sabre e bater-se quando se apresentam as ocasiões.¹⁰”

Ainda que a ação da jovem fosse motivada pelo “amor da pátria”¹¹, a notícia é explícita ao indicar que mulheres não deveriam pegar em armas durante o conflito. As tarefas, “lavar, cozinhar e engomar”, são aquelas que deveriam, de acordo com o autor, ser destinadas às mulheres brasileiras. Para as brasileiras, o *script* seria de seguir como vivandeira ou enfermeira, acompanhando os homens e os auxiliando sem roubar-lhes o protagonismo e a masculinidade. Um exemplo, já mencionado anteriormente, é Ana Néri, viúva e mãe de militares que, acompanhando seus filhos, seguiu para a guerra como enfermeira. Desse modo, é interessante notar como, ainda que revestida pelo nacionalismo e patriotismo, a figura de Jovita nos permite entender como as relações e as fronteiras de gênero podem ser ressaltadas mesmo durante conflitos bélicos. Assim como a própria categoria “gênero”, fundamental para pensarmos a guerra e os papéis atribuídos aos homens e mulheres, que, em momentos, transcende a nacionalidade.

Continuando, já no terceiro capítulo procuramos entender como os jornais brasileiros versavam sobre as mulheres paraguaias e os trabalhos protagonizados por elas durante a guerra. E, ainda que essa não fosse a intenção, as páginas da imprensa brasileira nos permitiram entender alguns dos momentos do cotidiano e as ações que estes sujeitos realizavam nos bastidores e no *front* de guerra. Como vimos, ao narrar sobre as paraguaias, os jornais brasileiros teciam críticas sobre o governo paraguaio e o aproximavam de uma tirania/escravidão. Se os jornais paraguaios e argentinos, lançavam sobre o Império a imagem de um país governado por uma monarquia e marcado pela escravidão, os periódicos brasileiros, por sua vez, reforçavam uma tirania, um outro tipo de escravidão, liderada por Solano López e Elisa Lynch contra a população paraguaia, especialmente a feminina. Desse modo, construir os sentidos da guerra pela imprensa representava também, em alguns momentos, versar sobre a escravidão. Jovita, por sua vez, não era uma mulher branca. Ela foi descrita, em alguns documentos, como de “um tipo índio”¹². Neste sentido, *O Diário de S.*

¹⁰ “A heroína brasileira”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 set. 1865, p.2.

¹¹ *Idem*.

¹² Como analisou Norma Wimmer, na obra “Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa” publicada anonimamente por Damiano de Góis com o pseudônimo “Um Fluminense”, Jovita é descrita como

Paulo publicou, por exemplo, uma passagem intitulada “O roceiro da capital”, assinada por “Compadre Segismundo”, e destinada a outro personagem chamado “Compadre”:

“O compadre que já andou na guerra do Sul, onde diz que foi baleado por detrás , tire-me uma dúvida, a praça Jovita é soldado, ou é soldada? Foi nomeada sargento: a companhia há de ficar bem sargenteada. É sargento, ou é sargenta? É soldado que vai para a guerra, ou é a guerra que vai para o soldado?¹³”

A presença ou somente a possibilidade de Jovita seguir como combatente, e ocupar este lugar masculino, é provocadora e gera debates em relação à posição entre feminino e masculino com questões como “é soldado ou soldada?” ou “é sargento ou sargenta?”. Outra personagem da correspondência é comadre Cecília, aparentemente companheira do Compadre Segismundo:

“Com o exemplo de Jovita, uma grandíssima negra da Bahia, não se apresentou também como voluntário da pátria? Isto só o tronco compadre. Parece que houve nestas últimas datas, muita gente disposta a ir para a campanha tomar posição. Diga à comadre Cecília, que cuidado com suas negras; podem todas elas querer pegar na reúna.”

A participação de Jovita no conflito, para além de nos permitir uma análise pela categoria de gênero, também nos possibilita investigar a questão racial presente nos debates internos e externos. Jovita nos é apresentada pelo trecho como “uma grandíssima negra da Bahia”, e ao finalizar sua espécie de correspondência, o personagem Compadre Segismundo alerta a comadre Cecília a ter “cuidado com suas negras”. Neste trecho, a imagem de Jovita não envolve uma figura patriota, mas um mau exemplo para outras mulheres negras que poderiam “querer pegar na reúna”. Há também um aparente medo de se perder o controle em relação às mulheres escravizadas, e que estes sujeitos se rebelem e peguem em armas, seguindo o exemplo de Jovita. Ou seja, ainda que suas ações fossem consideradas como patrióticas, não eram os atos esperados de uma mulher e de uma não-branca. Como argumentamos no terceiro e quarto capítulos, muitas das imagens formuladas na imprensa brasileira sobre as paraguaias traziam, nos detalhes, referências com sentidos étnicos e raciais. As paraguaias, muitas vezes, não eram mulheres brancas, e traziam consigo características étnicas, culturais e sociais com origens na cultura indígena guarani. Misturadas com a condição da classe social, pois também eram das camadas populares, a questão racial

“tipo índio”. A obra envolve uma entrevista feita com a voluntária da pátria e foi publicada em 1865. WIMMER, Norma. *Op Cit.*, p 195-196.

¹³ “O roceiro da capital”, *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 1 out. 1865, p.2.

foi também mobilizada para tecer críticas à participação dessas mulheres ao longo do conflito. Construídas com os pés despidos ou chamadas de “bravias”, as imagens feitas sobre paraguaias foram mobilizadas pela imprensa brasileira para estabelecer uma relação entre escravidão e uma tirania governada por López.

Após o *boom* de notícias e comentários sobre a voluntária nos últimos meses de 1865, sua imagem acabou sendo esquecida por um tempo. Até que, em 1867, rumores sobre o suicídio de Jovita trazem a figura da jovem voluntária à tona novamente. O *Correio Mercantil*, da Corte, comentou, por exemplo, que devido aos “torpes amores”, “a pobre Jovita enterrara no seio o punhal e recostara a cabeça na laje do sepulcro”¹⁴. Nesta narrativa, a voluntária da pátria transformou-se em voluntária da morte. Sua vida estaria marcada por rejeições: fora rejeitada pela própria família, depois pela guerra e, por último, por seu amante¹⁵. O suicídio da voluntária teria, assim, sido fruto de uma desilusão amorosa, reforçando nosso argumento de que histórias de mulheres que atuaram na guerra dificilmente foram narradas sem a menção à algum homem que a provocou. Outra hipótese construída por contemporâneos foi que Jovita teria falecido durante a Batalha de Campo Grande, em 16 de agosto de 1869. Como uma espécie de Joana d’Arc brasileira, nesta versão, a brasileira teria falecido em meio aos incêndios causados durante a batalha para salvar crianças paraguaias¹⁶. Assim, como defendemos no quarto capítulo, narrativas visuais e textuais são frutos de escolhas e também de silêncios. A violência contra mulheres pode, em momentos, ser evidenciada, bem como pode não ser considerada. Mobilizar essas figuras femininas, ou de outros sujeitos como as crianças, e o furor da guerra na imprensa, como argumentamos, foi parte componente das disputas pelos sentidos políticos e culturais tanto sobre o conflito, quanto sobre as próprias relações de gênero.

Ainda que de diferentes nacionalidades, de lados opostos nesta guerra, Jovita e mulheres paraguaias tiveram suas figuras comentadas com o uso das mesmas referências: amazona, Joana d’Arc, Carlota Corday, Madame Roland, entre outras¹⁷. Por quais motivações, nos questionamos, as imagens de elementos de forças antagônicas serem formuladas com narrativas tão semelhantes? Mesmo naquele contexto de disputa entre Paraguai e Império, os jornais brasileiros, com tinta e olhar masculinos, não se esqueceram

¹⁴ “Jovita”, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 out. 1867, p. 3.

¹⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Op. Cit.*..., p. 108.

¹⁶ WIMMER, Norma. Jovita: a donzela guerreira da Guerra do Paraguai... *Op. Cit.*..., p.196-197.

¹⁷ CARVALHO, José Murilo. *Op. Cit.*..., p.29-28.

do gênero de Jovita ao forjarem sua imagem. Ainda que de diferentes nacionalidades, as narrativas masculinas publicadas na imprensa sobre as mulheres paraguaias e Jovita contam com semelhanças relacionadas ao tratamento de gênero. Em muitos momentos, como buscamos expor, podemos notar que a categoria de gênero ultrapassa o discurso da nação e da identidade nacional. Os locais e funções a serem ocupadas pelas mulheres não era, para esses escritores, militares e jornalistas, na guerra e, especialmente, não era no espaço público, onde poderiam realizar discussões e intervir politicamente. É importante, assim, ressaltar que a categoria de “gênero” foi central e reforçada nas páginas dos jornais brasileiros no que se diz respeito às brasileiras e às paraguaias. Se a nacionalidade as separava, o gênero as unia.

Desse modo, para além de produzir reflexões, argumentos ou conclusões, nossa pesquisa procurou evidenciar que novos caminhos e questões podem ser colocados para o tema da guerra. Ainda que a historiografia tenha se renovado e, assim, apresentado novas experiências de sujeitos inéditos, podemos e devemos nos atentar para os silêncios que se mantém. A voluntária Jovita é somente uma das muitas mulheres brasileiras que viveram e atuaram na guerra. Como viveram as vivandeiras? Teriam as enfermeiras uniformes tão exemplares quanto os que vimos nas narrativas visuais e textuais publicadas na imprensa? Ou ainda, como era o cotidiano das esposas, das prostitutas, das prisioneiras em meio aos soldados? E o futuro incerto daquelas que ficaram viúvas? Essas são algumas das questões que historiadores e, principalmente, historiadoras têm tentado responder. Vale, então, ressaltar que novas pesquisas com investigações aprofundadas sobre estes diferentes sujeitos são possíveis e ainda necessárias.

REFERÊNCIAS

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALENCASTRO, Luis Felipe (org.). *A História da vida privada no Brasil – Volume II*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1993.
- ARAÚJO, Johnny Santana de. O jornal publicador maranhense e a construção da guerra do Paraguai 1865-1868. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História*, [S. l.], v. 18, n. 32, p. 278–297, 2021.
- ARAÚJO, Tiago Gomes de. *A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Tese Doutorado, Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB), Brasília, 283 p., 2012.
- ARECES, Nidia R. Terror y Violencia Durante La Guerra Del Paraguay: ‘La Masacre de 1869’ y Las Familias de Concepción, *Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y Del Caribe / European Review of Latin American and Caribbean Studies*, no. 81, Centrum voor Studie en Documentatie van Latijns Amerika (CEDLA), p. 43–63, 2006.
- BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*, Campinas, SP, Editora Unicamp, 2009.
- BARATTA, María Victoria. ¿Aliados o enemigos? Las representaciones de Brasil en el debate público argentino durante la Guerra del Paraguay (1864-1870), *Revista de História USP*, São Paulo, n. 172, p. 43-75, jan.-jun., 2015.
- _____. *La guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional*, 1ª ed, Ciudad Autónoma de Buenos Aires : SB, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CAPDEVILA, Luc. *Una guerra total: Paraguay, 1864-1870. Ensayo de historia del tiempo presente*. Trad. de Ana Couchonnal, Asunción, Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica-Buenos Aires, Ed. Sb, 2010, 542 pp.

_____ O gênero da nação nas gravuras da imprensa de guerra paraguaia: Cabichuí e El Centinela, 1867-1868. *Artcultura*, [S. l.], v. 9, n. 14, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *Jovita Alves Feitosa: voluntárias da pátria, voluntárias da morte*, Chão Editora, 2019.

COLI, Jorge. O sentido da batalha: Avahy, de Pedro Américo. *Projeto História* (artes da história & outras linguagens), São Paulo, n.24, p.120, jun. 2002.

_____ *Como estudar a arte brasileira do século XIX?*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Pintura, historia e herois no seculo XIX: Pedro Americo e "Tiradentes Esquartejado"*. 365p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, Campinas, SP, 2005.

_____ A pintura de história no Brasil do século XIX: Panorama introdutório. *Arbor*, [S. l.], v. 185, n. 740, p. 1147–1168, 2009,

DE LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.

DINIZ, Alai Garcia. "O corpo feminino no imaginário da Guerra do Paraguai", *Travessia* - Revista de literatura, Florianópolis, n.32, 1996.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 617 p.

_____ *História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. Nuevos Mundos Mundos Nuevos*, Coloquios, 2009.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai*. Dissertação de Mestrado em História pela UFMT, Dourados, 2002.

ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.

FLORES, Isadora Luiza Francisca Alves Flores. "*Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil!*": *A Semana Ilustrada de Henrique Fleiuss e a Guerra da Tríplice Aliança*. Rio de

Janeiro. 1865-1870. Trabalho de Conclusão de Curso - História - UNILA, Foz do Iguaçu, 2015

GOMES, Nathan. A fascinação do patriotismo: cultura visual, relações de gênero e cidadania no Brasil (1864-1873), *Revista de História da Arte e da Cultura*, Campinas, V.2, n.1, jan-jun. 2021.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1760: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IZECKSOHN, Vitor. Resistência ao recrutamento forçado para o Exército durante as guerras Civil e do Paraguai: Brasil e Estados Unidos nas décadas de 1860, *Estudos Históricos*, v.1, nº27, Rio de Janeiro, 2001.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do Trabalho e relações sociais do sexo. In: HIRATA, Helena. LABORIE, Françoise, DOARÉ, Hélène le. SENOTIER, Danièle. *Dicionário Crítico do Feminismo*, São Paulo, Editora Unesp, 2009.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*, Tese de Doutorado pela Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006

MAESTRI, Mário. *A Guerra no papel: História e historiografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*, Passo Fundo: PPGH/UPF, 2013.

MOREIRA, Mary Monte de López. *Pancha Garmendia*, El Lector, Asunción, 2013.

NORBERT, Elias. *O Processo Civilizador - Uma história dos costumes*, v.1 -2.ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ORTOLAN, Fernando Lóris. “Acabou a Guerra...de volta ao lar”: Representações das mulheres na imprensa paraguaia durante e após a Guerra do Paraguai (1864-1904), *Revista Ágora*, Vitória, nº5, 2007, p.1-19.

_____. Imagens do feminino na Guerra do Paraguai, *MÉTIS: história & cultura*, v.5, n.9, p.83-95, jan/jun, 2006.

PEDRO, Joana Maria. *As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Capdevila*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 81-102, Apr. 2005.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*, Bauru, EDUSC, 2005

POMER, León. *La guerra del Paraguay: ¡gran negocio!*, Buenos Aires, Ed. Caldén, 1968.

POTTHAST, Barbara. Residentas,destinadas y otras heroínas: el nacionalismo paraguayo y el rol de las mujeres en la Guerra de La Triple Alianza IN: SCARZANELLA, Eugenia (Org.)

Mujeres y naciones en América Latina. Problemas de inclusión y exclusión. Madrid, Iberoamericana, 2001.

_____Algo más que heroínas: varias roles y memorias femeninas de la Guerra de La Triple Alianza, *Revista Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.10 n.1, p.89-104, 2006.

_____Entre lo invisible y lo pintoresco: las mujeres paraguayas en la economía campesina (siglo XIX), *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, Jan. 2003.

_____“Niños soldados y niñas famélicas en la Guerra del Paraguay”, in: Potthast, B. / Carreras, S. (Eds.), *Entre familia, sociedad y estado: Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX y XX)*, Vervuert / Iberoamericana 2005, p. 89-114.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina, *Revista Bras, de Hist.*, São Paulo, v.12 n° 23/24, set. 1991/ago. 1992, p. 80.

QUEIRÓZ, Silvânia de. *Revisando a revisão: Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai de J. J. Chiavenato*, Porto Alegre: Editora Clube dos Autores, 2014.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes(org.). *Cultura Histórica em Debate* São Paulo: UNESP, 1995.

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in)voluntários da Pátria, a Guerra do Paraguai (A participação da Bahia no conflito)*. Dissertação de mestrado. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2001.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

_____ *Guerra do Paraguai, Memórias e Imagens*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003. 254 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A batalha do Avaí: a beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013. 169 p..

SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *A Noite das Kygua Vera: A mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra do Tríplice Aliança (1867-1904)*. 1998. 207 p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

SILVIA, Natalia Neres da. *Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elysa Lynch*. Dissertação de mestrado em História Social pela USP, São Paulo, 2009, p. 39.

SILVEIRA, Mauro César. O inimigo na trincheira: a imagem dos aliados nas páginas dos jornais brasileiros e argentinos na guerra contra o Paraguai. *Revista História: debates e tendências*, v.15, n.2, p.307-320, 17 dez. 2015.

_____ "Madame Lynch e as mulheres nos campos de batalha", In: *Adesão Fatal: a participação portuguesa na Guerra do Paraguai*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.

SOIHET, Rachel, PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero, *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, no 54, p. 281-300 - 2007,

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte, UFMG, 2004.

SOUZA, Karen Fernandes Rodrigues de. *As cores do traço. Paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Ilustrada (1869-1876)*. Dissertação de mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

SQUEFF, Leticia. *Uma galeria para o império: a Coleção Escola Brasileira e as origens do Museu Nacional de Belas Artes*. São Paulo, EDUSP, 2012.

TABET, Paola. Mãos, instrumentos e armas. In: *O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole Claude Mathieu / organizadoras: Verônica Ferreira... [et al.]* – Recife: SOS Corpo, 2014.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 287-296, Ago. 1995.

_____ *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

TORRES, María Inés de. *La Nación tiene cara de mujer? Mujeres y nación en el imaginario letrado del Uruguay del siglo XIX*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

WIMMER, Norma. Jovita: a donzela guerreira da Guerra do Paraguai, *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v.11, n°2, jun.dez., 2019,

ZICMAN, Renée B. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, v.4, p.89-102, 1985.